

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

Aquifer Open Bible Dictionary

This work is an adaptation of Tyndale Open Bible Dictionary © 2023 Tyndale House Publishers, licensed under the CC BY-SA 4.0 license. The adaptation, Aquifer Open Bible Dictionary, was created by Mission Mutual and is also licensed under CC BY-SA 4.0.

This resource has been adapted into multiple languages, including English, Tok Pisin, Arabic (عربي), French (Français), Hindi (हिंदी), Indonesian (Bahasa Indonesia), Portuguese (Português), Russian (Русский), Spanish (Español), Swahili (Kiswahili), and Simplified Chinese (简体中文).

Dicionário Bíblico (Tyndale)

N

Naã, Naalal, Naaliel, Naalol, Naamã, Naamá (Lugar), Naamá (Pessoa), Naamani, Naamanita, Naamatita, Naarã, Naarã, Naara (Pessoa), Naarai, Naarai, Naarate (Lugar), Naás, Naate, Nabal, Nabateus, Nabi, Nabote, Nabucodonosor, Nações, Nacom, Nacom, Nadabe, Nafis, Nafote-Dor, Naftali (Pessoa), Naftali, Monte de, Naftali, Tribo de, Naftuim, naftuítas, Nagai, Naim, Naiote, Nanea, Não meu povo, Naor (Lugar), Naor (Pessoa), Narciso (Pessoa), Narciso (Planta), Nardo, Espicardente, Nascer de Novo, Nascimento virginal de Jesus, Nasom, Nasom, Nasom, Natã, Natã-Meleque, Natanael, Natanael, Netanel, Natural, Homem, Naum (Pessoa), Naum, Livro de, Navalha, Navios e transporte marítimo, Nazaré, Nazareno, Nazarenos, Nazireu, Neá, Neápolis, Nearias, Nebai, Nebaiote, Nebalate, Nebate, Nebo (Divindade), Nebo (Lugar), Nebo (Pessoa), Nebusazbã, Nebuzaradã, Neco, Necoda, Necromante, Necromancia, Nedabias, Neelamita, Neemias (Pessoa), Nefegue, Nefilins, Nefisim, Nefuseus, Nefusesim, Nefusim, Negebe, Negev, Nequina, Nequinote, Neiel, Neilote, Nemuel, Nemuelita, Nequebe, Ner, Nereu, Nergal, Nergal-Sarezer, Neri, Nerias, Nero, Nesias, Netaim, Netanias, Netineus, Netofate, Netofatita, Neum, Neusta, Neustã, Nezibe, Nibaz, Nibsã, Nicanor, Nicodemos, Nicolaítas, Nicolau, Nicópolis, Níger, Ninfa, Ninhada, Nínive, Ninivita, Ninra, Ninrim, Águas de, Ninrode, Ninsi, Nisã, Nisroque, Nô-Amom, Nô-Amon, Noá (Lugar), Noá (Pessoa), Noadías, Noba (Lugar), Noba (Pessoa), Nobe, Nodabe, Nodabitas, Node, Noé, Noemi, Nofa, Nofe, Nogá, Nogueira, Noite, Noitibó, Noiva de Cristo, Noiva e Noivo, Noivado, Noivado, Nomes De Deus, Nomes, Significado de, Nora, Norte, Região do Norte, Nova aliança, Nova criação, Nova criatura, Nova Jerusalém, Novilha, Novilha vermelha, Novo, Novo homem, Nova pessoa, Novo mandamento, Novo Nascimento, Novo nascimento, Novo Testamento, Novo Testamento, Cânon do, Novo Testamento, Cronologia do, Novos céus e nova terra, Noz, Num, Numênio, Números e Numerologia, Números, Livro de, Núpcias, Nuvem, Pilar de, Nuzi, Tábulas de Nuzi

Naã

1. Descendente de Calebe, da tribo de Judá ([1Cr 4.15](#)).
2. Chefe judaíta e irmão da esposa de Hodias ([1Cr 4.19](#)).

Naalal

Cidade no território de Zebulom ([Js 19.15](#)), dada aos levitas como herança ([21.35](#)). A tribo de Zebulom não conseguiu expulsar os cananeus da cidade, então os submeteu a trabalhos forçados ([Jz 1.30](#), "Naalol"). A localização exata da cidade é desconhecida. Algumas possíveis localizações incluem Tell el-Beida, ao sul da moderna Naalal, e Tell en-Nahl, ao norte do rio Quisom e perto da extremidade sul da planície de Acco, perto da moderna Naalal.

Veja também Cidades levíticas.

Naaliel

Um local de acampamento temporário para os israelitas durante suas peregrinações no deserto. Ficava a leste do Mar Morto, na região de Moabe, entre Matana e Bamote ([Números 21.19](#)).

Veja também Peregrinações no deserto.

Naalol

Uma cidade de Zebulom, em [Juizes 1.30](#). *Veja* Naalal.

Naamã

1. O neto de Benjamim e filho de Bela, que deu seu nome ao clã naamita ([Gn 46.21](#); [Nm 26.38-40](#); [1Cr 8.4.7](#)).

2. O general comandante do exército arameu durante o reinado de Ben-Hadade, rei da Síria ([2Rs 5](#)). O rei o respeitava por seu caráter e sucessos militares, mesmo que ele tivesse lepra. Isso não o excluía da sociedade, como teria acontecido em Israel (compare [Lv 13-14](#)). Ben-Hadade permitiu que ele levasse presentes à corte de seu rei vizinho muito desconfiado. Esse rei provavelmente era Jeorão. Eliseu, o profeta, interveio e exigiu um método improvável de cura. O relutante Naamã seguiu em frente. Seus servos disseram: "Se o profeta tivesse lhe dito para fazer alguma grande coisa, você não teria feito?" Naamã então confessou que o único Deus verdadeiro está em Israel. Ele voltou para casa com duas cargas de mula (a quantidade que uma mula pode carregar) de terra, pensando que só poderia adorar esse Deus em seu próprio solo (compare [Êx 20.24](#)). Em [Lucas 4.27](#), Jesus lembra aos ouvintes da sinagoga que Naamã, um não-israelita, foi o único de seu tempo a ser purificado da lepra.

Naamá (Lugar)

Uma das 16 cidades localizadas na Sefelá atribuídas à tribo de Judá como herança, mencionada entre Bete-Dagom e Maquedá ([Js 15.41](#)).

Naamá (Pessoa)

1. Uma filha de Zila e Lameque na lista dos descendentes de Caim ([Gn 4.22](#)).
2. Uma das esposas do Rei Salomão. Ela era de Amom ([1Rs 14.21,31](#); [2Cr 12.13](#)). É certo que ela teve responsabilidade parcial pela idolatria de Salomão. Seu filho Roboão governou Judá após a morte de Salomão ([1Rs 14.21-24](#)).

Naamani

Um dos principais oficiais que retornou com Zorobabel à Palestina após o exílio ([Ne 7.7](#)). Seu nome é omitido na lista paralela de oficiais que retornaram em [Esdras 2.2](#).

Naamanita

Qualquer descendente de Naamã, filho de Bela, da tribo de Benjamim ([Nm 26.40](#)).

Veja Naamã #1.

Naamatita

Todo residente de Naamá, no noroeste da Arábia. Zofar, um dos amigos de Jó, era um naamatita ([Jó 2.11](#); [11.1](#); [20.1](#); [42.9](#)).

Naarã

Nome alternativo para Naarate, uma cidade fronteira de Efraim, em [1 Crônicas 7.28](#). *Veja* Naarate (Lugar).

Naarã

Grafia Naarate, uma cidade fronteira de Efraim, em [1 Crônicas 7.28](#). *Veja* Naarate (Lugar).

Naara (Pessoa)

Uma das duas esposas de Azur, que lhe deu quatro filhos ([1Cr 4.5,6](#)).

Veja também Criada, Moça.

Naarai

Um dos valentes do rei Davi ([1Cr 11.37](#)). Ele pode ter sido a mesma pessoa que Paarai ([2Sm 23.35](#)).

Naarai

Um dos valentes do rei Davi. Ele também era o escudeiro de Joabe. Naarai era da cidade de Beerote ([2Sm 23.37](#); [1Cr 11.39](#)).

Naarate (Lugar)

Cidade na fronteira oriental da tribo de Efraim, ao norte de Jericó ([Is 16.7](#)); também chamada de Naarã em [1 Crônicas 7.28](#). Josefo a localiza perto de Jericó e a associa a um abundante suprimento de água nos dias de Arquelaus (*Antiguidades* 17.13.1). Alguns situam Naarate na moderna Tell el-Gisr, perto de 'Ain Duq, ao pé das montanhas a noroeste de Jericó. Uma sinagoga datada do quarto ou quinto século d.C. foi escavada neste lugar; ela contém um piso de mosaico com um zodíaco, uma arca da lei e outras figuras.

Naás

1. Um rei dos amonitas. Ele atacou a cidade de Jabes-Gileade durante o reinado de Saul em Israel. O povo da cidade pediu para fazer um tratado de paz. Naás concordou, mas somente se ele pudesse arrancar o olho direito de cada homem. Ele queria envergonhar todo Israel ([1Sm 11.1-2](#); [12.12](#)). O povo de Jabes pediu sete dias para encontrar ajuda. Durante esse tempo, eles enviaram uma mensagem a Saul. Saul reuniu o exército de Israel e resgatou a cidade. Seu exército derrotou os amonitas. Mais tarde, Naás mostrou bondade a Davi. Mas quando Naás morreu, seu filho Hanum se tornou rei. Hanum ouviu conselhos ruins e insultou os mensageiros de Davi ([2Sm 10.2](#); [1Cr 19.1-2](#)).

2. O pai de Abigail e Zeruia ([2Sm 17.25](#)). Essas mulheres também eram chamadas de filhas de Jessé e irmãs de Davi e seus irmãos em [1 Crônicas 2.16](#). Para explicar a diferença, alguns pensam que a esposa de Naás se casou com Jessé após a morte de Naás. Ela então deu à luz Davi com seu segundo marido, Jessé.
3. O pai de Sobi, de Rabá. Sobi era de Rabá, a principal cidade dos amonitas. Ele ajudou Davi quando Davi fugiu de Absalão. Sobi trouxe suprimentos para Davi e seus homens ([2Sm 17.27](#)). Este Naás pode ser a mesma pessoa mencionada como #1 acima.

Naate

1. Chefe de um clã em Edom e primogênito de Reuel ([Gn 36.13.17](#); [1Cr 1.37](#)).
2. Levita da família de Coate e neto de Elcana ([1Cr 6.26](#)).
3. Levita que supervisionou o templo durante o reinado do rei Ezequias ([2Cr 31.13](#)).

Nabal

Um agricultor rico e bem-sucedido de Maom, no deserto ao sul de Judá. Ao contrário de seu piedoso antepassado Calebe, Nabal era duro de coração e perverso em todos os seus caminhos ([1Sm 25.3](#)).

Quando ele entra na história de Davi ([1Sm 25](#)), é época de tosquia de ovelhas, que parece ter sido um tempo de festividade e hospitalidade. Fugindo de Saul, que queria matá-lo, Davi decidiu pedir a Nabal um presente, não apenas para marcar a ocasião, mas também porque a presença de Davi na área havia servido para proteger os rebanhos de Nabal. Nabal recusou de maneira extremamente insultuosa, sugerindo que Davi não era melhor do que um escravo fugitivo.

Davi decidiu se vingar. Mas Abigail, a esposa perspicaz de Nabal, salvou Nabal trazendo a Davi os presentes que ele havia pedido e implorando para que ele não manchasse seu histórico agindo com raiva. Davi concordou. No entanto, quando Nabal soube o que havia acontecido, foi acometido

por algo que parece ter sido um derrame e morreu 10 dias depois.

Nabal, cujo nome significa "tolo", serve como um lembrete da profunda insensatez de se opor a Deus. Foi o próprio Deus, e não Davi, quem se vingou.

Nabateus

Habitantes de um reino independente que fazia fronteira com a Judeia, que existiu de 169 a.C. até 106 d.C. Os leitores da Bíblia e das histórias tradicionais muitas vezes os ignoram por duas razões: suas realizações são descobertas recentes, e eles floresceram em um período em que outros grandes eventos, incluindo a vida de Cristo e o início da igreja, ofuscaram significativamente sua existência.

Os judeus e nabateus da era helenístico-romana compartilhavam fronteiras e políticas. A mãe de Herodes, o Grande, filho do governante idumeu Antípatro, era nabateia. Herodes fugiu para Petra, a capital nabateia, em 40 a.C., quando os partas atacaram Jerusalém. As relações entre os dois reinos foram fortalecidas pelo casamento, na geração seguinte, de Herodes Antipas com uma filha do poderoso rei nabateu Aretas IV (9 a.C.–40 d.C.); as relações se deterioraram novamente devido ao seu divórcio para se casar com sua sobrinha e cunhada, Herodias.

O NT alude à extensão da influência nabateia na região, quando Paulo conta sobre sua fuga estreita da prisão após seu retorno do deserto árabe: “Em Damasco, o governador nomeado pelo rei Aretas montou guarda na cidade... para me prender, mas, num grande cesto, me desceram... e assim me livre das mãos dele” ([2Co 11.32–33](#), NTLH).

As origens dos nabateus são obscuras. Os restos mais conhecidos da cultura nabateia são os monumentos funerários de Petra. Inscrições aramaicas são abundantes, padronizadas em moedas e itens dedicatórios, com papiros e óstracos (cacos) revelando uma variação cursiva que antecipa a escrita árabe. A adoção da língua aramaica e das divindades sírias demonstra o pragmatismo com que também se adaptaram ao seu ambiente hostil. Somente seus herdeiros bizantinos se aproximaram de sua engenhosidade para capturar água preciosa e sustentar a vida em uma região árida. A viagem de caravanas foi aprimorada, e o controle permanente delas só foi possível graças à engenharia habilidosa.

A referência histórica mais antiga aos nabateus os associa a Antígono, sucessor de Alexandre na Síria (312 a.C.). A sucessão de reis conhecidos começa com Aretas I, por volta de 170 a.C. ([2Mc 5.8](#)). Josefo escreve que por volta de 100 a.C. os cidadãos de Gaza procuraram “Aretas [II], rei dos árabes,” para obter ajuda contra Alexandre Janeu. Aretas III controlou Damasco (80–70 a.C.).

A era dourada em Petra durou de 50 a.C. a 70 d.C. e incluiu os reinados de Malico I e Obodas II (período de Herodes, o Grande), Aretas IV e Malico II. O governo de Rabbel II marca o fim do Reino Nabateu. Seu predecessor, Malico III, havia movido a capital para Bostra, a cerca de 112 quilômetros a leste da Galileia. Esta, por sua vez, tornou-se a capital da província romana da Arábia, após as conquistas de Trajano, em 106 d.C. Os nabateus foram absorvidos pela população, enquanto seu alfabeto distintivo continuou até o quarto século.

Vea também Petra.

Nabi

Filho de Vofsi. Nabi era o líder da tribo de Naftali. Ele também foi um dos 12 espiões que Moisés enviou para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.14](#)).

Nabote

Proprietário de uma vinha que Acabe, rei de Israel, cobiçou (veja a história em [1Rs 21](#)). O pedido de Acabe talvez não fosse irracional, e a recusa de Nabote pode ter sido um pouco brusca. Enquanto Acabe amuava, no entanto, Jezabel fez com que dois patifes acusassem Nabote de blasfêmia, o maior crime que um israelita poderia cometer, punível com a morte ([Lv 24.10–23](#)). Duas testemunhas garantiram uma condenação, de acordo com a lei de Moisés ([Dt 17.6–7](#)). O assassinato que foi realizado teve a aparência de ser uma execução legal e justa. Um jejum foi proclamado e realizado de acordo com as instruções reais. A acusação e julgamento de Nabote foram supervisionados pelos anciãos da cidade, e ele foi apedrejado até a morte de acordo com a lei.

No entanto, o profeta Elias conhecia a verdadeira maldade por trás do ato. Ele confrontou Acabe e profetizou que ele, Jezabel e toda a sua família seriam exterminados por causa disso.

As palavras se tornaram realidade. Acabe obteve um alívio temporário quando se arrependeu, mas foi posteriormente morto em batalha ([1Rs 22.34-40](#)). O sangue de Jezabel foi realmente lambido por cães ([2Rs 9.36](#)), e o corpo de Jorão, filho deles, foi lançado na vinha de Nabote (v. [25](#)).

Nabucodonosor

Um governante babilônico que foi um dos reis mais poderosos dos tempos antigos. Ele governou a Babilônia de 605 a 562 a.C. Nabucodonosor é mais famoso por capturar e destruir a cidade de Jerusalém em 586 a.C. Nabucodonosor tornou-se o maior governante do que os historiadores chamam de Império Neo-Babilônico (significando "novo Império Babilônico"), que durou de 612 a 539 a.C. Seu pai, Nabopolassar, foi o primeiro rei deste império.

Conquistas e controle de Judá

De acordo com registros históricos, Nabucodonosor conquistou uma área chamada "terra de Hati", que incluía todas as terras da Palestina e Síria, incluindo o reino de Judá. Faraó Neco do Egito havia colocado Jeoaquim no poder como rei de Judá ([2Rs 23.34](#)). A princípio, Jeoaquim concordou em servir sob o domínio de Nabucodonosor ([24.2](#); cf. [Dn 1.1-2](#)). Após três anos, Jeoaquim se rebelou contra Nabucodonosor.

Quando Jeoaquim morreu, seu filho Joaquim tornou-se o novo rei ([2Rs 24.6](#)). Joaquim reinou por apenas três meses. Nabucodonosor veio a Jerusalém em 598 a.C. e levou Joaquim para Babilônia como prisioneiro (vv. [10-17](#)). Nabucodonosor fez do tio de Joaquim, Matanias, o novo rei. Ele lhe deu o nome de Zedequias ([2Rs 24.17](#); [2Cr 36.10](#)).

Zedequias se rebelou contra o rei da Babilônia ([2Rs 24.20](#)). Os exércitos de Nabucodonosor cercaram a cidade de Jerusalém e a atacaram. O exército capturou Zedequias. Ele foi levado a Nabucodonosor em Ribla, onde os filhos de Zedequias foram mortos na sua frente. Ele foi então cegado, amarrado e levado para Babilônia como prisioneiro ([25.6-7](#)). O exército de Nabucodonosor roubou itens do templo e depois o incendiou. Eles destruíram as muralhas da cidade. Roubaram bens da cidade e a queimaram até o chão (vv. [9-17](#)). As pessoas mais importantes de Judá foram mortas ou forçadas a sair e viver como prisioneiras na Babilônia.

Nabucodonosor deixou o pequeno grupo de pessoas que restou em Judá sob a liderança de um governador chamado Gedalias. No entanto, alguém matou Gedalias. Após isso, o povo judeu fugiu para o Egito em busca de segurança. Tanto Jeremias quanto Ezequiel profetizaram que Nabucodonosor invadiria o Egito ([Jr 43.8-13](#); [46.13-24](#); [Ez 29-32](#)). Um antigo historiador judeu chamado Josefo escreveu que esse ataque ao Egito aconteceu no 23º ano de Nabucodonosor como rei (por volta de 582/581 a.C.). No entanto, historiadores encontraram uma antiga inscrição quebrada que conta uma história diferente. Esta inscrição é do 37º ano de Nabucodonosor como rei (por volta de 568/567 a.C.) e diz que ele derrotou o Egito durante o governo de um rei egípcio chamado Amasis.

Projetos de construção na Babilônia

Embora Nabucodonosor tenha vencido muitas batalhas, ele também é famoso pelas grandes construções que ergueu na cidade de Babilônia. Nabucodonosor uma vez se gabou, "Não é esta a grande Babilônia, que eu mesmo construí com o poder da minha força como morada real e para a glória da minha majestade?" ([Dn 4.30](#)). Um de seus projetos mais famosos foi chamado de Jardins Suspensos da Babilônia. Escritores antigos consideravam esses jardins como uma das sete estruturas mais incríveis do mundo naquela época. Nabucodonosor os construiu para sua rainha, que vinha de um país chamado Média, onde havia muitas montanhas. Os jardins foram construídos em plataformas elevadas, como degraus subindo, para ajudar sua rainha a se sentir menos saudosa de sua terra natal montanhosa.

Nabucodonosor no livro de Daniel

Os eventos do livro de Daniel se concentram na Babilônia e Nabucodonosor. Daniel estava entre os prisioneiros levados para Babilônia em 605 a.C. Daniel tornou-se conhecido por Nabucodonosor por causa de um sonho especial que o rei teve. Nenhum dos sábios ou adivinhos do rei conseguiu explicar o significado do sonho (cap. [2](#)). Mas Deus mostrou a Daniel o significado do sonho. Neste sonho, o rei viu uma estátua de um humano. Esta estátua representava diferentes reinos que governariam, começando com o Império Babilônico de Nabucodonosor e continuando até o momento em que o Messias (o líder escolhido por Deus) viria para governar.

Nabucodonosor ergueu uma grande estátua humana com 27 metros de altura e 2,7 metros de largura. Qualquer pessoa que não adorasse a imagem seria punida com morte pelo fogo. Os três amigos de Daniel (Sdraque, Mesaque e Abednego) recusaram-se a se curvar diante da estátua, então Nabucodonosor os lançou em uma fornalha ardente. Mas Deus os salvou, e eles saíram do fogo completamente ilesos (cap. 3).

O rei teve outro sonho sobre uma grande árvore que foi cortada, mas depois brotou do toco ([4.4-27](#)). Novamente, os "homens sábios da Babilônia" não sabiam o que o sonho significava. Daniel explicou a Nabucodonosor o significado do sonho. Por causa do orgulho de Nabucodonosor, Deus o humilharia por sete anos (vv. [28-33](#)).

Veja também Babilônia; Daniel, Livro de.

Nações

Grupos formados com base em interesses políticos, sociais ou em parentesco. Geralmente, a palavra "nações" implica povos do mundo além dos hebreus, embora também possa incluir os judeus.

Origens

O livro de Gênesis atribui aos três filhos de Noé a origem das várias "famílias" ou grupos étnicos (cerca de 70 ao todo) que habitavam as regiões do Mediterrâneo oriental ([Gn 10](#)). A narrativa pressupõe que cada grupo tem sua própria localização geográfica e linguagem individuais (vv. [5.20.31](#)). A história da torre (zigurate) de Babel, cujo pico deveria alcançar o céu (cap. [11](#)), explica que grupos étnicos foram separados por barreiras linguísticas e espalhados geograficamente para que eles não pudessem colaborar em empreendimentos presunçosos.

Paulo, em seu sermão em Atenas, assume que as várias nações tinham uma origem comum, assim como o escritor de Gênesis fez, e aceita como parte do projeto de Deus o fato de que as nações deveriam ser separadas por fronteiras geográficas ([At 17.26](#)). O profeta Sofonias aguardava o dia em que Deus reverteria este estado de coisas e faria com que todas as nações falassem um idioma ([Sf 3.9](#)). O escritor de Apocalipse, em sua visão do novo céu e da nova terra, viu essas fronteiras naturais abolidas. As nações se misturam livremente na nova Jerusalém ([Ap 21.22-26](#)).

A distinção entre "Israel" e "as nações" não é clara. "Israel" evoluiu de vários grupos étnicos, e várias das "nações" traçaram suas origens até figuras proeminentes na comunidade israelita. Abraão, o pai da nação judaica, viveu em Ur dos caldeus na região do delta do vale do Tigre-Eufrates. Com seu pai, ele migrou para o norte para Harã, e finalmente para o sudoeste, para a terra de Canaã ([Gn 11.31-12.9](#)). [Deuteronômio 26.5](#) ("um arameu errante era meu pai") sugere que a residência de Abraão ficava no distrito da Mesopotâmia conhecido como Aram-naharaim. Quando Abraão entrou em aliança com Deus, Deus lhe deu o símbolo do relacionamento da aliança: a circuncisão. Os estrangeiros comprados como escravos eram circuncidados, incluindo-os assim na comunidade da aliança. Quando Moisés levou os israelitas para fora do Egito para o deserto, uma multidão mista também subiu com eles ([Êx 12.38](#)), o que sugere novamente que as pessoas não relacionadas biologicamente, no entanto, se identificaram com o povo de Israel.

A nação de Israel não incluía todos os que descendiam fisicamente de Abraão. O primeiro filho de Abraão, Ismael, tinha uma mãe egípcia e é o ancestral dos ismaelitas, beduínos que vagavam pela região selvagem do sul ([Gn 16](#)). Dos filhos gêmeos nascidos de Isaque e Rebeca, Esaú, o primogênito, é o pai dos edomitas que vivem no sudeste, inimigos tradicionais de Israel ([Gn 25.23; Nm 20.21](#)).

Deus e as Nações

As Escrituras apresentam atitudes negativas e positivas em relação às nações. As nações que habitavam o território entre o vale do Tigre-Eufrates e o rio Nilo eram nações ímpias. Portanto, Deus tomou sua terra e a deu aos descendentes de Abraão ([Gn 15.16-20](#)). Relacionamentos incestuosos, adultério, homossexualidade e relacionamentos sexuais entre homens e animais caracterizavam as nações e incorreram na desaprovação de Deus ([Lv 18](#)). As nações se entregaram à prática do espiritismo, augúrio, feitiçaria e necromancia, então os hebreus foram instruídos a evitar tais atividades ([19.26; 20.6](#)). As nações adoravam muitos deuses e incluíam em sua adoração a prática do sacrifício humano, muitas vezes o sacrifício de crianças — um ritual que Deus abomina ([Lv 20.1-5; 2Rs 17.29-34](#)). O profeta Isaías falou ironicamente do artesão que, tomando um galho de uma árvore, usou parte dele para acender um fogo e formou do restante uma imagem gravada que ele então adorava ([Is 44.12-20](#)). Os baalins e Asterote, deuses da fertilidade dos

cananeus, eram uma fonte constante de tentação para o povo de Israel. A mensagem repetida nas Escrituras é que, por essas razões, Deus expulsaria as nações e daria seu território a Israel ([Êx 34.24](#); [Dt 12.29-31](#)). Os oráculos proféticos contra as nações reforçaram esta atitude negativa ([Jr 46-51](#); [Am 1.3-2.3](#)).

No entanto, as Escrituras também refletem uma atitude mais positiva em relação às nações. Como revelado no livro de Salmos, Deus não está apenas interessado em Israel; seus olhos vigiam as nações, e toda a terra o louva e o adora ([Sl 66.1-8](#)). O salmista ora para que o poder salvador de Deus possa ser conhecido entre todas as nações. Ele afirma que Deus julga os povos com justiça e guia as nações. Todos os confins da terra deveriam temê-lo ([67.7](#)). O profeta Isaías declara que o templo de Jerusalém deve ser uma casa de oração para todos os povos e que Deus acolhe o estrangeiro que vem com sacrifícios e oferecendo adoração ([Is 56.6-8](#)). A visão de esperança de Isaías para os últimos dias retrata pessoas de todas as nações entrando em Jerusalém para adorar o Senhor e aprender seus caminhos. Em vez de uma nação guerrear contra outra nação, todos viverão em paz, governados por Deus ([2.2-4](#)).

As Nações no Novo Testamento

De acordo com os Evangelhos, Jesus ministrou não apenas aos judeus, mas também às nações gentias de acordo com a antiga profecia ([Mt 4.15-16](#)). Jesus ensinava na Galileia, uma área predominantemente não-judaica, viajou para Tiro e Sidom ([Mc 7.24](#)) e através de Decápolis (v. [31](#)). Ele ministrou a um centurião romano ([Lc 7.1-10](#)), a viúva de Naim (vv. [11-17](#)) e uma mulher siro-fenícia ([Mc 7.26](#)). As pessoas da Idumeia vieram para observar seus milagres ([3.8](#)).

O ensino de Jesus também era amplo em escopo. A narrativa do grande julgamento ([Mt 25.31-46](#)) descreve todas as nações reunidas diante do Filho do Homem, e Jesus comissiona os apóstolos a “fazerem discípulos de todas as nações” ([Mt 28.19](#)).

Embora o livro de Atos não negligencie o papel das nações na morte de Jesus ([At 4.27](#)) e seu papel em se opor ao ministério de Paulo ([26.17](#)), no entanto, indica claramente que a igreja realizou sua comissão de apresentar o evangelho aos povos não-judeus. Pedro proclama a mensagem sobre Jesus para a casa de Cornélio, um soldado romano da coorte italiana (cap. [10](#)). Embora a igreja primitiva tenha resistido ao fato de que os povos não-judeus poderiam receber livremente o dom do

Espírito, eles eventualmente deram boas-vindas a esta conclusão ([11.1-8](#); [15.1-29](#)). Paulo viajou por Chipre, Ásia Menor, Grécia e Itália, fundando ou visitando igrejas que eram predominantemente gentias. O livro de Atos termina dramaticamente com Paulo pregando o evangelho na cidade de Roma, o coração do Império Romano.

Nacom

Outra grafia de Quidom, a eira onde Deus feriu Uzá quando ele tentou estabilizar a Arca da Aliança ([1 Crônicas 13.9](#)).

Veja Quidom.

Nacom

A eira de Nacom foi um local por onde o rei Davi passou ao trazer a arca da aliança de Baalá de Judá (também chamada de Quiriate-Jearim) para Jerusalém. Quando chegaram à eira de Nacom, um homem chamado Uzá estendeu a mão e tocou a arca para estabilizá-la, e Deus o feriu de morte ([2Sm 6.6](#)).

Por causa deste incidente, Davi renomeou este lugar como "Perez-Uzá", que significa "a ruptura contra Uzá" ([2Sm 6.8](#)). Em outro relato deste mesmo evento, este lugar é chamado de "Quidom" em vez de "Nacom" ([1Cr 13.9](#)).

Nadabe

1. O filho mais velho de Arão e Eliseba, a filha de Aminadabe ([Êx 6.23](#); [Nm 3.2](#); [1Cr 24.1](#)). Nadabe tornou-se um dos primeiros sacerdotes de Israel junto com seus irmãos e pai. Ele participou da confirmação da aliança com Deus no Monte Sinai ([Êx 24.1.9](#)). Deus o escolheu para servir como sacerdote ([28.1](#)). Nadabe e seu irmão Abiú, o segundo filho de Arão, morreram porque ofereceram “fogo estranho” ao Senhor ([Lv 10.1-2](#); [Nm 3.4](#); [1Cr 24.2](#)). O incenso oferecido pela manhã geralmente precedia o corte do sacrifício. Neste caso, “o fogo saiu da presença do Senhor e os consumiu.” A oferta de “fogo estranho” não é mencionada em nenhum outro lugar na Bíblia. Meestres judeus sugeriram diferentes explicações para o erro de Nadabe e Abiú. Um aviso contra beber vinho na tenda da congregação segue este evento ([Lv 10.9](#)). Assim, uma antiga tradição sustentava que os irmãos estavam bêbados. Qualquer sacerdote que bebesse álcool nesta tenda sagrada seria punido com a morte. Um detalhe importante aparece nas instruções que Moisés deu a Arão, o pai enlutado de Nadabe e Abiú. Moisés disse a Arão para não lamentar ou interromper suas funções como sacerdote. Como Arão havia sido separado pelo óleo da santa unção, ele tinha que continuar servindo a Deus. Ele não tinha permissão para deixar a tenda “para que não morresse.” Em vez disso, o restante de Israel lamentou por Nadabe e Abiú ([Lv 10.3-7](#)).

2. O filho de Jeroboão, que se tornou rei de Israel após seu pai. Nadabe governou por dois anos, de 909 a 908 a.C. ([1Rs 14.20](#); [15.25](#)). Ele se tornou rei durante o segundo ano do reinado do Rei Asa em Judá e foi substituído no terceiro ano do reinado de Asa ([1Rs 15.28](#)). Jeroboão pode ter providenciado para que Nadabe assumisse o poder antes de sua morte, já que Nadabe provavelmente entendia os perigos que persistiam entre as tribos do norte. No entanto, Nadabe falhou em estabilizar o reino. Para ganhar o apoio do exército, ele foi à batalha contra os filisteus em Gibetom, cerca de 4 quilômetros a sudoeste de Gezer. Baasa, da tribo de Issacar, provavelmente um oficial militar, matou Nadabe e todos os seus filhos e tomou o trono. Isso cumpriu a profecia que o silonita havia falado contra a família de Jeroboão ([1Rs 15.29](#)).
3. Um jerameelita, filho de Samai, neto de Onã e bisneto de Jerameel. Nadabe teve dois filhos, Seled e Apaim ([1Cr 2.26-30](#)).
4. O filho de Jeiel e Maaca, um gibeonita ([1Cr 8.30](#); [9.36](#)).

Nafis

Décimo primeiro dos 12 filhos de Ismael ([Gn 25.15](#); [1Cr 1.31](#)) e fundador de uma tribo que mais tarde foi à guerra contra as tribos de Israel que viviam a leste do Jordão ([1Cr 5.19](#)).

Nafote-Dor

Região ou cidade identificada com Dor, um local na costa do Mediterrâneo, em [Josué 11.2](#); [12.23](#) e [1 Reis 4.11](#).
Veja Dor.

Naftali (Pessoa)

Um dos 12 filhos de Jacó ([Gn 35.25](#); [1Cr 2.2](#)). Ele foi o segundo dos dois filhos que Jacó teve com Bila, a serva de Raquel. Alegre por dar a Jacó outro filho, Raquel nomeou o menino Naftali, que significa "meu combate". Ela o chamou de Naftali por causa de seu conflito com Lia: "lutei muito contra minha irmã e venci" ([Gn 30.8](#)). Naftali eventualmente mudou sua família com Jacó para o Egito ([Gn 46.24](#); [Êx 1.4](#)). Ele teve quatro filhos ([Nm 26.48-50](#); [1Cr 7.13](#)). Seus descendentes se tornaram uma das 12 tribos de Israel ([Nm 1.43](#)).

Veja também Naftali, Tribo de.

Naftali, Monte de

Região montanhosa que compreende a maior parte do território de Naftali, onde a cidade de Quedes foi designada como cidade de refúgio ([Js 20.7](#)).

Veja também Cidades de Refúgio; Tribo de Naftali.

Naftali, Tribo de

A tribo de Naftali foi uma das 12 tribos de Israel. Eles se mudaram do Egito para Canaã e se estabeleceram na parte norte de Canaã, nas colinas da Galileia.

Durante o Êxodo

A Bíblia menciona a tribo de Naftali brevemente durante o êxodo (a jornada dos israelitas para fora do Egito). Aira era o líder da tribo e ajudou no censo de Naftali enquanto Israel se preparava para possíveis batalhas ([Nm 1.15](#); [2.29](#); [7.28](#)). O censo inicial registrou 53.400 homens prontos para a guerra, mas uma contagem posterior mostrou 45.400 ([1.42-43](#); [26.48](#)). Quando Moisés enviou espiões para explorar Canaã, Nabi, de Naftali, foi um dos doze ([13.14](#)). A tribo também esteve envolvida na organização do acampamento ao redor do tabernáculo e no processo de distribuição de terras ([2.29](#)). Pedael representou Naftali na cerimônia de distribuição de terras ([34.28](#)). Naftali também participou da aprovação da aliança em Siquém ([Dt 27.13](#)). Naftali, assim como as outras tribos, recebeu uma bênção de Moisés ([33.23](#)).

Estabelecimento em Canaã

A tribo de Naftali recebeu terras na parte oriental da alta Galileia. Suas terras estavam próximas a Zebulom, ao sul, e Aser, a oeste ([Js 19.34](#)). Várias cidades para os levitas estavam nas terras de Naftali ([Js 21.6](#); [1Cr 6.62](#)). Uma dessas cidades, Quedes, era uma cidade de refúgio, um lugar seguro para pessoas que mataram alguém acidentalmente ([Js 20.7](#); [1Cr 6.76](#)).

Naftali estabeleceu-se com sucesso em sua terra, mas inicialmente não expulsou todos os cananeus (o povo que vivia lá antes) a princípio ([Jz 1.33](#)). No entanto, eles fizeram com que o povo de duas cidades cananeias, Bete-Semes e Bete-Anate, trabalhasse para eles. Por causa de onde viviam, Naftali esteve envolvido em várias grandes lutas com os povos locais e agressores estrangeiros. A mais importante delas foi a guerra com Jabim, o rei de Hazor. Baraque, que era de Quedes em Naftali, juntou-se a Débora, a profetisa (uma mulher que falava por Deus). Juntos, eles lideraram as tribos de Zebulom e Naftali para lutar contra os cananeus ([Jz 4-5](#)). Mais tarde, Gideão convocou a tribo de Naftali, junto com Aser, Zebulom e Manassés, para lutar contra os midianitas (outro grupo de inimigos) ([Jz 6.35](#)).

Durante o reino unido de Israel

Quando Israel estava unido sob um rei, Naftali mostrou seu apoio a Davi. Eles enviaram soldados a Hebrom para ajudar a fazer de Davi o rei de todo Israel ([1Cr 12.34](#)). Naftali continuou a apoiar a família de Davi mesmo após sua morte. Eles ajudaram Salomão, filho de Davi, a governar o país. Aimaás, um homem de Naftali, foi um dos 12 oficiais que gerenciavam diferentes partes da terra para o rei Salomão. Este mesmo Aimaás também se casou com Basemate, filha de Salomão ([1Rs 4.15](#)).

Durante o reino dividido de Israel

Após a morte de Salomão, Israel se dividiu em dois reinos. Não sabemos muito sobre Naftali durante esse período, mas ouvimos falar deles em algumas guerras.

Durante o reinado do rei Asa em Judá (o reino do sul), o rei Baasa de Israel (o reino do norte) tentou construir uma fortaleza em Ramá. Isso preocupou Asa, então ele pediu a Ben-Hadade, o rei da Síria, para atacar Israel. Ben-Hadade concordou, e seu ataque atingiu a terra de Naftali com grande intensidade ([1Rs 15.16-24](#)). Baasa teve que parar de construir a fortaleza e lutar contra o exército

sírio. Isso mostra como Naftali frequentemente ficava no meio das lutas entre outros países.

Mais tarde, outra potência estrangeira, a Assíria, tornou-se forte na área onde Naftali vivia. Isso aconteceu quando Tiglate-Pileser III era o rei da Assíria. Em 732 a.C., enquanto Peca governava Israel e Rezom governava a Síria, Tiglate-Pileser III veio e capturou Gileade, Galileia e Naftali ([2Rs 15.29](#)).

Profecia e futuro

O profeta Isaías falou sobre a terra de Naftali. Ele disse que, embora Deus tivesse feito a terra de Naftali parecer sem importância, Deus a tornaria grande novamente ([Is 9.1](#)). Muitos anos depois, Mateus, que escreveu sobre a vida de Jesus, viu essa profecia se cumprir. Ele disse que Jesus trouxe a mensagem de Deus para o povo judeu que vivia na área que antes pertencia a Naftali ([Mt 4.13-15](#)). No último livro da Bíblia, Apocalipse, Naftali é mencionado novamente. Diz que 12.000 pessoas da tribo de Naftali estão incluídas em um grande grupo de israelitas escolhidos por Deus ([Ap 7.6](#)).

Naftuim, naftuítas

Descendentes egípcios de Noé através da linhagem de Cam ([Gn 10.13](#); [1Cr 1.11](#)), listados entre as tribos de Leabe e Patrus. Alguns estudiosos sugerem que os naftuitas eram os habitantes do Médio Egito, situados entre os líbios do Baixo Egito e os patrusios do Alto Egito. No entanto, o local exato de seus antigos assentamentos é incerto.

Nagai

Um ancestral de Jesus, de acordo com [Lucas 3.25](#).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Naim

Uma aldeia no sul da Galileia, perto da fronteira com Samaria. É o local do milagre em que Jesus trouxe um homem morto de volta à vida ([Lc 7.11](#)). O homem era filho de uma viúva que vivia nesta aldeia.

Naiote

Naiote era um lugar onde Davi encontrou segurança quando o rei Saul estava tentando matá-lo ([1Sm 19.18-20.1](#)). O profeta Samuel ofereceu a Davi um lugar para ficar lá. Samuel também liderava um grupo de profetas em Naiote. Esses profetas viviam e trabalhavam juntos na cidade de Ramá, de onde Samuel era ([1Sm 1.9,23](#)). Algumas Bíblias em português traduzem Naiote por "casa dos profetas" (veja abaixo).

O nome "Naiote" é difícil de explicar. Ele só aparece nesta história, e a palavra hebraica não é clara. Algumas pessoas acreditam que vem de uma palavra hebraica que significa "lugar de habitação" (um lugar onde as pessoas vivem). Em [2 Samuel 15.25](#), uma palavra semelhante é usada para o lugar onde Deus vive. Isso levou alguns a pensar que Naiote pode ter sido um tipo de santuário (um lugar especial para adoração ou oração) em Ramá (veja também [1Sm 10.5](#)).

Outros acreditam que Naiote era um lugar onde profetas viviam e aprendiam juntos, como uma escola ou uma pequena comunidade. Samuel era o líder desse grupo.

Nanea

Deusa persa mencionada em [2 Macabeus 1.13](#). Em um templo dedicado a ela em Elimaida, um certo Antíoco foi assassinado.

Não meu povo

Um nome simbólico dado pelo profeta Oseias ao seu terceiro filho ([Os 1.9](#)). Foi um aviso do julgamento iminente de Deus sobre Israel.

Veja Ami.

Naor (Lugar)

Cidade no noroeste da Mesopotâmia; lar de Rebeca, esposa de Isaque, e Naor, irmão de Abraão ([Gn 24.10](#)). Naor é frequentemente mencionada nos documentos de Mari (século 18 a.C.) como a cidade de Nakhur, localizada perto de Harã, no Vale do Rio Balikh. Esta cidade foi provavelmente o lar de alguns dos antigos povos Habiru. Sua localização é desconhecida.

Veja também Naor (Pessoa) #2.

Naor (Pessoa)

1. O avô de Abraão ([Gn 11.22-25](#); [1Cr 1.26](#)), também um ancestral de Jesus segundo [Lucas 3.34](#). As passagens de Gênesis e 1 Crônicas mostram que Naor é da linhagem de Sem. Portanto, Abraão e seus descendentes fazem parte da família semítica de nações.
2. Filho de Tera e irmão de Abraão ([Gn 11.26-29](#); [Js 24.2](#)). Ele se casou com Milca, filha de Harã, e sua família é mencionada em [Gênesis 22.20-23](#). Abraão enviou seu servo para encontrar uma esposa para Isaque na residência de Naor na Mesopotâmia (veja [Gn 24.10](#), o que possivelmente sugere que a cidade em si era chamada Naor). Lá ele encontrou Rebeca, neta de Naor ([Gn 24.1-51](#)). Naor também é mencionado como o pai (ou talvez avô) de Labão, para quem Jacó foi quando fugiu de seu irmão Esaú ([Gn 29.5](#)). Ambos esses textos conectam a família de Abraão com povos semitas relacionados. Em [Gênesis 31.53](#), Deus é mencionado como "o Deus de Abraão e o Deus de Naor".

Veja também Naor (Lugar).

Narciso (Pessoa)

Cristão cuja família conhecia o Senhor e recebeu saudações de Paulo em sua carta aos Romanos ([Rm 16.11](#)).

Narciso (Planta)

Uma planta perfumada que cresce em abundância nas planícies de Sarom. Também é encontrada em outras partes da Palestina. Possui folhas estreitas e geralmente flores brancas ou amarelas. As flores têm uma coroa em forma de taça ou trombeta. Devido à sua fragrância doce, muitas pessoas cultivam e apreciam esta planta.

O narciso de múltiplas flores (*Narcissus tazetta*) parece ser a planta mencionada em [Isaías 35.1](#) ("rosa" na versão ARC).

Nardo, Espicardente

Uma erva perene com raízes fortes e perfumadas. Cresce naturalmente em altas elevações dos montes do Himalaia, estendendo-se até a Ásia Ocidental. As pessoas secam as raízes e os brotos ainda jovens, em forma de espiga, antes de as folhas se abrirem. Essas partes secas são utilizadas para produzir perfume.

Na Índia, as pessoas ainda usam nardo como perfume para o cabelo. Há boas evidências de que o nardo mencionado na Bíblia originalmente veio da Índia ([Ct 1.12](#); [4.13-14](#); [Mc 14.3](#); [Jo 12.3](#)).

Nascer de Novo

"Nascer de novo" é uma expressão que Jesus usou para explicar a Nicodemos como uma pessoa entra no reino de Deus ([Jo 3.3-7](#)). Jesus afirmou que, para entrar no reino de Deus, uma pessoa deve nascer de novo. Isso significa que elas precisam de um novo tipo de vida de Deus. Não é um nascimento físico, mas uma transformação espiritual que vem do Espírito de Deus.

Veja Regeneração.

Nascimento virginal de Jesus

A doutrina, baseada nas histórias de nascimento em [Mateus 1](#) e [Lucas 1-2](#), afirma que Jesus Cristo foi concebido pelo Espírito Santo e nasceu da virgem Maria. A ideia da Encarnação (Deus se tornando humano) e as naturezas divina e humana de Jesus dependem deste evento histórico. No entanto, racionalistas e críticos literários argumentam que os primeiros cristãos inventaram este milagre.

A profecia do Antigo Testamento

A versão Almeida Revista e Corrigida de [Isaías 7.14](#) diz que uma "virgem" "conceberá, e dará à luz um filho... Emanuel". [Mateus 1.22-23](#) afirma claramente que isso foi cumprido com o nascimento de Jesus. Esta passagem gerou muito debate, especialmente após algumas versões terem

mudado "virgem" para "jovem mulher". Esta mudança ocorreu devido à ambiguidade do termo nos manuscritos originais. A palavra hebraica *'almah* geralmente se refere a uma jovem que atingiu a puberdade e está em idade de se casar. Outra palavra hebraica, *bethulah*, significa especificamente uma mulher que é virgem. No entanto, os tradutores da Septuaginta traduziram *'almah* como *parthenos*, que significa virgem.

Essas considerações linguísticas levam a quatro interpretações:

1. A "virgem" ([Is 7.14](#)) refere-se à nova esposa de Acáz, e o filho é Ezequias. No entanto, Ezequias tinha nove anos quando Acáz começou a reinar. Portanto, essa profecia deve referir-se ao futuro.
2. Ela era a esposa de Isaías, e o filho deles era Maer-Salal-Hás-Baz. Muitos estudiosos apoiam essa interpretação porque o artigo definido com *'almah* sugere que "a mulher" era conhecida por Isaías e Acáz. Além disso, [Isaías 7.14-16](#) parece indicar que a profecia deveria ser cumprida durante o tempo de Isaías. O desafio é que a esposa de Isaías já tinha um filho, então ela não poderia ser chamada de *'almah*.
3. A profecia é inteiramente sobre o Messias. Esta é a visão evangélica tradicional. Baseia-se no nome da criança, Emanuel, que significa "Deus conosco", e nas referências ([Is 9.6-7](#); [11.1-5](#)), que indicam uma pessoa divina.
4. Muitos evangélicos recentemente escolheram uma quarta interpretação. Esta visão aceita tanto o cumprimento histórico no tempo de Isaías quanto o cumprimento futuro. Considera o cumprimento histórico em [Isaías 7.15-16](#) e vê o cumprimento futuro através do nascimento virginal de Jesus, como mostrado em [Mateus 1.22-23](#).

Os registros do Evangelho

Nem Marcos nem João descrevem o nascimento de Cristo; apenas Mateus e Lucas o fazem. Ambos concordam que Maria, uma "virgem", concebeu pelo Espírito Santo e deu à luz Jesus. O relato de Mateus é mais simples e direto, atribuindo o nascimento de Jesus a origens divinas e enfatizando sua importância. Jesus é chamado de "Cristo [ou Messias]", o filho de Davi ([Mt 1.1](#)), que vem para iniciar o reino de Deus. Isso é mostrado pelo cumprimento da profecia de Isaías ([Mt 1.22-23](#)) e por sua concepção única ([1.18-20](#)). Jesus é "Deus conosco", aqui para "salvar Seu povo dos seus pecados" ([Mt 1.21](#)). A cena em que José planeja divorciar-se discretamente de Maria destaca a concepção milagrosa.

Lucas contou a história do nascimento do ponto de vista de Maria. O anjo Gabriel a visitou e anunciou que ela daria à luz o Messias ([Lc 1.26-38](#)). Ela concebeu milagrosamente pelo Espírito Santo, conforme predito por Gabriel: "O Espírito Santo virá sobre você... Portanto, o Santo que há de nascer será chamado Filho de Deus" ([Lc 1.35](#)). Lucas retratou Maria como devotadamente obediente aos propósitos de Deus.

Significado teológico para a Igreja

Desde o início da igreja, a crença no nascimento virginal foi fundamental para compreender a natureza divina de Cristo. Os primeiros líderes da igreja enfatizaram este evento como prova da encarnação e divindade de Jesus. Justino Mártir e Inácio defenderam o nascimento virginal contra críticos no início do segundo século, mostrando que já era uma crença bem estabelecida. Nos três séculos seguintes, os debates sobre o nascimento virginal foram significativos. Gnósticos como Marcão argumentavam que Cristo veio diretamente do céu e nunca foi verdadeiramente humano. Enquanto isso, grupos como os arianos, que negavam a divindade de Jesus, também rejeitavam o nascimento virginal, alegando que Jesus foi "adotado" como Filho de Deus em seu batismo. O Concílio de Niceia em 325 d.C. confirmou que Jesus era verdadeiramente Deus, e o Concílio de Calcedônia em 451 d.C. declarou que Jesus era tanto humano quanto divino, uma "união hipostática" de verdadeiras naturezas. O Credo dos Apóstolos do quinto século resume isso afirmando: "Creio em... Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, concebido pelo Espírito Santo, nascido da Virgem Maria". A maioria dos credos liga o nascimento virginal à impecabilidade de Jesus, já

que sua natureza divina é a fonte de sua impecabilidade.

Desde o início, como mostrado em Mateus e Lucas e por escritores da igreja primitiva, o nascimento virginal tem sido uma doutrina chave da igreja. Ele simboliza a dupla natureza de Jesus: nascido do Espírito Santo e de uma mulher, ele é tanto Deus quanto homem.

Veja Cristologia; Encarnação; Jesus Cristo, Vida e ensinamentos; Virgem.

Nasom

Filho de Aminadabe, em [Êxodo 6.23](#).

Veja: Naassom.

Nasom

Grafia da versão NTLH do nome Naassom, filho de Aminadabe, em [Mateus 1.4](#) e [Lucas 3.32](#).

Veja Naassom.

Nasom

Filho de Aminadabe, irmão de Eliseba e pai de Salmom ([Êx 6.23](#); [1Cr 2.10-11](#)).

Nasom, o príncipe da tribo de Judá no início das peregrinações de Israel no deserto ([Nm 1.7](#); [2.3](#); [10.14](#)), representou sua tribo na dedicação do altar ([Nm 7.12](#)).

Em [Rute 4.20](#), ele é mencionado como ancestral de Davi e descendente de Judá através da linhagem de Perez. Nas genealogias de Mateus e Lucas, ele é citado como um ancestral de Jesus Cristo ([Mt 1.4](#); [Lc 3.32](#)).

Natã

1. O filho de Davi com Bate-Seba, o terceiro filho a nascer em Jerusalém ([2Sm 5.14](#); [1Cr 3.5](#); [14.4](#)). Natã era o irmão mais velho de Salomão. Ele aparece no oráculo apocalíptico (profecia sobre o futuro) de [Zacarias 12.12](#). Ele também faz parte da linhagem familiar de Jesus, através de José ([Lc 3.31](#)).
Veja também Ancestralidade de Jesus Cristo.

2. Um dos primeiros profetas e conselheiros de Davi. Quando as campanhas militares de Davi estavam chegando ao fim, ele contou a Natã sobre seu desejo de construir uma casa para Deus. Natã inicialmente reagiu favoravelmente. Mas, após receber ordens diretas do Senhor, ele retirou sua aprovação. Ele predisse que um dos filhos de Davi construiria uma casa para Deus. Deus estabeleceria uma dinastia para Davi através de seu filho Salomão. A profecia inclui não apenas a linhagem davídica, mas também o rei messiânico. O oráculo de Natã foi vital. Ele tratou de duas grandes instituições: o templo e a monarquia davídica ([2Sm 7.1-7](#); [1Cr 17.1-15](#)). Durante uma guerra com os amonitas, Davi teve um filho com uma mulher chamada Bate-Seba, que não era sua esposa. Davi tentou esconder o que havia feito. Ele tentou fazer com que o marido de Bate-Seba, Urias, fosse para casa com ela ([2Sm 11.1-13](#); [23.39](#)). Quando isso não funcionou, ele fez com que Joabe, o general do exército, arranjasse para que Urias fosse morto em batalha. Depois disso, Davi tomou Bate-Seba como sua esposa ([2Sm 11.14-27](#)). Um profeta chamado Natã veio falar com Davi. Natã foi corajoso. Ele contou a Davi uma história (parábola) sobre um homem rico que tomou a única ovelha de um homem pobre. Essa história deixou Davi muito irritado com o homem rico ([2Sm 12.1-9](#)). Então Natã disse a Davi que ele era como o homem rico da história. Natã ajudou Davi a perceber quão ruins eram suas ações e lhe disse o que aconteceria por causa de seu pecado ([2Sm 12.10-12](#)). Esta profecia foi cumprida através de um estupro, das mortes de três dos filhos de Davi e de uma guerra civil ([2Sm 13-18](#); [1Rs 1](#)). O filho de Bate-Seba também não viveria ([2Sm 12.14](#)).

Quando Davi estava perto da morte, um de seus filhos, Adonias, tomou o poder ([1Rs 1.1,10](#)). Natã instou Bate-Seba a lembrar Davi de uma promessa. Tratava-se da sucessão de Salomão. Ele a apoiou intervindo a tempo ([1Rs 1.10-27](#)). Davi imediatamente aprovou a coroação de Salomão ([1Rs 1.28-53](#)).

Natã foi um importante historiador ([1Cr 29.29](#); [2Cr 9.29](#)). Ele e Davi desempenharam um papel vital no desenvolvimento da música para o culto no templo ([2Cr 29.25](#)).

3. Um homem de Zobá e pai de Igal, um dos 30 heróis de Davi ([2Sm 23.36](#)). Ele possivelmente era o Natã mencionado como irmão de Joel ([1Cr 11.38](#)).
4. O pai de dois importantes oficiais da corte ([1Rs 4.5](#)). Ele é provavelmente o profeta ou o filho de Davi.
5. Um descendente de Judá, do clã de Jerameel, filho de Atai e pai de Zabade ([1Cr 2.36](#)).
6. Um da delegação enviada por Esdras para garantir reforços levíticos para os israelitas que retornavam a Jerusalém ([Ed 8.16](#)). Natã pode estar entre aqueles que prometeram divorciar-se de suas esposas estrangeiras ([Ed 10.39](#)). No entanto, "Natã", que significa "presente", era um nome muito comum.

Natã-Meleque

Oficial durante o reinado do rei Josias. Cavalos usados para adoração ao sol eram mantidos perto de seus aposentos, mas foram removidos por Josias ([2Rs 23.11](#)).

Natanael

Judeu de Caná da Galileia a quem Jesus chamou para ser um discípulo ([Jo 1.45-50](#); [21.2](#)). Inicialmente cético quando Filipe descreveu Jesus como o cumprimento de todo o AT ([1.45-46](#)),

Natanael proclamou Jesus como o Filho de Deus e o Rei de Israel (v. [49](#)) após um encontro pessoal surpreendente.

O fato de que as únicas referências do NT a Natanael ocorrem no Evangelho de João levou alguns estudiosos a identificá-lo com várias personalidades que aparecem nos Evangelhos sinópticos. Como seu chamado aparece com os de André, Pedro e Filipe, alguns supuseram que ele era um dos 12, possivelmente Bartolomeu. Três evidências são citadas em apoio desta posição: (1) o nome Bartolomeu é patronímico (literalmente "filho de Tolmai") e seria acompanhado por outro nome; (2) cada uma das listas nos sinópticos dos 12 apóstolos coloca Bartolomeu após Filipe ([Mt 10.2-4](#); [Mc 3.16-19](#); [Lc 6.14-16](#)), em paralelo com o chamado de Natanael após Filipe no relato de João; e (3) O nome de Bartolomeu não aparece no quarto Evangelho.

Uma segunda posição identifica Natanael como Tiago, o filho de Alfeu. De acordo com este ponto de vista, o comentário de Jesus em [João 1.47](#) deveria ser "Eis aqui Israel [não "um israelita"] de fato, em quem não há dolo!" Israel é o nome que Deus deu a Jacó, e a forma do NT de Jacó é Tiago. João se dirigiu a Tiago, filho de Alfeu, como Natanael, para distingui-lo dos outros que haviam se tornado proeminentes na igreja primitiva.

Duas identificações menos plausíveis igualam Natanael a Mateus ou Simão, o cananeu. O primeiro é precariamente fundado nas etimologias semelhantes dos nomes Mateus ("presente de Yahweh") e Natanael ("Yahweh deu"). O segundo identifica os dois com base na cidade natal comum de Caná.

Em última análise, Natanael era provavelmente um discípulo que não era membro dos 12 e era conhecido apenas por João. Esta sugestão está em conformidade com as primeiras evidências patrísticas. No quarto Evangelho, Natanael serve como um símbolo para o verdadeiro judeu que supera o ceticismo inicial para acreditar em Cristo. Isso é confirmado por três observações: (1) sua reação inicial a Jesus é paralela à de outros que acreditavam na Lei e nos Profetas ([Jo 7.15,27.41](#); [9.41](#)); (2) a percepção de Jesus de Natanael sob uma figueira ([1.48](#)) identifica a devoção deste último à Torá (na literatura rabínica o lugar adequado para estudar a Torá é sob uma figueira); e (3) Jesus identifica Natanael com Jacó, o pai da nação israelita. Em [Gênesis 25-32](#), Jacó é certamente astuto e ardiloso em seus tratos com Esaú e Labão. [João 1.51](#) fortalece os laços entre

Natanael e Jacó apresentando as imagens de anjos subindo e descendo, que lembram o sonho de Jacó, e localizando o evento na Galileia perto de Betel e Jaboque, os locais das experiências de Jacó. Natanael é, portanto, um símbolo do israelita piedoso para quem Cristo veio. Sua resposta tipifica o que o quarto evangelista entende como a resposta apropriada do verdadeiro israelita a Jesus — do ceticismo inicial à fé (cf. [Rm 9.6](#)).

Veja também Apóstolo, Apostolado.

Natanael, Netanel

Um nome comum do Antigo Testamento, escrito como Netanel na NTLH.

1. Um filho de Zuar e líder da tribo de Issacar no início das peregrinações no deserto de Israel ([Nm 1.8](#); [2.5](#); [10.15](#)). Ele representou seus parentes na dedicação do altar ([7.18,23](#)).
2. Um judeu que era o quarto filho de Jessé e irmão do rei Davi ([1Cr 2.14](#)).
3. Um dos sacerdotes designados para tocar trombeta diante da arca de Deus quando o rei Davi a moveu para Jerusalém ([1Cr 15.24](#)).
4. Um levita e pai de Semaías. Ele foi o escriba que registrou as 24 divisões de sacerdotes estabelecidas quando Davi era rei ([1Cr 24.6](#)).
5. Um coraíta da tribo de Levi. Ele era o quinto filho de Obede-Edom quando Davi era rei ([1Cr 26.4](#)).
6. Um dos príncipes enviados pelo rei Josafá para ensinar a lei nas cidades de Judá ([2Cr 17.7](#)).
7. Um dos oficiais levíticos que foi generoso ao doar animais para os sacrifícios. Ele os deu aos levitas para a celebração da festa da Páscoa quando Josias era rei ([2Cr 35.9](#)).
8. Um sacerdote e um dos seis filhos de Pasur. Esdras incentivou Natanael a se divorciar de sua esposa estrangeira após o retorno dos israelitas do exílio ([Ed 10.22](#)).

9. O líder da família do sacerdote Jedaías. Isso ocorreu quando Joaquim era o sumo sacerdote em Jerusalém após o retorno dos israelitas do exílio ([Ne 12.21](#)).
10. Um dos sacerdotes que serviu como músico. Ele se apresentou na dedicação do muro de Jerusalém durante o tempo de Neemias ([Ne 12.36](#)).

Natural, Homem

Veja Homem, Natural.

Naum (Pessoa)

1. Um profeta de Judá cujo nome significa "consolação" ou "consolador". Este nome se encaixa em sua mensagem. Ele escreveu para encorajar o povo de Judá enquanto os assírios os oprimiam ([Na 1.1](#)). Nada se sabe sobre Naum, o profeta que escreveu o livro de Naum, exceto que ele veio do povoado de Elcos. Sua localização exata é desconhecida, mas quatro sugestões foram feitas:

- **Alqush:** Elcos pode ser a cidade de Alqush, perto de Mossul, no rio Tigre, ao norte de Nínive. Uma tradição diz que este é o local do túmulo de Naum, mas ele é mencionado pela primeira vez por Masius, no século 16. Não há evidências físicas históricas do túmulo ou de sua localização. Muitas pessoas acreditam que este túmulo provavelmente não é real.
- **Helcesaei:** Jerônimo relata uma tradição judaica que identifica Elcos com "uma aldeia na Galileia chamada 'Helcesaei'" (*Helcese* ou *Elcesi*). Ele escreve, "Uma aldeia muito pequena, de fato, contendo em suas ruínas quase nenhum vestígio de construções antigas, mas bem conhecida pelos judeus e também foi indicada a mim pelo meu guia". Esta aldeia está localizada a cerca de 24 quilômetros a noroeste do Mar da Galileia.
- **Cafarnaum:** na margem norte do Mar da Galileia, por exemplo, encontram-se as ruínas de **Cafarnaum**, que significa "aldeia de Naum". No entanto, não há prova de que este nome remonte ao profeta.
- **Elcesi:** alguns acreditam que Elcos deve ser identificado com **Elcesi**, perto de Bet-gabre. Fica aproximadamente a meio caminho entre Gaza e Jerusalém, em Judá. O texto de [Naum 1.15](#) apoia essa posição.

Naum pode ter sido um membro das tribos do norte. Ele pode ter se mudado para Judá após a conquista de 722 a.C. e ministrado ali.

Veja também Naum, Livro de; Profeta, Profetisa.

1. Um ancestral de Jesus, de acordo com [Lucas 3.25](#).
Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Naum, Livro de

Sétimo livro no agrupamento canônico dos 12 Profetas menores. Sua significância e importância residem no lugar estratégico que ocupa ao delinear o plano e o programa de Deus em relação tanto a Judá quanto às nações do mundo.

Resumo

- Autor;
- Data;
- Contexto;
- Propósito e ensino teológico;
- Conteúdo.

Autor

Naum é identificado como um elcosita na inscrição do livro ([Na 1.1](#)). O termo é um tanto duvidoso em significado, mas provavelmente se refere a uma cidade agora desconhecida. Se o termo se referir a uma localização geográfica, pode ser a vila de Elcesi em Judá.

Data

O livro de Naum aborda a queda de duas grandes cidades, Nínive e Tebas. A queda de Tebas é mencionada em [3.8-10](#), e todo o livro trata da destruição de Nínive, a capital da Assíria, que ainda estava por vir. Tebas foi destruída pelos assírios por volta de 663 a.C., e Nínive caiu em 612 a.C. Dentro desse intervalo histórico, várias datas para a composição de Naum foram sugeridas. Alguns estudiosos preferem uma data muito próxima à queda de Nínive, talvez durante o período em que a Assíria estava sendo invadida. No entanto, a influência da Assíria se estendia a Judá na época da escrita do livro ([1.13-15](#); [2.2](#)), um fato que dificilmente é compatível com a iminente queda daquela nação. Como a influência da Assíria nas províncias ocidentais começou a declinar na segunda metade do sétimo século, é melhor situar a escrita do livro no meio do sétimo século, após a destruição de Tebas, mas antes da erosão do poder assírio na Sírio-Palestina.

Estudiosos que negam a validade da profecia bíblica geralmente datam o livro no período após a queda de Nínive.

Contexto

A extensão do domínio assírio em meados do sétimo século era incomparável. Nunca antes a influência assíria havia se estendido tanto. A destruição de Tebas pôs fim a qualquer resistência significativa à Assíria por parte do Egito, seu inimigo mais poderoso.

A destruição de Tebas ocorreu durante o reinado de Manassés de Judá (696–642 a.C.), que era, para todos os efeitos, um vassalo dos assírios. A influência assíria em Judá levou à intrusão de influências não-yahwísticas, como o renascimento de cultos de fertilidade e a adoração de divindades astrais assírias (2Rs 21.1–9).

Dentro da estrutura da enorme expansão da Assíria, havia muitas fraquezas que levariam ao declínio e eventual queda desse império. Por um lado, o império se expandiu demais. A tarefa de manter os países cativos hostis sob controle, muitos dos quais estavam a grandes distâncias da capital, tornou-se cada vez mais difícil.

A Assíria começou a enfrentar dificuldades internas, especialmente com os caldeus, um grupo de tribos vagamente unidas que haviam sido incorporadas ao império assírio. O Egito também começou a reter tributos. Numerosos ataques fronteiriços por bárbaros fizeram com que o império enfraquecesse gradualmente.

A situação piorou à medida que a luta interna começou a se transformar em uma grande crise. Finalmente, uma coalizão de babilônios, medos e citas provocou o colapso da Assíria quando, após um cerco de três meses, Nínive caiu em 612 a.C.

O local de Nínive foi escavado em 1840 por Henry Layard. A escavação revelou que a cidade era fortemente fortificada. Ainda existem evidências dos fossos e baluartes construídos para sua defesa. O palácio de Senaqueribe, com seus 71 quartos decorados com obras artísticas, também foi descoberto por Layard. Mesmo que o palácio tenha permanecido enterrado por milênios, ainda revelou o esplendor dos dias de grandeza de Nínive.

O profeta Naum previu que a cidade seria queimada (Na 2.13). Em sua descrição da cidade, Layard indicou que um grande incêndio havia destruído Nínive. Isso se tornou evidente mesmo

quando apenas duas pequenas porções do tell haviam sido exploradas. Os portões maciços da cidade, que Naum disse que estariam abertos para seus inimigos (3.13), também foram queimados. As esculturas maciças que originalmente ficavam junto aos portões foram encontradas enterradas em detritos de terra, tijolos e pedras misturados com carvão.

Uma importante descoberta arqueológica é uma crônica babilônica que registra eventos no reinado do rei babilônico Nabopolassar (625–605 a.C.). Esta crônica fixa a data da queda de Nínive, situando-a no 14º ano de Nabopolassar, ou seja, 612 a.C.

Propósito e ensino teológico

O propósito do livro de Naum é prever a queda do império Assírio, simbolizada por sua capital, Nínive. Ele destaca o poderoso poder de Deus revelado na arena da história.

À primeira vista, o livro pode parecer carecer de um ensinamento teológico substancial. Afinal, é uma ode prolongada celebrando a queda de uma cidade pagã. No entanto, quando se observa a história do ponto de vista de um profeta, ela se torna o contexto para a revelação de muitos dos atributos de Deus.

No capítulo 1 o profeta entrelaça vários temas teológicos significativos em seu relato sobre a queda da cidade. Ele apresenta o fato de que Deus ama e cuida dos seus. Em 1.7 ele descreve o Senhor como conhecendo aqueles que buscam refúgio nele. Em 1.13 Deus promete o fim da opressão assíria sobre Judá.

A soberania de Deus também é destacada. Deus é soberano sobre as nações que se opõem a Ele (1.2). Ele é soberano sobre a natureza, pois as nuvens são apenas o pó dos Seus pés (v 3). Deus não pode ser desafiado (v 6). Ele é o soberano do Seu povo (v 13).

É fundamental para a estrutura teológica do livro a afirmação de que Deus é o Senhor da história. A história é o palco de sua atividade. Para o profeta, Deus não é apenas um conceito abstrato, nem uma divindade indiferente. Ele cria nações e as destrói. A história não está sob o controle de nações ímpias ou de eventos aleatórios; está sob o controle do Criador.

Naum destaca que Deus não trata as pessoas apenas com ira. Sua ira se manifesta contra aqueles

que se opõem a Ele. Ele age com ternura e amor com aqueles que o buscam como refúgio.

Conteúdo

Superinscrição (1.1)

Como outros livros proféticos, Naum começa com uma superscrição. Ela atribui a autoria do livro ao profeta Naum. A primeira parte da superscrição diz: “Um oráculo sobre Nínive”, indicando o conteúdo do livro.

O Profeta considera a ira e o poder de Deus (1.2-6)

A mensagem do profeta começa com uma descrição de vários atributos de Deus, especificamente sua ira e poder soberano. A afirmação de que Deus é um Deus ciumento (1.2) não deve ser entendida como atribuir motivos egoístas a Deus. Em vez disso, expressa a intensa devoção e lealdade de Deus àqueles que são seus.

É fundamental para esta seção a afirmação de que Deus se vinga de seus inimigos. Este princípio teológico é a base para a descrição de Naum sobre a queda de Nínive. Que a Assíria era inimiga de Deus ficou claro na história. Os assírios não eram apenas um instrumento usado por Deus para punir seu povo, mas também eram um povo pagão que se opunha e assediava os hebreus em todas as oportunidades. Sua conquista e exílio do reino de Israel foram a manifestação máxima de sua oposição a Yahweh. Talvez tenha sido esse período terrível na história hebraica que estava mais presente na mente de Naum.

Uma declaração de abertura neste livro diz: “O Senhor é paciente mas poderoso e não deixa os culpados sem castigo” (1.3, NTLH). Mesmo em relação aos seus inimigos, Deus age com graça; ele não reage com raiva descontrolada, mas lida com eles para mudar seus caminhos. A declaração “não deixa os culpados sem castigo” é uma alusão à grande afirmação de Deus em [Êxodo 34.6](#). É melhor traduzida como: “Ele não absolverá completamente o culpado”, o que afirma que Deus perdoa, mas muitas vezes permite que os efeitos do pecado sigam seu curso. Isso é ilustrado no caso de Davi, cujo pecado com Bate-Seba foi perdoado, mas o filho da união morreu. A destruição de Nínive era, portanto, certa de ocorrer, de acordo com o princípio teológico estabelecido por Naum: Deus pune aqueles que se opõem a ele.

A soberania de Deus sobre a esfera da natureza é estabelecida em [Na 1.3b-6](#). Ela também é a arena na qual Seu poder impressionante é revelado.

A queda de Nínive e a libertação de Israel (1.7-15)

O profeta então se dirigiu à cidade de Nínive em discurso direto. No versículo 11, ele fala de alguém que vem da Assíria tramando o mal contra o Senhor — uma lembrança do Rabsaquê, o emissário assírio citado em [Isaías 36.14-20](#) aconselhando o povo a ceder às suas exigências de rendição. As palavras de condenação para Nínive tornam-se palavras de conforto para Judá, pois Naum diz que a Assíria não os afligirá mais ([Na 1.12](#)).

A destruição final da cidade é apresentada nos versículos 13-15. A Assíria não se levantaria mais para afligir os judeus. Esta grande verdade é celebrada no versículo 15, onde o profeta encoraja o povo a retornar à sua adoração a Deus, pois eles não terão mais a Assíria como inimigo.

A queda de Nínive (2.1-13)

O estilo literário de Naum nesta seção é soberbo. A ação rápida, expressa por frases concisas e quase cortadas, confere uma atmosfera de excitação e urgência à descrição do colapso da cidade. Ouve-se as ordens dos defensores nestas palavras: “O destruidor vai atacar a cidade de Nínive. Ponham guardas nas torres e vigiem as estradas. Chamem todos os soldados e preparem-se para lutar.” (2.1, NTLH).

Naum parece descrever a correria para dentro da cidade momentos após as muralhas terem sido rompidas. Vêm-se os lampejos de vermelho enquanto os escudos são brandidos (2.3) e ouve-se o som esmagador dos carros de guerra correndo loucamente (v 4), mas os defensores chegam tarde demais (v 5).

Uma parte importante da estrutura defensiva de Nínive eram os fossos que cercavam a cidade. Esses fossos, alimentados por dois rios nas proximidades, são mencionados em 2.6,8. No entanto, esses fossos não conseguem deter os invasores.

A linguagem novamente se torna vívida, pontuada por comandos rápidos: “Parem! Parem!” (2.8). E ouve-se os invasores dizerem: “Saquem a prata! Pilhem o ouro!” Finalmente, o cerco termina, e há apenas desolação e ruína (v 10).

Esta seção termina com uma referência aos leões ([2.11-13](#)). No Antigo Testamento, os leões frequentemente representam os ímpios, especialmente quando os ímpios devoram os justos. A Assíria era muito semelhante a leões em seu tratamento dos judeus. Mas Deus declara que está contra os assírios (v [13](#)) e os destruirá completamente.

Esta seção, vívida e colorida em seu estilo, contém uma mensagem teológica profunda que não deve ser ignorada. Ela afirma a atividade de Deus na história e assegura ao crente que os inimigos de Deus nunca conquistarão definitivamente o povo de Deus. Pois Deus é Todo-Poderoso; Ele é um Deus vingador que cuida zelosamente dos Seus.

Um lamento por Nínive ([3.1-19](#))

O profeta pronuncia "ai" sobre a cidade em uma longa ode celebrando a queda de Nínive. Se ele parece obter satisfação excessiva com a destruição de Nínive, não é necessariamente porque ele tem uma natureza cruel. Os escritores do AT viam as nações ímpias do mundo como a personificação do mal. Quando Nínive caiu, a esfera da história testemunhou a conquista do mal por Deus naquele reino específico.

Em [3.1-7](#), o profeta fala da vergonha que Nínive experimentará como resultado de sua queda. Ele descreve uma das causas da queda da Assíria como suas feitiçarias e prostituições ([3.4](#)). Esta é uma referência evidente à religião idólatra da Assíria. Os sacerdotes assírios eram conhecidos por seu uso de adivinhação e presságios. Particularmente notáveis eram suas tentativas de prever o futuro observando os movimentos dos corpos celestes.

O profeta mencionou outros países que caíram nas mãos de seus inimigos ([3.8-11](#)) e afirmou que a Assíria não é melhor do que eles. Ele concluiu descrevendo a grandeza e o poder de Nínive, mas mostrou vividamente como tudo isso passaria. Seja fortificações (v [12](#)), comércio extenso (v [16](#)) ou soldados (v [17](#)) — tudo irá desmoronar.

Veja também Israel, História de; Naum (Pessoa) #1; Profecia; Profeta, profetisa.

Navalha

Uma ferramenta afiada usada para raspar a barba ou cabelo ([Nm 8.7](#); [Ez 5.1](#)). O uso da navalha era proibido para aqueles sob o voto de nazireu ([Nm](#)

[6.5](#); [1Sm 1.11](#)). O instrumento desempenhou um papel central na vida de Sansão ([Jz 13.5](#); [16.17](#)).

A navalha é uma comparação para uma língua caluniosa ([Sl 52.2](#)) e uma metáfora para julgamento ([Is 7.20](#)).

Navios e transporte marítimo

Veja Viagem.

Nazaré

Aldeia na província romana da Galileia, a casa de José, Maria e Jesus. Sempre pequena e isolada, Nazaré não é mencionada no AT, nos Apócrifos, nos escritos judaicos intertestamentários ou nas histórias de Josefo. A cidade fica ao norte da planície de Esdrelão, nas colinas de calcário do sul do Líbano. Situada em três lados de uma colina. Esta localização forma um vale protegido com um clima moderado, favorável a frutas e flores silvestres. Rotas de comércio e estradas passavam perto de Nazaré, mas a própria aldeia não ficava em nenhuma estrada principal. Nazaré fica a cerca de 24,1 quilômetros a oeste do Mar da Galileia e 32,2 quilômetros a leste do Mediterrâneo. Jerusalém fica a cerca de 112,6 quilômetros ao sul. Os vestígios arqueológicos indicam que a antiga cidade era mais alta na colina ocidental do que a aldeia atual (cf. [Lc 4.29](#)). No tempo de Cristo, Nazaré, juntamente com toda a região do sul da Galileia, ficava fora do cenário principal da vida judaica, fornecendo assim o pano de fundo para a observação irônica de Natanael a Filipe: “Pode algo de bom sair de Nazaré?” ([Jo 1.46](#)).

Nazaré é mencionada pela primeira vez no NT como a casa de Maria e José ([Lc 1.26-27](#)). Algum tempo depois de Jesus ter nascido na cidade ancestral de seus pais - Belém (cerca de 128,7 quilômetros ao sul) - Maria e José voltaram para Nazaré ([Mt 2.23](#); [Lc 2.39](#)). Jesus cresceu lá ([Lc 2.39-40.51](#)), deixando a aldeia para ser batizado por João no rio Jordão ([Mc 1.9](#)). Quando João foi preso, Jesus dirigiu-se para Cafarnaum ([Mt 4.13](#)). Embora Jesus tenha sido muitas vezes identificado por sua cidade de infância como “Jesus de Nazaré” (veja [Mc 10.47](#); [Jo 18.5.7](#); [Atos 2.22](#)), o NT registra apenas uma visita subsequente de Jesus a Nazaré. Nesta ocasião, Jesus pregou na sinagoga e foi rejeitado pelos habitantes da cidade ([Lc 4.16-30](#); cf. [Mt 13.54-58](#); [Mc 6.1-6](#)). Os seguidores de Jesus

também eram chamados de “nazarenos” ([Atos 24.5](#)).

Nazaré permaneceu uma cidade judaica até o tempo do imperador Constantino (m. 327 d.C.), quando se tornou um lugar sagrado para peregrinos cristãos. Uma grande basílica foi construída em Nazaré por volta de 600 d.C., os árabes e os cruzados controlaram alternadamente a aldeia até 1517, quando ela caiu nas mãos dos turcos, que forçaram todos os cristãos a sair. Os cristãos voltaram em 1620, e a cidade se tornou um importante centro cristão.

Veja também Nazareno.

Nazareno

Nativo ou habitante de Nazaré, uma cidade do NT na baixa Galileia.

Nazaré foi o lar de Jesus durante os primeiros 30 anos de sua vida. Uma vez que o nome Jesus era um nome comum entre os judeus, e já que os sobrenomes não eram usados, talvez a designação nazareno tenha diferenciado Jesus de Nazaré de outros com o mesmo nome (veja textos gregos de [Mt 27.16-17](#); [Atos 7.45](#); [Cl 4.11](#); e [Hb 4.8](#), onde o nome Jesus se refere a outros homens).

Nos textos originais, a designação Jesus, o nazareno, foi usada por demônios ([Mc 1.24](#); [Lc 4.34](#)), pela multidão fora de Jericó ([Mc 10.47](#); [Lc 18.37](#)), uma serva ([Mc 14.67](#)), soldados ([Jo 18.5-7](#)), Pilatos ([Jo 19.19](#)), os dois discípulos na estrada para Emaús ([Lc 24.19](#)) e o anjo no túmulo ([Mc 16.6](#)).

Os apóstolos em Atos usaram esta designação para identificar Jesus. Pedro fala de Jesus, o nazareno, em seu sermão no dia de Pentecostes ([Atos 2.22](#)), e no portão do templo em uma cura subsequente ([3.6](#); [4.10](#)). Paulo identifica Jesus desta maneira em [Atos 26.9](#).

Uma referência hostil a este nome está em [Atos 6.14](#). As falsas testemunhas contra Estêvão o acusaram diante do Sinédrio dizendo: “Este nazareno, Jesus, destruirá este lugar [templo] e alterará os costumes que Moisés nos transmitiu” (veja o grego). Outra referência antagônica está em [Atos 24.5](#), a única referência aos seguidores de Jesus como nazarenos. Tértulo acusou Paulo, dizendo: “Porque este é um causador de problemas, um homem que está constantemente incitando os judeus em todo o mundo a tumultos e

rebeliões contra o governo romano. Ele é um líder da seita conhecida como os nazarenos”

Com relação ao nome “Nazareno”, [Mateus 2.23](#) sempre foi problemático: “Então eles foram e habitaram em uma cidade chamada Nazaré. Isso cumpriu o que foi falado pelos profetas a respeito do Messias: ‘Ele será chamado de nazareno’”. Nenhuma profecia do AT afirma diretamente que o Messias seria chamado de nazareno. Alguns estudiosos relacionam a referência de Mateus a [Isaías 11.1](#), que fala do Messias como um ramo, um termo hebraico derivado da mesma raiz de “Nazaré”. Outros sugerem que as profecias do AT dizem respeito ao desprezo e insulto ao Messias por ser considerado pelos outros como um nazareno, quando era bem conhecido que o Messias deveria vir de Belém, a cidade de Davi. É claro, foi lá que Jesus nasceu, mas ele foi criado em Nazaré e, posteriormente, foi conhecido como um nazareno e, assim, ridicularizado. Assim, a profecia foi cumprida quando alguns de seus contemporâneos o chamaram de nazareno, da cidade desprezada de Nazaré ([Jo 1.46](#); cf. [Mt 13.54](#); [Mc 6.2-3](#); [Lc 4.22](#)).

Veja também Nazaré.

Nazarenos

Nazarenos era o nome dado àqueles que seguiam Jesus de Nazaré. Como as pessoas conheciam Jesus como “Jesus de Nazaré” ou “Jesus, o nazareno”, foi fácil transferir esse título para seus seguidores. Eles eram “seguidores do Nazareno” ou “nazarenos”.

O uso mais antigo do termo está em [Atos 24.5](#). Tértulo acusou o apóstolo Paulo de ser “o líder do partido dos nazarenos”. Isso não foi um elogio.

Os primeiros cristãos provavelmente não usaram esse nome para si mesmos. No entanto, grupos judaico-cristãos e gnósticos posteriores (grupos religiosos que enfatizavam um conhecimento secreto especial) se autodenominavam nazarenos. Um dos primeiros escritos foi até chamado de *O Evangelho dos Nazarenos*.

Nazireu

Pessoa que foi escolhida ou consagrada para a vida ou por um período determinado para cumprir um voto a Deus. O nazireu dedicava-se a uma disciplina

autoimposta para realizar algum serviço especial ([Nm 6.1-21](#)).

A tradição israelita via o nazireu como alguém consagrado para a vida. Sansão foi o antigo herói dos nazireus. Ele foi “consagrado a Deus” através do voto de sua mãe ([Jz 13.5; 16.17](#)) e permaneceu sob esse voto até o “dia de sua morte” ([13.7](#)). Enquanto o cabelo de Sansão não fosse cortado, ele era capaz de receber o Espírito do Senhor e, assim, realizar feitos físicos incríveis.

Os primeiros votos de nazireu podem ter sido associados a cerimônias de guerra santa. Os combatentes eram consagrados a Deus e talvez usassem cabelos longos ([Jz 13.5](#)). O profeta Samuel não cortou o cabelo por causa do voto de sua mãe de que nenhuma navalha tocaria sua cabeça ([1Sm 1.11](#)); a Septuaginta acrescenta que ele não deveria beber vinho. O voto de nazireu de não cortar o cabelo estava associado a ser consagrado ao serviço de Deus e era especialmente comum durante os dias carismáticos dos primeiros líderes de Israel.

O nazireado tornou-se um ritual para aqueles que desejavam se consagrar temporariamente a Deus. Durante o período de consagração, o devoto se abstinha de beber vinho, deixava o cabelo crescer e evitava qualquer contato com corpos mortos.

Cabelos não cortados simbolizam força e vida. Talvez este seja o significado pretendido de nazir quando usado para descrever José na bênção de Jacó ([Gn 49.26](#)) e na bênção de Moisés ([Dt 33.16](#)). Vinhedos que não eram podados em anos sabáticos ou de jubileu eram considerados nazir.

Em tempos posteriores, tocar ou se aproximar de um corpo morto era a ofensa mais grave contra o voto. Se alguém morresse em sua presença, um nazireu tornava-se impuro. Um nazireu contaminado deveria raspar sua “cabeça contaminada” no dia da purificação. Em seguida, ele deveria levar dois pombos jovens ao sacerdote, que ofereceria um como oferta pelo pecado. E, finalmente, ele deveria trazer um cordeiro macho como oferta pela culpa ([Nm 6.9-12](#)). Por causa dessa contaminação, o nazireu tinha que começar seus dias de separação novamente.

No final do seu período de separação, ele se “profanava” através de uma cerimônia: oferecia um sacrifício pelo pecado e um sacrifício de comunhão, depois raspava a cabeça e queimava o cabelo. Após isso, o nazireu retornava à sua vida normal e poderia beber vinho ([Nm 6.13-21](#)).

Paulo completou um voto semelhante em Cencreia nos tempos do NT ([At 18.18](#)) e, depois novamente, junto com quatro outros nazireus em Jerusalém ([At 21.23-24](#)). No Talmude, o período de tempo para a consagração era geralmente de 30 dias. Era costume que os ricos ajudassem os nazireus pobres na compra de suas ofertas. Durante o período macabeu, os nazireus não puderam completar seus ritos porque o templo foi profanado ([1Mc 3.49-51](#)).

Neá

Cidade fronteira no território de Zebulom ([Js 19.13](#)).

Neápolis

Neápolis era uma cidade portuária que servia à cidade maior de Filipos. Hoje, essa antiga cidade é conhecida como Kavalla. O nome Neápolis vem de uma palavra grega que significa “cidade nova”. Neápolis já existia no século V a.C. Durante o período do Império Romano, Neápolis claramente dependia da cidade vizinha de Filipos.

O apóstolo Paulo sonhou com um homem da Macedônia pedindo ajuda. Depois disso, Paulo deixou Troas e o continente da Ásia para viajar para o continente da Europa. Paulo e seus companheiros navegaram além da ilha de Samotrácia e então chegaram a Neápolis. Isso fez de Neápolis a primeira cidade europeia que Paulo visitou durante suas jornadas missionárias ([At 16.11](#)).

Nearias

1. Um dos seis filhos de Semaías e um descendente de Davi ([1Cr 3.22-23](#)).

2. Capitão de 500 homens da tribo de Simeão que foram ao Monte Seir, onde destruíram o remanescente dos amalequitas e estabeleceram seu próprio povo no tempo de Ezequias ([1Cr 4.42](#)).

Nebai

Líder político que assinou a aliança de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros após o exílio ([Ne 10.19](#)).

Nebaiote

O primogênito dos 12 filhos de Ismael ([Gn 25.13](#); [1Cr 1.29](#)). Sua irmã era Maalate, que também era chamada de “Basemate” (cp. [Gn 36.3](#)). Mais tarde, ela se casou com Esaú ([Gn 28.9](#)).

A identidade dos descendentes de Nebaiote é incerta. Eles podem ser os ancestrais da tribo árabe nabateia que possuía a terra de Edom e partes da área a leste do Rio Jordão (Transjordânia) até o norte, em Palmira (antiga Tadmor). Os descendentes de Nebaiote e Qedar são conhecidos por seus excelentes rebanhos de ovelhas ([Is 60.7](#)). Eles também são mencionados nos escritos do rei assírio Assurbanípal, que viveu no século VII a.C.

Nebalate

Cidade situada nas colinas com vista para a região sudeste da planície de Sarom, ocupada pelos benjamitas após o exílio ([Ne 11.34](#)). É identificada com a moderna Beit Nebala, cerca de 6 quilômetros a leste de Lode e 3 quilômetros ao norte de Hadide.

Nebate

Efraimita de Zereda, no vale do Jordão, servo de Salomão e pai do rei Jeroboão ([1Rs 11.26](#)).

Nebo (Divindade)

Nebo era um deus importante da antiga Babilônia. Os babilônios escreviam seu nome como "Nabu", enquanto a Bíblia Hebraica o menciona como "Nebo". Ele era considerado o filho de Marduque, o deus principal da Babilônia.

Nebo era conhecido como o deus da sabedoria, educação e escrita. Inicialmente, ele serviu como o deus principal de uma cidade chamada Borsippa. À medida que o Império Babilônico crescia, mais pessoas começaram a adorar Nebo.

Muitos escritos antigos mostram que os reis da Babilônia e da Assíria tinham grande respeito por Nebo. Eles construíram um templo especial para ele e sua parceira, Tashmit, na cidade de Calá (agora chamada Nimrud), que já foi a capital da Assíria.

Na Bíblia, o profeta Isaías escreveu sobre Nebo. Ele zombou desse deus, dizendo que Nebo não podia nem mesmo se salvar de ser capturado ([Is 46.1](#)).

Veja Babilônia.

Nebo (Lugar)

1. Cidade localizada nas terras altas pastorais da Transjordânia e desejada pelos filhos de Gade e Rúben ([Nm 32.3](#)). Rúben recebeu esta cidade ([Nm 32.38](#); [1Cr 5.8](#)), mas por fim a perdeu para o rei Mesa de Moabe por volta de 850 a.C. Mais tarde, Isaías ([Is 15.2](#)) e Jeremias ([Jr 48.1,22](#)) previram a destruição de Nebo como parte do julgamento de Deus contra Moabe.

2. Cume na porção de Pisga da cordilheira Abarim, situada a 12,9 quilômetros a leste do rio Jordão, no canto nordeste do Mar Morto, no topo do qual Moisés viu a Terra Prometida de Canaã antes de morrer ([Dt 32.49](#); [34.1](#)). Seu local foi identificado de várias maneiras como Jebel en Neba ou Khirbet el-Mekhaiyet.

Veja também Nebo, Monte.

Nebo (Pessoa)

Antepassado de 52 descendentes que retornaram com Zorobabel para Judá após o exílio ([Ed 2.29](#); [Ne 7.33](#)), 7 dos quais foram encorajados por Esdras a se divorciarem de suas esposas estrangeiras ([Ed 10.43](#)). Alguns sugerem que Nebo se refere a uma cidade na tribo de Benjamim, da qual alguns habitantes foram exilados para Babilônia.

Nebusazbã

Oficial babilônico entre aqueles encarregados de fornecer segurança para Jeremias após os babilônios conquistarem Jerusalém ([Jr 39.13](#)).

Nebuzaradã

Oficial chefe babilônico e capitão da guarda durante o reinado de Nabucodonosor (605–562 a.C.). Nebuzaradã foi um dos oficiais que Nabucodonosor autorizou a supervisionar Jerusalém e Judá, além de coordenar as deportações de exilados judeus para a Babilônia.

([2Rs 25.8-20](#); [Jr 39.9-10](#); [52.12-30](#)). Por ordem do rei, ele nomeou Gedalias como governador de Judá e guardião de Jeremias ([Jr 39.11-13](#); [41.10](#); [43.6](#)).

Neco

Faraó da 26ª dinastia dos reis Saítas, que sucedeu seu pai, Psamético, em 610 a.C. Psamético governou por 54 anos sobre o Egito e foi fundamental na renovação de formas artísticas arcaicas e no renascimento do fervor religioso. Além disso, Psamético fortificou as fronteiras com guarnições e expulsou os assírios além da fronteira nordeste em Canaã. A aliança dos babilônios e medos fez Psamético perceber a ameaça potencial à independência do Egito, e ele se aliou à Assíria, seu antigo inimigo.

Neco herdou as realizações de seu pai e uma cena política internacional da qual não poderia se retirar facilmente. Ele estava aliado a um poder perdedor, já que Nínive, a capital da Assíria, caiu em 612 a.C. Neco foi convocado para auxiliar o rei da Assíria, que havia recuado para Harã diante das forças babilônicas comandadas por Nabucodonosor. Neco moveu suas tropas através de Judá a caminho de Carquemis para entrar em batalha com os babilônios. Quando as tropas passaram pelo desfiladeiro de Megido, foram emboscadas por tropas judaicas sob o comando do rei Josias. Neco havia solicitado passagem segura, mas Josias imprudentemente recusou. Josias foi morto no campo ([2Rs 23.29-30](#); cf. [2Cr 35.20-25](#)). Neco continuou em direção a Carquemis. A batalha (605 a.C.) acabou sendo uma grande vitória para o jovem Nabucodonosor. Nabucodonosor registrou isso em termos elogiosos: “Quanto ao restante do exército egípcio que escapou da derrota... as tropas babilônicas os alcançaram e derrotaram; de modo que nenhum homem escapou para aquele país”. O AT observa brevemente: “O rei do Egito nunca mais saiu da sua terra com o seu exército” ([2Rs 24.7](#), NTLH).

Neco fortaleceu o Egito por meio de uma política de isolamento. Ele transformou Judá em uma zona de amortecimento e fortificou com sucesso as fronteiras para impedir que os babilônios penetrassem no Egito. Ele depôs Jeocaz, o recém-entronizado rei de três meses, levou-o para Ribla na Síria e, posteriormente, para o Egito ([2Rs 23.33-34](#)). Jeoaquim sucedeu ao trono davídico em Jerusalém, e Judá foi obrigado a pagar um tributo de 100 talentos de prata e um talento de ouro (vv. [33-36](#)). Quando Judá caiu para a Babilônia, os judeus

consideraram o interesse egípcio em sua sobrevivência como vital para a independência do Egito e solicitaram ajuda contra a Babilônia. O profeta Jeremias falou fortemente contra essa dependência do Egito ([Jr 46.17-24](#)). Não é certo se Neco arriscou suas forças para penetrar em Judá, uma província babilônica. Nabucodonosor rapidamente moveu suas forças para Judá, exilou Jeoaquim para a Babilônia e entronizou Zedequias (597 a.C.). Pouco depois, Neco morreu (595 a.C.). Seu filho, Psamético II, o sucedeu.

Vea também Egito, Egípcio; Israel, História de; Josias #1.

Necoda

1. Pai de uma família de servos do templo que retornou a Jerusalém após o exílio ([Ed 2.48](#); [Ne 7.50](#)).
2. Pai de uma família de exilados que retornaram e não conseguiram provar sua descendência israelita ([Ed 2.60](#); [Ne 7.62](#)).

Necromante, Necromancia

Um necromante é alguém que tenta falar com pessoas mortas. Necromancia é a prática de tentar se comunicar com os mortos para aprender segredos ou prever o futuro. A lei de Deus proibia estritamente os israelitas de fazerem isso ([Dt 18.11](#)).

Vea Magia; Médiun; Videntes.

Nedabias

Filho de Jeconias (“Joaquim” na NTLH), rei de Judá ([1Cr 3.18](#)).

Neelamita

Nome ancestral ou designação geográfica para Semaías, o falso profeta ([Jr 29.24,31-32](#)). Sua origem é desconhecida. Etimologicamente semelhante à palavra hebraica para “sonho”, neelamita é possivelmente um epíteto criado por Jeremias para ridicularizar Semaías, o falso profeta, como um sonhador.

Neemias (Pessoa)

Nome de três homens mencionados no Antigo Testamento após o período do exílio. O nome significa "o Senhor conforta" e era apropriado para esse tempo de esperança e realização.

1. Líder mencionado em uma lista de exilados judeus que retornaram da Babilônia com Zorobabel algum tempo depois de 538 a.C. ([Ed 2.2](#); [Ne 7.7](#)).
2. Governante de metade do distrito de Bete-Zur que ajudou a reconstruir o muro de Jerusalém em 444 a.C. ([Ne 3.16](#)).
3. Governador de Judá durante a restauração. Originalmente copeiro do rei persa Artaxerxes I (464–424 a.C.), Neemias pediu para ser enviado a Judá para ajudar seus compatriotas judeus em suas dificuldades e, em particular, para reconstruir Jerusalém ([Ne 1.1–2.8](#)). Ele foi nomeado governador de Judá por 12 anos.

Ao inspecionar as muralhas quando chegou, ele percebeu que o reparo delas seria sua principal tarefa. Este reparo garantiria a segurança da cidade e poderia fornecer um ponto focal para a comunidade judaica espalhada por Judá. O fato de ele ter conseguido reunir apoio para este projeto e concluí-lo atesta suas habilidades em gestão e administração. Ele também tinha uma forte fé pessoal, como suas orações ([Ne 1.4–11](#); [2.4](#)) e convicção de orientação e ajuda divina ([2.8,18,20](#)) demonstram. Ele teve que superar hostilidade e intimidação de autoridades vizinhas poderosas em Samaria, Amom e Arábia ([4.1–9](#); [6.1–14](#)). Ele também exigiu justiça econômica (cap. [5](#)). Alguns poucos judeus ricos estavam explorando uma escassez de alimentos ao cobrar juros altos de seus irmãos mais pobres.

Incluído na preocupação de Neemias por Jerusalém estava um forte interesse na manutenção do culto no templo. Ele esteve envolvido na produção de um documento no qual a comunidade judaica se comprometeu a apoiar o pessoal do templo e a fornecer ofertas ([Ne 10.1,32–39](#)). Claramente, ele percebeu que Judá precisava ter em seu coração uma ênfase religiosa, além de estabilidade política. Essas reformas religiosas específicas estão ligadas às do seu segundo período como governador (cap. [13](#)). Outras reformas desse período diziam respeito à observância do sábado ([13.15–22](#)) e ao problema dos casamentos com não-judeus ([13.23–27](#)). Neemias foi um líder enérgico (v. [25](#)) que usou seus poderes imperiais para restaurar aos

repatriados uma identidade nacional e religiosa em um período de fraqueza política e econômica.

Veja também Neemias, Livro de; Esdras (Pessoa) #1; Esdras, Livro de; Período pós-exílico.

Nefegue

1. Um levita da família de Coate e o segundo dos três filhos de Isar ([Êx 6.21](#)).
2. Filho de Davi nascido durante seu reinado em Jerusalém ([2Sm 5.15](#); [1Cr 3.7](#); [14.6](#)).

Nefilins

Um grupo inicial de pessoas mencionado apenas duas vezes no Antigo Testamento ([Gn 6.4](#); [Nm 13.33](#)). A tradução grega das Escrituras Hebraicas (a Septuaginta) traduziu "nefilim" como "gigantes". Outras versões, como a ARC e ARA, seguiram essa tradução. As traduções modernas variam entre "nefilins" e "gigantes". Eles são associados aos anaquins ([Nm 13.33](#); [Dt 2.21](#)) e aos refains ([Dt 2.20](#)). Esses grupos eram conhecidos por seu grande tamanho, razão pela qual eram frequentemente chamados de "gigantes".

A origem dos nefilins é incerta. Alguns dizem que o verbo hebraico *naphal*, que significa "cair", implica que os nefilins eram "caídos". Estes seriam anjos caídos que mais tarde tiveram filhos com mulheres humanas. Mas Jesus ensinou que os anjos não têm relações físicas ([Lc 20.34–35](#)). Esta ideia assume que [Gênesis 6.1–4](#) reflete mitos gregos, onde tais uniões aconteciam. No entanto, a passagem em Gênesis trata da história humana, não de mitologia.

Os nefilins provavelmente não eram os "filhos de Deus" na Bíblia. Eles parecem ser diferentes das "filhas dos homens". Para entendê-los, pense em um grupo de pessoas antigas, como os anaquins e refains, cujas origens são desconhecidas.

Veja também Gigantes.

Nefisim

Grafia alternativa de Nefusim em [Esdras 2.50](#), [Neemias 7.52](#). *Veja* Nefuseus, Nefusesim, Nefusim.

Nefuseus, Nefusesim, Nefusim

Um grupo de pessoas que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio, contado entre os servos do templo ([Ed 2.50](#); [Ne 7.52](#)).

Neguebe, Negev

Região mais ao sul da Palestina. O nome vem da raiz "estar seco, árido", embora seu significado básico seja "país do sul, sul". É uma área sem limites geográficos precisos. De norte a sul, o Neguebe cobre a área entre Berseba e Cades-Barneia. De oeste a leste, estende-se desde perto do Mediterrâneo até o Arábá, uma distância de cerca de 112 quilômetros.

Esta é uma região árida do país, com chuvas infrequentes e limitadas. Com recursos hídricos escassos, havia poucas oportunidades para a agricultura, embora na área norte algum cultivo de grãos fosse realizado em pequena escala, com possivelmente uma falha de safra a cada três anos. Uma economia pastoral existia, baseada principalmente na criação de ovelhas, cabras e camelos. Simeão recebeu este território, incluindo cidades como Arade e Reobote, na divisão tribal da Terra Prometida. Mais tarde, Judá absorveu esta tribo. Durante a monarquia, os israelitas avançaram no Neguebe. Nos reinados de Salomão e Josafá, havia tráfego comercial de e para o porto de Ezion-Geber no Golfo de Ácaba. Nos tempos greco-romanos, os nabateus habitavam o Neguebe. Através da cuidadosa preservação da água da chuva, eles desenvolveram uma agricultura limitada e sustentaram várias cidades. Durante os tempos do NT, os idumeus controlavam o Neguebe.

A NTLH não usa o termo Neguebe, mas normalmente o traduz como "o sul". Por outro lado, a NAA, ARA e NVI usam regularmente o nome para o território. Abraão foi frequentemente associado ao Neguebe ([Gn 12.9](#); [13.1-2](#); [20.1](#)). Davi disse a Aquis, rei de Gate, que ele havia atacado "o Neguebe de Judá", "o Neguebe dos jerameelitas" e "o Neguebe dos queneus" ([1Sm 27.10](#)), enquanto o egípcio capturado por Davi afirmou que os amalequitas haviam feito incursões contra "o Neguebe dos quereteus", "o Neguebe de Judá" e "o Neguebe de Calebe" ([1Sm 30.14](#)).

Neguina, Neguinote

Termos hebraicos nos sobrescritos dos [Salmos 4, 6, 54-55, 61, 67 e 76](#) (ARC); indicações musicais que significam "instrumentos de cordas", descrevendo o tipo de acompanhamento musical para a execução dos salmos designados.

Veja Música.

Neiel

Cidade fronteiriça no território de Aser ([Js 19.27](#)). Seu local possivelmente pode ser identificado com a moderna Khirbet Ya'nin, no extremo leste da planície de Acco.

Neilote

Termo hebraico na inscrição de [Salmo 5](#) (ARC); indicação musical, significando "flautas", descrevendo o tipo de acompanhamento musical para a execução do salmo.

Veja Música.

Nemuel

1. Rubenita e filho de Eliabe ([Nm 26.9](#)).
2. Um dos filhos de Simeão ([Nm 26.12](#); [1Cr 4.24](#)), também chamado de Jemuel ([Gn 46.10](#)). *Veja Jemuel.*

Nemuelita

Membro da família de Nemuel da tribo de Simeão ([Nm 26.12](#); alternativamente chamado de Jemuel em [Gn 46.10](#)). *Veja Jemuel.*

Nequebe

Uma cidade que define o limite do território atribuído à tribo de Naftali como herança, posicionada entre Zaananim e Jabneel ([Js 19.33](#)). *Veja Adami, Adami-Nequebe.*

Ner

Um homem da tribo de Benjamim. Ele era o pai de Abner e irmão de Quis. Isso faria de Ner o tio do rei Saul ([1Sm 14.51](#); [26.5](#); [2Sm 2.8](#); [1Rs 2.32](#); [1Cr 26.28](#)).

No entanto, a Bíblia fornece informações diferentes sobre os relacionamentos familiares de Ner. Em uma passagem, a Bíblia diz que o pai de Ner se chamava Abiel ([1Sm 14.51](#)). Mas outras passagens listam Ner como um dos filhos de Jeiel, embora essas leituras sejam difíceis de interpretar ([1Cr 8.29-30](#); [9.35-36](#)). Em outras partes da Bíblia, Ner é listado como o pai de Quis, que era o pai de Saul ([8.33](#); [9.39](#)). Isso faria de Ner o avô de Saul.

Uma possível explicação é que havia dois homens diferentes chamados Quis. Um Quis era irmão de Ner, e o outro era filho de Ner. Outra explicação é que havia dois homens diferentes chamados Ner.

Essas diferentes explicações mostram que as listas de famílias na Bíblia às vezes são incompletas ou não muito claras.

Nereu

Cristão romano mencionado por Paulo em sua saudação final da carta aos Romanos ([Rm 16.15](#)).

Nergal

Deidade pagã adorada pelos homens de Cuta após a queda de Israel em 722 a.C. ([2Rs 17.30](#)). Nergal, senhor do submundo e associado ao deus do sol, era o deus da cidade babilônica do norte de Cuta (cf. v. [24](#)). *Veja* Assíria, Assírios.

Nergal-Sarezer

Príncipe babilônico que detinha o título de "Rabmag" (chefe dos magos). Nergal-Sarezer participou com Nabucodonosor e o exército caldeu na conquista de Jerusalém após um cerco de três anos, de 588 a 586 a.C. ([Jr 39.3](#)), e mais tarde confiou Jeremias aos cuidados de Gedalias (v. [13](#)).

Neri

Um ancestral de Jesus, de acordo com [Lucas 3.27](#).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Nerias

Pai de Baruque, o escriba ([Jr 32.12,16](#); [36.4,8](#)) e de Seraías, o mordomo ([51.59](#)), ambos serviram ao profeta Jeremias.

Nero

Nero foi um imperador romano conhecido por sua crueldade e pela perseguição aos cristãos. Ele nasceu em 37 d.C. e morreu em 68. Ele governou Roma como imperador de 54 a 68 d.C..

Início da vida

Nero nasceu com o nome de Lúcio Domício Aenobarbo. Seu pai era senador e cônsul, mas morreu quando Nero ainda era criança. A mãe de Nero, Agripina, era filha de Germânico e uma das mulheres mais ricas e poderosas de Roma.

Mais tarde, Agripina casou-se com o imperador Cláudio. Cláudio adotou Nero e deu-lhe um novo nome: Nero Cláudio César Germânico. Agripina desejava governar através de seu filho e o controlou em seus primeiros anos como imperador.

Ascensão ao poder e início do governo

Roma estava repleta de tramas políticas e assassinatos nessa época. Durante os primeiros cinco anos de Nero como imperador, ele ordenou as mortes de seu meio-irmão Britânico e de sua própria mãe, Agripina. Mais tarde, ele forçou sua esposa Otávia a deixar Roma e, em seguida, mandou matá-la.

Mesmo enquanto Nero governava com crueldade, a igreja cristã em Roma continuava crescendo. Em 57 d.C., o apóstolo Paulo escreveu uma carta aos cristãos em Roma. Paulo ainda não tinha visitado a cidade, mas já conhecia muitos crentes lá ([Rm 16](#)).

Paulo e Nero

Após Nero governar por cinco anos, Paulo estava preso em Cesareia. Ele pediu para ser julgado por César ([At 25.11](#)). Paulo pode ter esperado que isso levasse à sua liberdade e à proteção legal para os cristãos.

Quando Paulo pediu para ser julgado por César, isso não significava que Nero o julgaria pessoalmente. No início de seu governo, Nero afirmou que não seria um juiz. Ele permitiu que seus principais líderes militares (chamados prefeitos) decidissem os casos legais.

Mas em 62 d.C., Nero começou a julgar casos pessoalmente. Não está claro se Paulo apareceu diante de Nero ou de um dos prefeitos. Caso ninguém tivesse apresentado acusação contra Paulo, o processo talvez nem tenha sido julgado. Paulo ainda estava aguardando julgamento quando escreveu a carta aos Filipenses ([Fp 1.7-14](#)).

O declínio de Nero

Em 62 d.C., o conselheiro de Nero, Afrânio Burro, faleceu. Burro havia trabalhado de perto com Sêneca, um sábio professor e também conselheiro de Nero. Juntos, eles ajudaram a governar Roma enquanto Nero se concentrava no entretenimento.

Após a morte de Burro, Sêneca foi forçado a se suicidar em 65 d.C. Com isso, Nero começou a agir conforme sua vontade. Seus novos conselheiros levaram a sérios problemas financeiros. Nero acreditava, de forma equivocada, que era o salvador do mundo.

O grande incêndio e a perseguição aos cristãos

Em 64 d.C., um grande incêndio começou no Circo Máximo em Roma. Ele queimou por mais de cinco dias e destruiu grande parte da cidade. Nero estava em seu local de nascimento, Âncio (cerca de 53 quilômetros ao sul de Roma). Ele retornou rapidamente para ajudar na crise.

Muitas pessoas acreditavam que Nero havia iniciado o incêndio. Para parar os rumores, ele culpou os cristãos. Ele ordenou que muitos cristãos fossem punidos. Este pode ser o momento em que o apóstolo Pedro escreveu sobre o sofrimento cristão ([1Pe 4.12](#)). A segunda esposa de Nero, Popeia, pode tê-lo encorajado a culpar a igreja. Nessa época, a comunidade cristã em Roma havia crescido bastante.

O escritor romano Tácito disse que "uma enorme multidão foi considerada culpada, não tanto de incêndio criminoso, mas de ódio à humanidade". Muitos acreditam que Pedro e Paulo foram mortos durante essa perseguição.

Por volta de 95 d.C., um líder da igreja primitiva chamado Clemente, de Roma, escreveu uma carta à

igreja em Corinto. Ele mencionou Pedro e Paulo como heróis da fé que morreram por suas crenças.

Últimos anos de Nero

Em 66 d.C., uma revolta judaica começou em Cesareia. Nero enviou seu general Vespasiano para detê-la. Então, Nero viajou para a Grécia e deixou um oficial romano chamado Hélio encarregado do império.

Enquanto Nero estava ausente, líderes na França, Espanha e África se voltaram contra ele. Quando Nero retornou em 68 d.C., tirou a própria vida. Ele foi o último imperador romano relacionado a Júlio César por sangue ou casamento.

Veja também Césares, Os.

Nesias

Antepassado de uma família de servos do templo que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o cativo babilônico ([Ed 2.54](#); [Ne 7.56](#)).

Netaim

Habitação dos oleiros que estavam empregados no serviço do rei ([1Cr 4.23](#)).

Netanias

1. Filho de Elisama, pai de Ismael e membro da família real de Judá ([2Rs 25.23-25](#); [Jr 40.8-15](#); [41.1-18](#)).

2. Um dos quatro filhos de Asafe e o líder da quinta das 24 divisões de músicos treinados para o serviço no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 25.2,12](#)).

3. Um dos levitas enviados pelo rei Josafá, de Judá, para ensinar a lei nas cidades de Judá ([2Cr 17.8](#)).

4. Filho de Selemias e pai de Jeudi. Jeudi serviu na corte do rei Jeoaquim, de Judá ([Jr 36.14](#)).

Netineus

Os netineus eram assistentes do templo que ajudavam no trabalho no templo de Deus. Este termo aparece apenas em livros escritos após o retorno dos israelitas do exílio (1 Crônicas, Esdras,

Neemias). A palavra "netineu" vem do verbo hebraico "Natã", que significa "dar, separar ou dedicar". Assim, o termo significa "aqueles dados" ou "aqueles separados para o serviço".

A tradução grega do Antigo Testamento (chamada de Septuaginta) traduz esta palavra como *dedomenoi*. Alguns tradutores recentes seguiram o historiador judeu Josefo, referindo-se a eles como "escravos do templo" (*Antiguidades* 11.5.1). A NTLH traduz como "servidores do templo".

Antes do exílio (quando muitos israelitas foram levados para Babilônia), os netineus trabalhavam no serviço do templo. [Primeiro de Crônicas 9.2](#) os lista com os sacerdotes e levitas que tomaram posse de suas cidades designadas. A ordem em que são listados — sacerdotes, levitas e netineus — mostra que eles tinham um papel abaixo dos levitas (veja também [Ne 7.73](#); [11.3.20-21](#)). Eles retornaram do exílio como servos do templo ([Ed 2.43,58](#); [7.7.24](#); [8.17.20](#); [Ne 7.46,60](#)). Eles viviam em Jerusalém ([Ed 7.7](#); [Ne 3.31](#); [11.21](#)). Eles ajudaram a reparar as muralhas da cidade ([Ne 3.26](#)).

Não podemos ter certeza completa sobre quem exatamente eram os netineus. [Números 31.47](#) nos diz que os levitas receberam cativos que foram designados para tarefas duras e básicas. Quando os gibeonitas foram aceitos em Israel como servos, eles também foram encarregados de carregar água e cortar lenha para toda a comunidade e para o altar do Senhor ([Js 9.9-27](#)). O rei Davi aumentou o número de pessoas servindo no tabernáculo ao designar prisioneiros de guerra para realizar essas funções ([Ed 8.20](#)). Quando o templo foi concluído, mais trabalhadores foram necessários para os serviços do templo, e o rei Salomão aumentou o número deles. Este novo grupo ficou conhecido como "os servos de Salomão".

Esdras registra que 392 netineus retornaram do exílio para Jerusalém ([2.58](#)). Eles desempenharam as funções no templo reconstruído que seus ancestrais fizeram antes do exílio. Os israelitas consideravam os netineus membros plenos da comunidade da aliança restaurada. Os netineus se dedicaram a Deus ([Ne 10.28](#)).

Netofate, Netofatita

Netofate era um lugar próximo a Belém no Antigo Testamento. Um netofatita era alguém originário desse lugar.

Dois dos trinta guerreiros poderosos de Davi eram de Netofate ([2Sm 23.28-29](#); [1Cr 11.30](#); [27.13-15](#)). Seraías, um dos líderes do exército que se encontrou com Gedalias após Jerusalém cair para Babilônia em 586 a.C., também era um netofatita ([2Rs 25.23](#); [Jr 40.8](#)).

Mais tarde, 56 homens de Netofate retornaram do exílio na Babilônia com Zorobabel e Josué ([Ed 2.22](#)).

Os levitas também viviam nas aldeias dos netofatitas ([1Cr 9.16](#)). Cantores do templo vinham de aldeias ao redor de Jerusalém, incluindo aquelas perto de Netofate ([Ne 12.28](#)). Esses versículos sugerem que Netofate não era apenas uma cidade, mas parte de uma área ou distrito maior.

Netofate estava provavelmente localizada perto de Belém (veja [1Cr 2.54](#); [Ne 7.26](#)). Não sabemos a localização exata, mas muitos acreditam que era em Khirbet Bedd Faluh, cerca de 5 quilômetros a sudeste de Belém.

Neum

Um dos homens listados em [Neemias 7.7](#) que retornou com Zorobabel para a Palestina após o cativeiro babilônico. Seu nome é alternadamente escrito como Reum em [Esdras 2.2](#). Veja Reum #1.

Neusta

Neusta era a mãe de Joaquim, que foi um rei de Judá. Ela foi levada para Babilônia com seu filho quando foram forçados a deixar sua terra natal ([2Rs 24.8-15](#)).

Neustã

Nome dado à serpente de bronze que Moisés fez durante as peregrinações no deserto. Na época das reformas do rei Ezequias, ela foi destruída ([2Rs 18.4](#)). Veja Serpente de bronze, Cobra de bronze.

Nezibe

Uma das cidades na planície alocada a Judá como herança ([Js 15.43](#)). Seu local é identificado com a moderna Khirbet Beit Nesib, a leste de Laquis.

Nibaz

O nome de um deus adorado pelos aveus, que foram deslocados e reassentados à força na Samaria pelos assírios em 722 a.C. Eles trouxeram a adoração deste ídolo, assim como a de Tartaque, com eles naquela época ([2Rs 17.31](#)). Embora se alegue ser de origem mesopotâmica, isso não é provável porque os adoradores eram sírios. A palavra Nibaz pode ser uma corrupção hebraica de “altar” e, portanto, uma referência a um altar deificado que era o objeto de adoração.

Nibsã

Uma das seis cidades no deserto atribuídas a Judá como herança ([Js 15.62](#)).

Nicanor

1. O filho de Pátroclo, "um dos principais amigos do rei" ([2Mc 8.9](#)). Ele foi um general sírio que serviu sob dois reis: Antíoco IV Epifânio e Demétrio Sóter. Nicanor pode ter sido o comandante supremo sobre Ptolomeu e Górgias na primeira campanha de Lísias contra Judas Macabeu ([1Mc 3.38ss](#)). Isso ocorreu durante o reinado de Antíoco IV Epifânio. Nicanor morreu na batalha em Adasa e Bet-Horon em 161 a.C. De acordo com 2 Macabeus, Judas pendurou a cabeça de Nicanor na cidadela (uma fortaleza em Jerusalém) como uma prova clara da vitória de Deus ([15.35](#)).
2. Um dos sete homens escolhidos pela igreja primitiva para gerenciar a distribuição diária de alimentos aos crentes pobres em Jerusalém ([At 6.5](#)). Esses sete homens foram selecionados para garantir que as viúvas e outros necessitados recebessem tratamento justo na distribuição diária de alimentos.

Nicodemos

Fariseu e membro do Sinédrio mencionado apenas no Evangelho de João ([Jo 3.1-15](#); [7.50-52](#); [19.39-41](#)). De acordo com [João 3](#), Nicodemos veio a Jesus à noite e o reconheceu como um mestre enviado por Deus. Ele estava convencido de que Jesus não poderia realizar tais coisas se Deus não estivesse com ele. Após uma troca de palavras sobre a necessidade de nascer de novo, Jesus perguntou como Nicodemos, um membro do tribunal religioso judaico, poderia não entender tais coisas. Naquele momento, ele evidentemente não fez uma profissão de fé, porém mais tarde defendeu Jesus perante o Sinédrio ([7.50-52](#)). Após a morte de Jesus, Nicodemos ajudou abertamente José de Arimateia com o sepultamento de seu corpo ([19.39-42](#)).

Alguns estudiosos sugerem que Nicodemos foi um dos líderes judeus que acreditaram em Jesus, mas não o confessaram abertamente por medo de excomunhão ([12.42](#)). A tradição posteriormente sustentou que ele pertencia à comunidade de fé, como alguém convencido a acreditar através da mensagem e das ações de Jesus, mas que permaneceu intimidado pelo estabelecimento religioso.

Veja também João, Evangelho de.

Nicolaítas

Os nicolaítas eram uma seita herética na igreja primitiva (um grupo que ensinava coisas falsas). O livro de Apocalipse os menciona pelo nome duas vezes. Jesus elogiou a igreja em Éfeso por odiar as obras dos nicolaítas ([Ap 2.6](#)). E Jesus criticou a igreja em Pérgamo por ter alguns membros que seguiam o ensino dos nicolaítas (v. [15](#)).

Os pecados dos nicolaítas

Os pecados específicos condenados em Pérgamo foram o consumo de alimentos sacrificados a ídolos e a prática da imoralidade. Estes também estavam presentes em Tiatira ([Ap 2.20](#)). Muitas pessoas acreditam que a mulher chamada Jezabel era uma líder dos nicolaítas em Tiatira. Na carta a Pérgamo, Cristo equipara seus pecados ao ensino de Balaão ([Ap 2.14](#); compare [Nm 25.1-2](#); [31.16](#); [2Pe 2.15](#); [Jd 1.11](#)). Balaão aconselhou Balaque, o rei dos moabitas, sobre como fazer Israel cair. Balaão disse a Balaque para convidar os israelitas a adorar os deuses moabitas e casar-se com mulheres

moabitas. Esses casamentos levaram à imoralidade sexual ligada às práticas religiosas moabitas. Assim, os judeus teriam se separado de Deus e de sua proteção. No pensamento judaico, Balaão era um símbolo de tudo o que levava as pessoas a um mau comportamento e ao afastamento de Deus. As práticas ímpias em Tiatira são chamadas de "as profundezas de Satanás" ([Ap 2.24](#)).

A igreja primitiva enfrentou ameaças do culto a ídolos e da imoralidade sexual, que eram comuns no mundo daquela época. O Novo Testamento dá muitos avisos sobre esses problemas. O Concílio de Jerusalém instruiu os crentes gentios a evitarem comer alimentos oferecidos a ídolos e a se afastarem da imoralidade sexual ([At 15.20](#)). O apóstolo Paulo pediu uma abstenção voluntária desse tipo de alimento pelo bem daqueles que eram fracos ou imaturos na fé ([1Co 8](#)). Ele condenou fortemente a participação em festas de ídolos ([1Co 10.14-22](#)). Ele também condenou a imoralidade sexual em geral e a prostituição em templos especificamente ([6.12-20](#)).

Quem eram os nicolaítas?

É mais difícil saber exatamente quem eram os nicolaítas. Os primeiros pais da igreja frequentemente os identificavam como seguidores de Nicolau de Antioquia. Nicolau era um gentio (pessoa não judia) que havia se convertido à fé judaica. Ele então se tornou cristão e foi escolhido como um dos primeiros sete diáconos ([At 6.5](#)). Tanto Irineu quanto Hipólito (líderes da igreja primitiva) acreditavam que Nicolau havia se desviado da fé. Clemente (outro líder da igreja) afirmou que os falsos ensinamentos e os imorais nicolaítas não eram seguidores reais de Nicolau, mas falsamente o reivindicavam como seu mestre. No entanto, não há evidências diretas disponíveis.

Muitos estudiosos acreditam que o nome "nicolaítas" pode ser uma tradução grega do nome hebraico "Balaão". Isso se alinha com a natureza simbólica de Apocalipse e a aparente conexão entre os dois nomes na carta a Pérgamo ([Ap 2.14-15](#)).

Nicolau

Nicolau foi um dos sete homens mencionados em [Atos 6.5](#) que foram escolhidos para servir na igreja primitiva de Jerusalém. Seu trabalho, conforme especificado em [Atos 6.1-4](#), era garantir que a comida fosse distribuída de forma justa e igual entre todos os membros da igreja.

Tradicionalmente, as pessoas chamam esses sete homens de "diáconos" (que significa "servidores") porque [Atos 6.1](#) usa termos como "distribuição diária" ou "serviço" e [6.2](#) usa expressões como "servir às mesas" ou "servir".

Nicolau é o último nome da lista. A Bíblia o identifica como um prosélito, o que significa que ele era um gentio (pessoa não judia) que havia se convertido ao Judaísmo antes de se tornar cristão. Ele tinha um nome grego, e sua cidade natal era Antioquia. O Novo Testamento não nos fornece mais informações sobre ele.

Veja também Diácono, Diaconisa.

Nicópolis

Nome que significa "Cidade da Vitória", uma escolha popular no Império Romano quando uma cidade recém-fundada exigiu um nome, especialmente quando uma cidade recém-construída foi criada para comemorar uma vitória militar em dias de guerra.

Em sua carta a Tito, Paulo o orienta a deixar a cidade de Creta, onde ele estava ministrando ([Ti 1.5](#)), e a seguir seu caminho para Nicópolis, onde o apóstolo estava trabalhando e pretendia passar o inverno ([3.12](#)). Das nove cidades chamadas Nicópolis espalhadas por todo o império, Paulo muito provavelmente se referiu àquela que ficava situada a noroeste do Golfo de Corinto e a sudeste da parte mais alta da região de Épiro.

Otaviano fundou esta cidade em 31 a.C. para celebrar sua vitória sobre Marco Antônio na grande batalha de Ácio, travada nas proximidades. Nicópolis era grega tanto em seu nome quanto em sua constituição. O centro de várias cidades próximas, a nova Nicópolis era uma metrópole, desfrutando de uma independência semelhante à da cidade vizinha, Atenas. Templos, teatros, um estádio e um aqueduto foram construídos, e os jogos foram criados para os festivais que aconteciam a cada quatro anos. O cidadão mais famoso de Nicópolis, Epicteto ou Epiteo, filósofo estóico, viveu naquele lugar por volta do ano 90 d.C. Paulo fez desta esplêndida metrópole e suas comunidades ao redor um campo para evangelismo.

Níger

Um nome de família de Simeão, que foi um dos líderes na igreja em Antioquia ([At 13.1](#)).

Veja Simeão (Pessoa) #4.

Ninfa

Uma mulher cristã vivendo em Laodiceia (ou talvez Colossos), em cuja casa os crentes se reuniam para adoração. Paulo enviou saudações a ela e à igreja ([Cl 4.15](#)).

Ninhada

Um termo frequentemente usado na Bíblia para pássaros jovens, especialmente pássaros treinados, também é usado para cobras ou víboras como uma metáfora para "pecadores" ([Nm 32.14](#); [Mt 3.7](#); [12.34](#); [Lc 3.7](#)). Pode ser traduzido também por "raça".

Veja Aves (Domésticas, Aves; Perdiz).

Nínive, Ninivita

Uma das capitais do Império Assírio e, no auge desse império, uma das grandes cidades do mundo. Nínive estava localizada no que hoje é o norte do Iraque e é representada atualmente pelos montes de Kouyunjik e Nebi Yunus, a leste do Rio Tigre e em frente à parte principal da cidade de Mosul.

O monte maior, Kouyunjik, ao noroeste (aproximadamente 1,6 quilômetros por 594 metros de área e cerca de 27 metros de altura acima da planície), é separado de Nebi Yunus pelo rio Khosr. Uma vila, um cemitério e uma mesquita que dizem conter o túmulo de Jonas ocupam Nebi Yunus, impedindo trabalhos arqueológicos extensivos.

A muralha de tijolos ao redor de Nínive, com cerca de 13 quilômetros de comprimento e 15 portões (dos quais 5 foram escavados), era guardada pelos colossais touros de pedra que caracterizam a arquitetura das cidades assírias desse período.

História

A ocupação do local remonta a tempos pré-históricos (c. 4500 a.C.), de acordo com o registro da fundação da cidade em [Gênesis 10](#). Materiais das

várias culturas antigas (Hassuna, Samarra, Halaf, Ubaid) foram encontrados em Nínive.

Sargão de Acádia (meados do século 24 a.C.) estava familiarizado com Nínive, que floresceu durante seu tempo. Um registro do reinado de um rei posterior, Shamsi-Adad I (c. 1800 a.C.), relata que um filho de Sargão, Manishtusu, restaurou o templo de Ishtar em Nínive.

Ishtar (Inanna), a deusa do amor e da guerra, era uma divindade apropriada para os assírios, conhecidos por serem agressivos e belicosos. Muitas outras divindades eram veneradas em Nínive, e os portões da cidade recebiam seus nomes em homenagem a elas. Os assírios adoravam no templo de Nabu, o deus da escrita, das artes e das ciências, refletindo o interesse assírio por registros, literatura e escultura em relevo e em três dimensões.

Shamsi-Adad I e Hamurabi também restauraram o templo de Ishtar em Nínive. Salmanaser I e Tukulti-Ninurta I ampliaram e fortaleceram a cidade, e outros governantes construíram seus palácios lá, como Tiglate-Pileser I, Ashurnasirpal II (883–859 a.C.) e Sargão II (722–705 a.C.). No entanto, foi Senaqueribe (705–681 a.C.) quem fez de Nínive a capital e se dedicou intensamente a embelezar a cidade. Além de seu famoso palácio, ele realizou muitos projetos, reconstruindo as muralhas da cidade, criando parques, fazendo coleções botânicas e zoológicas, e construindo aquedutos para trazer água a 48 quilômetros de distância. Para Nínive, veio o tributo que os assírios conquistadores exigiam das nações, incluindo Israel e Judá, que caíam vítimas de seus formidáveis exércitos.

Após o assassinato de Senaqueribe, seu filho e sucessor, Esar-Hadom (681–669 a.C.), retomou Nínive dos rebeldes. Ele construiu um palácio em Nínive e tinha outro em Calá, onde passava a maior parte do tempo.

O filho de Esar-Hadom, Assurbanípal (669–633 a.C.), fez sua residência em Nínive, onde foi educado e treinado em esportes e habilidades militares. Ele era algo como um antiquário e dominava a leitura do acádio e sumério. Em seu palácio estava abrigada a famosa biblioteca para o estudo da Assiriologia. O templo de Nabu continha uma biblioteca que datava pelo menos do tempo de Sargão II, mas a biblioteca real de Assurbanípal a superava em tamanho e importância. Sargão e seus sucessores haviam coletado muitas tábuas, mas Assurbanípal enviou escribas por toda a Assíria e

Babilônia para reunir e copiar tábuas, de modo que dezenas de milhares de tábuas se acumularam. Como a biblioteca de Nipur, a coleção de Nínive abrange uma grande variedade de materiais: contas comerciais, cartas, registros reais, documentos históricos, listas lexicográficas e textos bilíngues, lendas, mitos e vários outros tipos de inscrições religiosas, como hinos, orações e listas de divindades e templos. Entre as tábuas estavam sete que preservavam uma história da criação babilônica e doze que continham o épico de Gilgamesh, com uma versão do Dilúvio. Outros escritos que às vezes são citados como paralelos aos relatos bíblicos incluem a história de Adapa, com a oportunidade perdida de alcançar a imortalidade, e a lenda de Etana, um pastor que ascendeu ao céu.

Ashurbanipal também era bem conhecido por suas guerras e por sua crueldade. O relevo do palácio que mostra uma cena de banquete pacífica também exibe a cabeça decapitada de um líder elamita pendurada em uma árvore.

Nos últimos anos do envelhecido rei e após sua morte, os reinos vassalos se rebelaram. Babilônia tornou-se independente e se uniu aos Medos para tomar Assur e Calá em 614 a.C. Ciáxares, o Medo, Nabopolassar da Babilônia e uma força cita cercaram Nínive em 612 a.C.; a cidade caiu e o Rei Sinshariscum (Sardanápalo) pereceu em suas chamas.

Embora um remanescente de Nínive sob Ashuruballit tenha resistido em Harran até 609 a.C., Nínive já havia sido destruída: as previsões divinas dos profetas hebreus se cumpriram completamente.

Nínive e a Bíblia

Seis livros do AT referem-se à cidade de Nínive. Em Gênesis, a única menção de Nínive aparece na tabela das nações ([Gn 10](#)), que afirma que Ninrode saiu da terra de Sinar para a Assíria e construiu Nínive, Reobote, Calá e Resém entre Nínive e Calá (vv. [11-12](#)).

O tributo pago por Menaém ([2Rs 15.19-20](#)) e o despojo tomado na queda de Samaria ([Is 8.4](#)) foram levados para Nínive. Para esta cidade também veio o tributo que Senaqueribe recebeu de Ezequias ([2Rs 14-16](#)).

Entre as cenas celebradas nos relevos encontrados no palácio de Senaqueribe em Nínive está a representação do cerco e captura de Laquis (cf. [2Rs 19.8](#)). Senaqueribe é mostrado em um trono, com

cativos suplicantes diante dele. O cerco em si é mostrado em andamento, com arqueiros e aríetes no ataque, enquanto defensores nas muralhas usam arcos, flechas e tochas para repelir o ataque. De um portão, pessoas estão saindo com feixes nas costas, como se estivessem se rendendo ou fugindo. No canto inferior direito, três homens nus foram empalados em postes.

No prisma do Instituto Oriental da Universidade de Chicago e no Prisma de Taylor no Museu Britânico, há o relato de Senaqueribe sobre essa invasão de Judá. Como os assírios não tomaram Jerusalém, Senaqueribe teve que se contentar em se gabar: “Quanto a Ezequias, o judeu, ele não se submeteu ao meu jugo. Cerquei 46 de suas cidades fortes, fortalezas muradas e as incontáveis pequenas aldeias em sua proximidade, e as conquistei... Fiz dele prisioneiro em Jerusalém, sua residência real, como um pássaro em uma gaiola”.

Os reis assírios associados a Nínive desempenharam um papel importante na história de Israel, mas o nome Nínive ocorre apenas uma vez nos livros históricos da Bíblia. [Segundo Reis 19.36](#) afirma que, após a perda de 185.000 soldados pela mão do anjo do Senhor, Senaqueribe voltou para casa e permaneceu em Nínive. Lá, em 681 a.C., ele foi assassinado por seus filhos (cf. [2Rs 19.37](#); [2Cr 32.21](#); [Is 37.38](#)).

Há muitas referências a Nínive no livro de Jonas, pois o profeta foi especificamente enviado a essa cidade para alertá-la sobre o julgamento iminente. Nínive é chamada de “a Grande cidade” ([Jn 1.2](#); [3.2](#)) e é descrita como “uma cidade tão grande, que levava três dias para vê-la” ([3.3](#)). Nínive deve ter incluído mais do que a área representada pelos montes de Kouyunjik e Nebi Yunus. Alguns comentaristas acreditam que Nínive englobava outras cidades associadas a ela, incluindo o “triângulo assírio”, o ângulo de terra entre os rios Tigre e Grande Zab, estendendo-se de Khorsabad no norte até Nimrud no sul.

O Senhor fala daquela “grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil crianças inocentes e também muitos animais!” ([Jn 4.11](#), NTLH). Alguns escritores interpretam esta declaração como indicando o número de crianças inocentes na cidade e, portanto, chegam a uma população total de cerca de 600.000 para a grande Nínive. No entanto, é mais razoável concluir que se refere a toda a população e que a cláusula descritiva se relaciona à completa escuridão espiritual dos ninivitas.

Jonas pregou uma mensagem de julgamento e destruição, mas o arrependimento da cidade trouxe sua libertação ([3.6-10](#)). Naum declarou a queda final da cidade em uma linguagem vívida e emocionante. Sofonias também previu a destruição de Nínive e profetizou que seria uma desolação, um lugar para rebanhos descansarem, como até mesmo o visitante casual ao local notaria ([Sf 2.13-15](#)).

Nínive foi destruída por uma coalizão de babilônios, medos e citas. A devastação da cidade foi avassaladora e completa; em poucos séculos, a localização exata da cidade foi esquecida. Xenofonte e os exércitos gregos recuaram passando pelo local em 401 a.C. sem perceber. No segundo século d.C., o satirista grego Luciano comentou: “Nínive está tão completamente destruída que não é mais possível dizer onde ficava. Não resta um único vestígio dela”.

As únicas referências a Nínive nos Evangelhos do NT também estão relacionadas ao julgamento. Jesus afirmou, em resposta a uma exigência dos escribas e fariseus, que uma geração má busca um sinal; assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas, Jesus seria um sinal para sua geração ([Mt 12.38-40](#); [Lc 11.29-31](#)). Ele prosseguiu declarando que o povo de Nínive se levantaria no julgamento com sua geração e a condenaria, pois os ninivitas se arrependeram com a pregação de Jonas. Agora, alguém maior que Jonas havia chegado ([Mt 12.41](#); [Lc 11.32](#)).

Veja também Assíria, Assírios; Hamurábi, Código de leis de.

Ninra

Outro nome para Bete-Ninra, uma cidade em Moabe ([Nm 32.3](#)).

Veja Bete-Ninra.

Ninrim, Águas de

Um dos lugares na extremidade sul de Moabe denunciado por Isaias ([Is 15.6](#)) e Jeremias ([Jr 48.34](#)) em seus oráculos de julgamento contra a nação. As águas de Ninrim eram riachos alimentados por nascentes originárias das colinas transjordanianas, seguindo uma rota noroeste descendo para o vale do Arabá, e por fim desaguando no canto sudeste do Mar Morto. A

região ao redor dos riachos era evidentemente bem conhecida por sua vegetação exuberante (veja [Is 15.6](#)). Este curso de água provavelmente pode ser identificado com o moderno Wadi en-Numeirah, localizado cerca de 13 quilômetros ao norte do Riacho Zered.

Ninrode

Filho de Cuxe e neto de Cam, filho de Noé ([Gn 10.8](#); [1Cr 1.10](#)). Ele é descrito como “o primeiro homem poderoso na terra” e “um poderoso caçador” ([Gn 10.8-9](#)). Ninrode foi o primeiro a estabelecer um grande império e era um caçador bem conhecido. A tradição o coloca como governante sobre Babilônia e Acádia no sul da Mesopotâmia, e sobre Nínive na Assíria. A frase “terra de Ninrode” parece ser sinônimo de Assíria ([Mq 5.6](#)).

As referências do Antigo Testamento a Ninrode indicam que, na tradição antiga, ele era um homem de personalidade indomável, possuindo talentos e poderes extraordinários. Alguns estudiosos o identificam com um rei mesopotâmico que uniu a Assíria e a Babilônia no século XIII a.C. Isso entra em conflito com a afirmação que o conecta com Cuxe, filho de Cam, apontando para uma associação com o sul do Egito, onde Cuxe estava localizado ([Gn 10.8](#)).

O nome e a fama de Ninrode têm um lugar seguro no Judaísmo Talmúdico e na tradição islâmica. No primeiro, ele personifica tanto a rebelião contra Deus quanto o poder militar na terra. Na tradição rabínica, a Torre de Babel ([Gn 11.1-9](#)) é “a casa de Ninrode”, onde a idolatria era praticada e a homenagem divina era oferecida a Ninrode. No Islã, Ninrode persegue Abraão e o lança em uma fornalha ardente.

Ninsi

Pai de Josafá e avô de Jeú, que foi rei de Israel ([1Rs 19.16](#); [2Rs 9.2-20](#); [2Cr 22.7](#)).

Nisã

Nisã é um dos meses do calendário judaico. O nome vem da antiga língua da Babilônia ([Ne 2.1](#); [Et 3.7](#)). De acordo com o nosso calendário moderno, Nisã geralmente ocorre durante partes de março e abril.

Veja Calendários, Antigos e modernos.

Nisroque

O deus do rei Senaqueribe, em cujo templo em Nínive o rei foi assassinado por Adrameleque e Sarezer, seus filhos ([2Rs 19.37](#); [Is 37.38](#)). Nisroque era o deus da cidade de Nínive, a principal capital do Império Assírio; ele talvez fosse idêntico ao deus assírio Nusku.

Veja também Assíria, Assírios.

Nô-Amom

Tradução de versões como a ARA, ARC e BKJ para o nome Tebas em [Naum 3.8](#). *Veja* Tebas.

Nô-Amon

A forma hebraica para Tebas, capital do Alto Egito ([Na 3.8](#)). *Veja* Tebas.

Noá (Lugar)

Lugar a oeste de Gibeá, no território de Benjamim ([Jz 20.43](#)). Outras traduções consideram Noá (que significa "tranquilidade") um advérbio e traduzem como "com facilidade", pois não se conhece nenhuma cidade com esse nome.

Noá (Pessoa)

Quarto filho de Benjamim ([1Cr 8.2](#)).

Noadias

1. O filho de Binui e um dos dois levitas presentes quando o tesouro do templo, que foi trazido de volta a Jerusalém por Esdras, foi avaliado e registrado ([Ed 8.33](#)).

2. Profetisa que, junto com Tobias, Sambalate e alguns falsos profetas, tentou intimidar Neemias quando ele estava envolvido na reconstrução dos muros de Jerusalém após o exílio ([Ne 6.14](#)).

Noba (Lugar)

1. Uma cidade a leste do rio Jordão. Anteriormente, era chamada de Quenate. A cidade foi dada a Noba, o manassita, como sua herança, e ele a renomeou em sua homenagem ([Nm 32.42](#)). Noba pode ser o mesmo lugar que Canatha, que era a cidade mais oriental da Decápolis durante o período em que os romanos governavam a área. *Veja também* Decápolis; Canatha.
2. Um lugar perto da cidade gadita de Jogbeá, a leste do rio Jordão. Era próximo ao local onde o juiz Gideão emboscou os midianitas ([Jz 8.11](#)).

Noba (Pessoa)

Um homem da tribo de Manassés conquistou a cidade de Quenate, localizada a leste do rio Jordão. Após capturar a cidade, ele a renomeou em sua homenagem, chamando-a de Noba ([Nm 32.42](#)).

Nobe

Cidade localizada nas encostas orientais do Monte Scopus, oposto ao Monte das Oliveiras e a nordeste de Jerusalém. Um importante centro religioso, 86 sacerdotes residiam lá, assim como o éfode ([1Sm 22.13-20](#)). Nobe era o santuário central no qual serviam os sacerdotes que haviam fugido de Siló quando os filisteus destruíram o santuário de lá.

O episódio de Davi e os sacerdotes de Nobe ([1Sm 21:2-7](#)) atesta a antiguidade dos detalhes da mesa e do pão da presença ([Êx 37.10-16](#)). Jesus cita a fome de Davi como uma razão justa para quebrar as leis rituais que governavam a observância do sábado ([Mc 2.23-28](#)). Davi, fugindo de Saul e com necessidade de comida, foi para o santuário em Nobe e tomou os pães que eram dispostos para cada sábado como uma oferta ao Senhor.

Aimeleque, um descendente de Eli e líder dos sacerdotes de Nobe, deu os pães da proposição a Davi, junto à espada com a qual Golias havia sido morto. Isso irritou Saul, que ordenou o assassinato de Aimeleque e o massacre de todos os sacerdotes e cidadãos de Nobe ([1Sm 22.6-23](#)), um ato que selou o destino do rei. Abiatar, um sacerdote que

escapou do massacre, desempenhou um papel proeminente no reinado de Davi até que Salomão eventualmente o removeu de sua posição ([1Rs 2.26-27](#)). A frase “onde havia um lugar de adoração” pode se referir ao santuário em Nobe ([2Sm 15.32](#)).

Nodabe, Nodabitas

Antepassado de uma tribo árabe que se uniu aos hagarenos para lutar contra as tribos de Israel que viviam a leste do Jordão ([1Cr 5.19](#)). Embora não esteja incluído na lista dos filhos de Ismael (cf. [Gn 25.13-15](#)), ele talvez fosse um parente distante.

Node

Terra de Nod, a leste do Éden, para onde Caim foi após ter assassinado seu irmão Abel ([Gn 4.16](#)).

Noé

1. Filho de Lameque e neto de Metusalém, descendente de Sete, terceiro filho de Adão ([Gn 5.3-20](#)). Lameque nomeou seu filho Noé, um nome que soa como um termo hebraico que pode significar “alívio” ou “conforto”. Ao dar esse nome, Lameque disse: “Que este nos console no trabalho e no esforço de nossas mãos causados pela terra que o Senhor amaldiçoou” ([Gn 5.29](#)). Determinado a destruir a criação por causa da constante maldade (compare [Mt 24.37-39](#); [Lc 17.26-27](#)), Deus fez uma exceção com Noé, um homem justo aos olhos de Deus e irrepreensível perante as pessoas ([Gn 6.3-9](#)). Noé seguiu as instruções precisas de Deus. Ele construiu uma arca. Apenas oito pessoas entraram:

- Noé
- A sua esposa
- Os três filhos dele
- Suas esposas

Todos os tipos de criaturas foram trazidos em pares. Assim, foram protegidos do dilúvio que se seguiu, no qual todas as outras coisas vivas pereceram ([Gn 6.14-8.19](#)). Depois que saíram da arca, Noé construiu um altar. Ele sacrificou holocaustos que agradaram a Deus. Em resposta, Deus prometeu nunca repetir o Dilúvio ou interromper as estações, apesar do pecado do homem ([Gn 8.20-9.17](#)).

Noé resistiu a grandes tentações. No entanto, seja por descuido ou velhice, ele se embriagou. As reações variaram entre os membros da família, levando a avaliações individuais. Sem e Jafé receberam bênçãos. Cam não recebeu bênção, mas seu filho Canaã foi amaldiçoado ([Gn 9.20-27](#)). Noé tinha 950 anos quando morreu, 350 anos após o Dilúvio.

[Ezequiel 14.12-14,19-20](#) cita Noé, Daniel e Jó por “sua retidão”. A Carta aos Hebreus elogia Noé, que, por fé e santo temor, rejeitou o mundo e se tornou o herdeiro da justiça ([Hebreus 11.7](#)), e [2 Pedro 2.5](#) o chama de “pregador da justiça”.

Veja também Inundação, A; Épico de Gilgamesh.

1. Um nome bem parecido em hebraico e que pode ser confundido é com Noa, filha de Zelofeade da tribo de Manassés ([Nm 26.33](#)). Quando seu pai morreu sem deixar um filho, ela e suas quatro irmãs solicitaram uma lei para proteger seus direitos de herança ([Nm 27.1-11](#); compare [Js 17.3-6](#)). No entanto, elas foram obrigadas a casar dentro de sua própria tribo ([Nm 36.1-12](#)).

Noemi

A esposa de Elimeleque. Ela era a mãe de Malom e Quiliom. Noemi pertencia à tribo de Judá e viveu em Belém durante o período em que os juízes governavam Israel. O livro de Rute narra sua história.

Devido a uma severa fome em Canaã, Noemi se mudou com sua família para a terra de Moabe, a leste do Mar Morto ([Rt 1.1-2](#)). Seu marido e dois filhos morreram em Moabe (vv. [3-5](#)). Assim, Noemi retornou a Belém com Rute, sua nora moabita (vv. [8-22](#)). Quando se reencontrou com suas amigas, disse-lhes para não a chamarem de "Noemi", que significa "agradável". Em vez disso, disse-lhes para a chamarem de "Mara", que significa "amarga". Noemi disse, "Eu parti cheia, mas o Senhor me trouxe de volta vazia" (vv. [20-21](#)). Seus problemas familiares foram posteriormente resolvidos quando Rute se casou com Boaz. Boaz era um parente próximo de Elimeleque (caps. [2-4](#)).

Nofa

Algumas versões da Bíblia usam a grafia "Nofá". Um local que marca as fronteiras entre Israel e os moabitas e amoritas ([Nm 21.30](#)). Alguns estudiosos acreditam que Nofa é o mesmo que Noba de [Juízes 8.11](#).

Nofe

Tradução das versões ARC e BKJ da palavra hebraica para Mênfis (Egito). *Veja* Mênfis.

Nogá

Um dos 13 filhos de Davi nascidos em Jerusalém após Davi estabelecer seu reino ([1Cr 3.7](#); [14.6](#)).

Nogueira

Uma nogueira é um tipo de árvore que produz frutos redondos e pegajosos com uma noz comestível dentro. As "noz" mencionadas em [Cântico de Salomão 6.11](#) provavelmente se referem à nogueira persa ou comum (*Juglans regia*). Acredita-se que esta árvore tenha se originado no norte da Pérsia, mas também cresce de forma selvagem em muitas partes do norte da Índia, até o leste da China e até o oeste da Pérsia.

Durante o reinado do rei Salomão, a nogueira era amplamente cultivada por seu fruto em todo o Oriente. O "jardim de nozes" de Salomão mencionado na Bíblia era possivelmente parte de

seus grandes jardins em Etã, que ficava a 9,7 quilômetros de Jerusalém.

Noite

Palavra nas Escrituras denotando aquele tempo de trevas do anoitecer até o amanhecer quando nenhuma luz do sol é visível. Por exemplo, José levou Maria e Jesus para o Egito à noite ([Mt 2.14](#)). Os pastores estavam mantendo vigília sobre seus rebanhos à noite ([Lc 2.8](#)). Nicodemos veio para ver Jesus à noite ([Jo 3.2](#)). Um anjo do Senhor veio e abriu as portas da prisão à noite para deixar os discípulos saírem ([At 5.19](#)).

De acordo com [Gn 1](#), o ciclo dia-noite foi instituído por Deus e "noite" era o nome dado ao período das trevas ([Gn 1.5](#)). Mais tarde, Deus colocou as luzes na expansão dos céus, nomeando o sol para governar ou dominar o dia, e a lua, a luz menor, para dominar a noite (vv. [16-18](#)). A aliança do Senhor é a base da regularidade da rotação do dia e da noite.

A noite nos tempos do AT era aparentemente dividida em três períodos ou "vigílias". O último nome se originou com a mudança da guarda nesses momentos. Os 300 homens de Gideão tocaram suas trombetas e quebraram seus jarros no início da vigília do meio ([Jz 7.19](#)). Embora nenhuma referência no AT dê os limites desses três períodos, a noite era considerada como começando ao pôr do sol, e, conseqüentemente, os períodos podem ter sido das 18:00 às 22:00, das 22:00 às 2:00, e das 2:00 às 6:00 da manhã.

Mais tarde, de acordo com a estimativa romana do tempo, a noite foi dividida em quatro vigílias. Alguns historiadores pensam que elas começavam às 21:30, à meia-noite, às 2:30, e às 5:00 da manhã. Outros pensam que o período noturno entre as 18:00 e 6:00 da manhã foi dividido igualmente em quatro períodos, o primeiro começando às 18:00, o segundo às 21:00, o terceiro à meia-noite e o quarto às 3:00 da manhã. [Mc 13.35](#) contém as designações populares para essas quatro vigílias, ou seja, no final do dia (início da noite), à meia-noite, ao canto do galo e no início da manhã.

Aparentemente, [Mt 14.25](#) e [Mc 6.48](#) seguem a estimativa romana quando localizam a caminhada de Jesus sobre a água por volta da quarta vigília da noite.

Um uso especializado da palavra "noite" juntamente com a palavra "dia" enfatiza a

continuação da atividade. Por exemplo, o homem com um espírito imundo é dito ter estado nas montanhas e nos túmulos “noite e dia” ([Mc 5.5](#)). Paulo se refere a ele ter trabalhado, se esforçando noite e dia, para não ser um fardo para a igreja ([1Ts 2.9](#)). Mais tarde no mesmo livro, ele se refere à sua oração contínua noite e dia ([3.10](#)).

Junto com este uso literal da palavra “noite”, há também um uso figurativo ou metafórico. Em algumas referências, se refere ao julgamento divino ([Am 5.8-9](#); [Mq 3.6](#)). Jesus usa “noite” para se referir à morte ([Jo 9.4](#)). Uma vez que a noite (morte) vem, o tempo para trabalhar acabou.

Paulo compara esta era presente (que logo terminará) com a noite que está quase acabando ([Rm 13.12](#)). Novamente, Paulo fala de si mesmo e seus leitores como filhos da luz e do dia, não da noite e das trevas ([1Ts 5.5](#)). Neste contexto, ele liga a noite com a separação de Deus, pecado, intemperança, vida negligente, bem como cegueira espiritual e ignorância, especialmente em relação ao retorno do Senhor.

Veja também Dia.

Noitibó

O noitibó, também conhecido como sugador-de-cabras, é uma ave migratória que caça insetos à noite. Tem cor escura e pernas curtas, sendo semelhante ao bacurau-americano.

Os noitibós pertencem ao gênero *Caprimulgus*. Eles se assemelham a corujas, com cabeças achatadas, olhos grandes e penas macias. Voam silenciosamente. Durante o dia, descansam em galhos. À noite, capturam insetos enquanto voam.

O nome “sugador de cabras” vem de uma antiga crença de que essas aves bebiam o leite das cabras, o que não é verdade.

A Bíblia classifica o noitibó como uma ave impura na lei de Moisés ([Lv 11.16](#); [Dt 14.15](#)). Alguns estudiosos acreditam que o texto se refere a uma coruja.

Veja também Aves.

Noiva de Cristo

Uma das metáforas do Novo Testamento para a igreja é que Cristo é retratado como um marido e a igreja como sua noiva.

Dirigindo-se à igreja em Corinto, o apóstolo Paulo referiu-se a si mesmo como aquele que entregou a igreja a Cristo, apresentando-a como uma noiva pura ao seu único marido ([2Co 11.2-3](#)). Na cultura do antigo Oriente Próximo, o pai dava sua filha em casamento ao noivo, assegurando-lhe sua pureza. Para Paulo, que se via como o pai espiritual da igreja ([1Co 4.15](#)), a ideia da igreja como sua filha vinha prontamente à mente. Ser a noiva pura de Cristo requer que a igreja tenha devoção pura e simples. Como um pai preocupado, Paulo estava apreensivo de que a jovem noiva (a igreja) pudesse cometer adultério por sua disposição em aceitar “outro Jesus”, “outro Espírito” ou “um evangelho diferente” ([2Co 11.4](#)). Assim como entre parceiros de casamento, a relação entre a igreja e Cristo é regida por uma aliança de fidelidade mútua. A deslealdade destrói a aliança.

O Antigo Testamento forneceu a Paulo um rico pano de fundo para essa imagem da igreja. A aliança de Deus com Israel era comumente retratada como uma promessa de casamento, com Israel como a noiva de Deus. Através do profeta Jeremias, o Senhor disse a Israel: “eu lembro de quando você era jovem. Como você era fiel e como me amava quando éramos recém-casados” ([Jr 2.2](#)). Ele continuou a lamentar o fato de que Israel havia sido infiel; ao seguir outros deuses, ela na verdade se prostituiu e se tornou uma adúltera ([Jr 3.6-9.20](#)).

O tema da deserção de Israel de seu amante (Deus) foi tratado explicitamente em [Ezequiel 16](#) e em Oseias. Os termos “prostituição” e “devassidão” foram usados para conotar deslealdade a Yahweh e aliança com outros deuses. Assim, adultério e idolatria tornaram-se sinônimos. Através de suas próprias lutas com uma esposa infiel, o profeta Oseias experimentou a agonia de Deus sobre sua noiva Israel e seu anseio por seu retorno. Oseias recebeu uma visão de um futuro dia em que Deus desposaria seu povo para sempre em amor constante e fidelidade ([Os 2.19-20](#)). Essa visão pode ter permitido a Paulo transferir a imagem de Israel como a noiva de Deus para a igreja como a noiva de Cristo.

Em [Efésios 5.22-33](#), a relação entre Cristo e sua igreja é comparada à relação entre marido e esposa. A imagem é tirada do entendimento comum da relação marido-esposa naquela parte do mundo. A submissão da igreja a Cristo é comparada à submissão da esposa ao marido, mas o foco da passagem está no papel do marido: ele deve amá-la como Cristo amou a igreja e se entregou por ela.

Cristo se relaciona com toda a igreja com base no amor autossacrificial. Assim como um marido é unido à sua esposa, com uma interdependência mútua tão íntima que se tornam um, assim Cristo e sua igreja se tornam um corpo. Assim como o amor do homem por sua esposa visa sua integridade, o amor de Cristo pela igreja visa sua completude.

Uma variação sobre o tema é encontrada no testemunho de João Batista sobre Jesus ([Jô 3.29](#)). João se via como "o amigo do Noivo" que, de acordo com o costume judaico, cuida dos preparativos do casamento. O Messias é identificado com o noivo a quem a noiva (sua comunidade messiânica) pertence e que vem reivindicar essa noiva.

Em [Apocalipse 19](#) e [21](#), a metáfora da igreja como a noiva do Messias é ainda mais desenvolvida. A visão em [Apocalipse 19.7-8](#) anuncia o casamento do Cordeiro (Cristo) com a noiva (igreja). Em [Apocalipse 21](#), a visão descreve a nova Jerusalém descendo do céu, "enfeitada e preparada, vestida como uma noiva que vai se encontrar com o noivo" (v. [2](#)). Então, o vidente é convidado a contemplar "a Noiva, a Esposa do Cordeiro" (v. [9](#)) e a ver a Cidade Santa "que descia do céu e vinha de Deus" (v. [10](#)). A nova Jerusalém é identificada como o povo de Deus, a noiva de Cristo, entre os quais e com os quais Deus estará presente para sempre.

Veja também Igreja; Nova Jerusalém.

Noiva e Noivo

Uma *noiva* é uma mulher que está prestes a se casar ou acabou de se casar. Um *noivo* é o homem com quem ela está prestes a se casar.

Por vezes, a Bíblia usa essas palavras para descrever o relacionamento próximo entre Cristo e a igreja ([Ef 5.25-27](#)).

Veja Noiva de Cristo; Igreja; Jerusalém, Nova; Casamento, Costumes de casamento.

Noivado

A primeira etapa de um acordo de casamento, também chamada de promessa.

Veja Casamento, Costumes de casamento.

Noivado

Ato de se comprometer com outra pessoa por meio de uma promessa de casamento. *Veja* Casamento, costumes de casamento.

Nomes De Deus

As autoidentificações de Deus expressando vários aspectos de seu ser.

Resumo

- A Ideia Bíblica de Nome
- Os Nomes de Deus no Antigo Testamento
- Os Nomes de Deus no Novo Testamento

A Ideia Bíblica de Nome

Nas Escrituras, o nome e a pessoa de Deus estão inseparavelmente relacionados. Isso está de acordo com a concepção bíblica do que um nome significa.

Na língua hebraica, o termo para "nome" provavelmente significava "sinal" ou "marca distintiva". Na língua grega, "nome" (*onoma*) é derivado de um verbo que significa "conhecer". Um nome, portanto, indica aquilo pelo qual uma pessoa ou objeto deve ser conhecido. Mas a ideia de nome não deve ser tomada no sentido de um rótulo ou um meio arbitrário de identificar, ou especificar uma pessoa, lugar ou objeto. "Nome" no uso bíblico descreve corretamente a pessoa, lugar ou objeto e indica o caráter essencial daquilo ao qual o nome é dado. Adão nomeou os animais de acordo com sua natureza ([Gn 2.19-20](#)); Noé significa "aquele que traz alívio e conforto" ([5.29](#)); Jesus significa "salvador" ([Mt 1.21](#)). Quando uma pessoa recebia uma nova posição ou uma mudança radical ocorria em sua vida, um novo nome era dado para indicar esse novo aspecto — por exemplo, Abraão ("pai de muitas nações", [Gn 17.5](#)), e Israel ("aquele que luta com Deus" ou "Deus luta", [32.28](#)). O nome de uma pessoa ou pessoas expressava o que a pessoa ou pessoas consideravam ser a descrição ou declaração de caráter adequada.

Com relação aos nomes de Deus, há diferenças consideráveis, e essas são mais claramente vistas quando os estudiosos e teólogos bíblicos confrontam a pergunta de se os nomes de Deus são atribuições dadas por Deus sobre si ou são atribuições dadas a Deus por pessoas que observaram seus atos e refletiram sobre seu

caráter conforme discernido por meio do estudo dos feitos divinos. Aqui estão alguns exemplos dos vários tipos de nomes divinos:

1. Nomes adequados: El, Yahweh, Adonai, Theos (Deus), Kurios (Senhor).
2. Nomes pessoais: Pai, Aba, Filho, Jesus, Espírito Santo.
3. Títulos: Criador, Messias/Cristo, Paráclito/Consolador.
4. Nomes essenciais: Luz, Amor, Espírito.
5. Nomes descritivos: Rocha, Ba'al, Mestre, Raboni, Pastor.

Os Nomes de Deus no Antigo Testamento

El e Nomes Relacionados

O nome 'El é encontrado mais de 200 vezes na Bíblia hebraica. É melhor traduzido como "Deus". O termo 'el tem uma série de possíveis significados. A raiz é cogitada por alguns como sendo 'ul, que significa "ser o primeiro" ou "ser forte". Outros sugerem que a raiz é 'Alá, que significa "preceder" e insinua "líder" ou "comandante". Também pode significar "ter medo". Assim, Deus como 'alá, como o forte, deve ser temido. Ainda outros sugerem a preposição 'el ("ao, para") como a raiz; a ideia então é de "alguém se dando aos outros" ou de "alguém a quem os outros vão para pedir ajuda". Alguns estudiosos sugerem que a palavra 'alim, que significa "vincular", deve ser considerada como uma raiz também — isto é, "o forte vincula-se e mantém o controle firme". Comum a esses quatro significados sugeridos é a ideia de força, poder e de excelência e grandeza supremas.

'El no AT é utilizado especialmente nos primeiros livros, onde descreve o exercício do poder dinâmico de Deus como distinto da autoridade. 'El fala de Deus como o grande fazedor e produtor. Ele é Aquele que exerce tal poder que tudo o que é produzido, feito, mantido ou destruído é sua obra (cf. [Êx 15](#)). 'El também é utilizado para expressar a ideia de que Deus não deve ser identificado como parte da criação, mas como Aquele que está acima, atrás e além da criação ([Sl 19.1](#)).

'Elohim também é comumente utilizado como o nome de Deus, ocorrendo mais de 2.500 vezes no AT. Há diferenças de opinião sobre a origem exata e o significado deste nome plural. Alguns sugeriram que 'Elohim é a forma plural de 'El, mas parece mais provável que seja um plural de 'Eloah, que aparece nos escritos poéticos. Alguns escritores críticos

sugeriram que esta forma plural é emprestada de fontes politeístas pagãs, mas nenhuma forma plural é encontrada entre pagãos como o nome de uma divindade. Outros sugeriram que a forma plural é usada para indicar a natureza trina de Deus, e o sustento para isso foi visto no uso de um verbo no singular com este substantivo no plural. A doutrina bíblica da Trindade, como é desenvolvida ao longo das Escrituras, não parece ser baseada no uso desta forma plural do nome de Deus, embora as duas posições não sejam contraditórias.

A forma plural, 'Elohim, é melhor entendida como expressando intensidade. Deus se faz conhecido por este nome como o Senhor de intensa e extensa glória e riqueza enquanto ele exerce sua preeminência e poder no cosmos criado. Portanto, quando a Escritura fala da criação, ela afirma: "No início, 'Elohim criou os céus e a terra" ([Gn 1.1](#)). Este nome é repetido 35 vezes em [Gênesis 1](#) e [2](#) em conexão com o poder de Deus como revelado na Criação. No livro de Deuteronômio, o nome 'Elohim é utilizado repetidamente para enfatizar o poder majestoso de Deus demonstrado na libertação de Israel da escravidão no Egito, na preservação no deserto e na preparação para a entrada na Terra Prometida. Neste contexto, Deus ('Elohim) também é reconhecido como o *Legislador* que executará poderosamente o julgamento sobre os que romperam a aliança. Os salmistas também utilizaram esse nome repetidamente enquanto reconheciam e louvavam a Deus o governante majestoso que havia demonstrado sua onipotência em muitas dimensões da vida (veja [Sl 68](#), em que 'Elohim aparece 26 vezes).

Alguns estudiosos apontam para o uso de 'Elohim quando Deus falou com Abraão e disse que ele seria 'Elohim para o patriarca e seus descendentes; isto é, Deus estaria em um relacionamento de aliança com eles ([Gn 17.1-8](#)). Incluído neste relacionamento está a ideia de que Deus está sempre pronto para utilizar seu poder em nome daqueles que estão em aliança com ele. Assim, 'Elohim também expressa o conceito da fidelidade de Deus em relação à aliança e as promessas e bênçãos envolvidas nela.

O nome 'Eloah ocorre principalmente nos escritos poéticos, não menos que 41 vezes em Jó. Isaías o utilizou para expressar o caráter incomparável de Deus ([Is 44.8](#)). Da mesma maneira Davi perguntou: "Quem é Deus ['Eloah], além do Senhor?" ([2Sm 22.32](#)). Moisés foi o primeiro a usar o nome 'Eloah em seu cântico ([Dt 32.15-17](#)), referindo-se ao Deus de Israel no contexto dos "não-deuses", que haviam

sido escolhidos no lugar da Rocha da salvação e do incomparável. Este nome foi provavelmente utilizado para enfatizar o fato de que Deus é o único verdadeiro e vivo, o Único a ser adorado; Ele deve ser reverenciado com um temor santo.

Outro nome estreitamente relacionado é *'Elah*, encontrado em Esdras e Daniel. Alguns pensam que *'Elah* é uma forma caldeia ou aramaica de *'Eloah*. Diz-se que sua raiz é *'Alá*, que significa “temer” ou “ficar perplexo”. Deus como *'Elah* é o Deus a ser temido e adorado da forma correta. Tendo em vista este significado, pode-se entender por que, no tempo do exílio de Israel e imediatamente após seu retorno, este nome era comumente usado.

Três outros nomes de Deus incluem o termo *'El*:

'El 'Elyon é o nome utilizado para designar o Deus de Melquisedeque ([Gn 14.18-22](#)) como o Deus Altíssimo. Em [Salmos 57.2](#) e [78.56](#), o hebraico lê *'Elohim 'Elyon*. Acredita-se que o termo *'Elyon* é derivado do verbo *'Alá*, que significa “subir, ser elevado, ser exaltado”. Há uma série de casos em que o termo *'Elyon* é usado sozinho, mas o contexto indica que ele é então usado como um sinônimo de Deus (p. ex., [Nm 24.16](#); [Sl 83.18](#); [Js 14.14](#)). O termo *'elyon* é utilizado com bastante frequência como um adjetivo; é então traduzido como “alto, altíssimo, superior, mais elevado”. A atribuição básica dada a Deus quando este nome é empregado é Aquele que está acima de todas as coisas como o criador, possuidor e governante. Ele é incomparável em todos os sentidos; ele não está sujeito a ninguém e a nada; ele é o Exaltado.

'El Shaddai é utilizado na forma mais longa sete vezes nas Escrituras ([Gn 17.1](#); [28.3](#); [35.11](#); [43.14](#); [48.3](#); [Êx 6.3](#); [Ez 10.5](#)). Na forma mais curta (*Shaddai*), aparece com mais frequência: em [Jó 30 vezes](#); em [Salmos 19.1](#) e [68.14](#); uma vez em Rute ([1.21](#)), [Isaías \(13.6\)](#), [Ezequiel \(1.24\)](#) e [Joel \(1.15\)](#). Nessas passagens, as ideias combinadas de Deus como o todo-poderoso, todo-suficiente, transcendente, governante soberano e dispensador estão presentes. Este significado é geralmente aceito, mas há diferenças sobre o significado exato do termo *Shaddai*. Alguns começaram com *shad* como o primeiro conceito a ser considerado; seu significado é “peito, mamilo ou mama”, e é considerado uma “metáfora preciosa” do Deus que nutre, fornece e satisfaz. A raiz de *shad* (*shadah*), no uso semítico, é umedecer. Este significado não é o preferido no contexto em que *'El Shaddai* aparece; nem *shed* (demônio), que alguns estudiosos procuraram utilizar porque aparece em [Deuteronômio 32.17](#) e [Salmo 106.37](#)

falando da idolatria de Israel. Além do fato de que *shed* é escrito de forma diferente, a conexão entre o conceito de demônio e Deus como todo-poderoso é difícil de estabelecer. Mais aceitável é a sugestão de que *Shaddai* é um termo composto de *sha* (“aquele que”) e *dai* (“é suficiente”). As versões gregas posteriores adotaram este significado. A explicação preferida é que *Shaddai* é derivado do verbo *shadad* (“subjugar, lidar violentamente ou devastar”). Uma conexão clara entre *shadad* e *Shaddai* é dito ser encontrada em [Isaías 13.6](#) e [Joel 1.15](#). Deus como *'El Shaddai* é apresentado como o Todo-Poderoso, totalmente autossuficiente, governante absoluto, e Aquele que pode e faz a disposição final. A Septuaginta adaptou este significado; traduz *'El Shaddai* como *Pantokrator*, o “Governante Total” ou “Soberano”.

'El 'Olam é utilizado para se referir a Deus como o perpétuo ou o eterno, um exemplo claro onde o nome de Deus e um atributo de Deus são combinados. O termo *'olam* tem uma ampla gama de usos. Geralmente é definido nos léxicos como significando “longa duração, antiguidade e futuridade indefinida”. É utilizado para falar da existência de Deus, da aliança e promessas de Deus, e do reinado do Messias. Falando com Deus, o salmista disse: “Você é de *'olam* (eterno) a *'olam* (eterno)” ([Sl 90.2](#)), e o profeta [Isaías](#) falou de Deus como o Criador eterno ([Is 40.28](#)) e como força eterna ([26.4](#)), e [Jeremias](#) falou de Deus como o Rei eterno ([Jr 10.10](#)). A perpetuidade ou eternidade de Deus fala de sua infinidade em relação ao tempo. *'Olam*, como atribuído a Deus, não deve ser pensado como uma duração prolongada indefinidamente para trás e para frente. Em vez disso, a palavra fala de Deus transcendendo todos os limites temporais; além disso, *'olam* se refere à qualidade de Deus que difere essencialmente do tempo. As Escrituras falam de *'El 'Olam* em contextos onde a garantia de bem-estar, segurança e esperança do crente são apresentadas como bens valiosos.

'El Gibbor é um nome que fala da força e poder de Deus. *Gibbor* apenas, é usado em referência a homens poderosos e heroicos. Os dois termos juntos sempre se referem a Deus, e em alguns casos *Hagadol* (“o maior”) é adicionado ([Dt 10.17](#); [Jr 32.18](#)) para enfatizar a grandeza e incrível majestade de Deus. *'El Gibbor* também é usado para descrever o Messias em [Isaías 9.6](#) (cf. [Sl 45.4](#)).

'El Roi é usado uma vez para descrever Deus como Aquele que vê. Agar descreveu o Senhor desta maneira quando ela foi encontrada no deserto ([Gn](#)

16.13). [Salmo 139.1-2](#) expressa este conceito de Deus como Aquele que tudo vê, de cujos olhos nada está escondido (cf. [Sl 33.18](#)).

Yahweh é um nome distintamente próprio de Deus. Nunca é usado para se referir a quaisquer deuses pagãos; nem é usado em relação aos homens. Aparece 6.823 vezes no AT, ocorrendo primeiro em [Gênesis 2.4](#), onde é unido a 'Elohim. Yahweh é usado 164 vezes em Gênesis, e aparece 1.800 vezes de Êxodo até Josué. Nunca aparece de forma declinada na língua hebraica, e nunca surge na forma plural ou com sufixos. É abreviada como Yah e Yahu (cf. [Êx 15.2](#); [Sl 68.4](#); [Is 12.2](#); etc).

O significado exato do nome Yahweh é difícil de determinar. Alguns procuraram a raiz no verbo hayah ("ser") ou em uma forma antiga desse mesmo verbo, *hawah*. Não há acordo sobre se a forma qal ou hifil do verbo deve ser considerada como a raiz. Aqueles que optam pela forma de hifil leem que Yahweh significa "fazer com que seja"; portanto [Êxodo 3.14](#) leria: "Eu farei com que seja o que veio a ser". Outros olham para a forma qal e então traduzem o nome como "Eu Sou" ou "Eu Serei". Outros ainda estão inclinados a desassociar o nome do verbo hayah e o consideram como um termo original e independente, expressando a singularidade do Deus gracioso de Israel.

Tradutores do AT não concordaram com a tradução correta do nome *Yahweh*. Uma vez que é traduzido para o grego como *kurios*, que significa "Senhor", muitos traduziram Yahweh como "Senhor". Mas 'Adonai, que é uma melhor tradução de "Senhor", aparece com Yahweh em vários casos. A BJK, por exemplo, traduz Yahweh como "Deus", e 'Adonai como "Senhor". Alguns tradutores modernos escolheram usar Yahweh (veja JB e NJB). O nome Jeová, como usado na ASV (1901), foi julgado inaceitável. Este nome surgiu devido à prática judaica de não pronunciar Yahweh por causa de [Levítico 24.16](#): "Aquele que blasfemar o nome de Yahweh será certamente morto". Este aviso contra um uso vago ou blasfemo do nome foi levado em um sentido absoluto, especialmente após a deportação de Israel (cf. [Am 6.10](#)). Por isso, quando liam o AT, os judeus substituíram 'Elohim ou 'Adonai por *Yahweh*. A partir disso, a prática de adicionar as vogais de 'Adonai a YHWH (Jeová) foi estabelecida.

A interpretação de [Êxodo 6.2-3](#) causou muito debate. "E Deus disse a Moisés: 'Eu sou *Yahweh*; Eu apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó, como 'El Shaddai, mas pelo meu nome, *Yahweh*, não me dei a conhecer a eles'." Esta passagem foi entendida

como significando que o nome Yahweh não era conhecido ou utilizado antes do tempo de Moisés. Mas isso não é o que a passagem afirma; em vez disso, ela fala dos patriarcas não conhecendo a Deus como *Yahweh*. Eles o conheciam como 'El Shaddai em atos históricos reveladores reais. Eles não conheceram a Deus de acordo com seu caráter único, isto é, como *Yahweh*. Em outras palavras, Deus sempre foi *Yahweh*; Ele está dizendo a Moisés que os descendentes dos patriarcas conheceriam o significado completo e rico do nome pela maneira como Deus lidou com eles.

Este nome Yahweh revela a natureza de Deus no sentido mais elevado e completo possível. Inclui, ou pressupõe, o significado dos outros nomes. Yahweh enfatiza especialmente a fidelidade absoluta de Deus. Deus havia prometido aos patriarcas que Ele seria seu Deus, que Ele estaria com eles e os livraria e os abençoaria, os manteria e lhes daria uma terra como um lugar de serviço e herança. Moisés é informado por Deus que Israel está prestes a contemplar e experienciar a imutabilidade de Deus enquanto Ele se lembra de forma constante e maravilhosa de sua palavra, e a cumpre em seu grau mais completo. Deus provaria ser fiel, redentor, sustentador e restaurador. Ao realizar esta redenção, Deus demonstraria que ele é tudo o que seu nome implica: misericordioso, gracioso, paciente, cheio de bondade amorosa, verdadeiro, fiel, perdoador, íntegro e justo ([Êx 34.5-6](#)). Verdadeiramente, Jacó havia recebido uma visão sobre o significado do nome quando ele exclamou: "Espero por tua salvação, ó Yahweh" ([Gn 49.18](#)).

Yahweh, então, é o nome por excelência do Deus de Israel. Como *Yahweh*, ele é um Deus fiel da aliança que, tendo dado sua palavra de amor e vida, mantém essa palavra concedendo amor e vida abundantemente por conta própria.

Tendo em vista a riqueza do nome *Yahweh*, pode-se entender por que havia regras rigorosas quanto ao seu uso adequado ([Lv 24.11.16](#)). Também explica por que os israelitas agradecidos, alegres e adoradores utilizavam a forma abreviada de Yahweh em cânticos quando cantavam Aleluia: "Louvai a Deus" ([Sl 104.35](#); [106.1](#); [149.1](#); [150.1](#)).

Yahweh é utilizado em uma série de frases que são consideradas nomes ou atribuições de Deus. O mais comum desses nomes compostos é Yahweh Tseba'oth ("tropas"). A palavra "tropas" é usada frequentemente no Pentateuco para se referir aos exércitos de Israel (cf. [Nm 10.14-28](#)). Isso ocorre porque a palavra é derivada do verbo *saba*, que significa "travar" a guerra. Também significa

“servir” em alguns contextos; por exemplo, [Números 8.24](#) claramente tem referência ao serviço realizado no tabernáculo. O substantivo tseba’oth ocorre primeiro em [Gênesis 2.1](#), onde se refere aos muitos componentes da terra e do céu. Alguns limitariam a referência nesses contextos às estrelas. Outros ainda sugeririam que o tseba’oth se refere aos anjos, apelando para o [Salmo 33.6](#) para confirmação.

O nome composto Yahweh Tseba’oth aparece pela primeira vez em [1 Samuel 1.3](#). Em vista do uso frequente de tseba’oth em 1—2 Samuel para se referir aos exércitos ([1Sm 12.9](#); [14.50](#); [17.55](#); [2Sm 2.8](#); [8.16](#); [10.16](#)), é pensado que o nome composto se refere a Yahweh como o Deus dos exércitos, isto é, Deus tem seus exércitos para servi-lo. Estes são considerados exércitos de anjos que estão ministrando servos a Deus. Foi corretamente apontado que o nome composto Yahweh Tseba’oth é usado com mais frequência pelos profetas (Jeremias, 88 vezes; Zacarias, 55 vezes; Malaquias, 25 vezes; Ageu, 14 vezes) nos momentos em que o povo de Deus havia sofrido derrota nas mãos dos exércitos inimigos ou foi ameaçado de derrota. Portanto, o nome composto foi usado para lembrá-los de que seu Deus da aliança tinha grandes tropas para lutar e trabalhar por Ele em nome de seu povo. Assim, embora os exércitos de Israel falhassem, seu Deus da aliança era suficiente para cada possível circunstância. E era a este Yahweh Tseba’oth que os comandantes de Israel deveriam ser leais ([Is 5.14–15](#)), e em cujo nome Israel foi abençoado ([2Sm 6.18](#)).

Vários outros nomes compostos ocorrem com pouca frequência:

Yahweh-Nissi (nissi, “minha bandeira”) é o nome que Moisés invocou quando ele construiu um altar celebrando a vitória dada por Deus a Israel sobre os amalequitas ([Êx 17.15](#)). Isaías usa o termo nissi quando fala da vinda do Messias, que seria o conquistador ([Is 11.10](#)).

Yahweh-Rafa (rapha, “curador”) aparece em [Êxodo 15.26](#), quando Israel é assegurado de que Deus, seu curador, impedirá que as doenças do Egito afetem Israel. Embora o nome seja usado apenas uma vez, Deus foi muitas vezes chamado e louvado como O curador (p. ex., [Sl 103.3](#); [Is 30.26](#); [Jr 6.14](#)).

Yahweh-Roi (ro’i, “meu pastor”) aparece no [Salmo 23.1](#). O conceito de Yahweh como pastor é explicado em [Ezequiel 34](#). “Eu mesmo serei o Pastor das minhas ovelhas” (v. 15). Jesus demonstrou o significado completo deste conceito

quando, como pastor, deu sua vida pelas suas ovelhas.

Yahweh-Jireh (yir’eh, “ver adiante ou fornecer”) aparece em [Gênesis 22.14](#). Abraão deu este nome ao lugar onde Deus forneceu um cordeiro como substituto de seu filho Isaque, a quem Abraão deveria oferecer como um sacrifício a Deus. *Yahweh-Shalom* (shalom, “paz”) é o nome que Gideão deu ao altar que ele construiu quando o anjo do Senhor veio para lhe dar ordens para lutar contra os midianitas ([Jz 6.24](#)).

Yahweh aparece com algumas formas do termo *tsadaq*, “justiça”. Yahweh é mencionado como nossa justiça em [Jeremias 23.6](#); o pensamento evidentemente é que O Renovo Justo de Davi (o Messias) atribuirá a justiça de Deus aos que estão incorporados na nova aliança. Este conceito é expresso no Pentateuco várias vezes quando é dito que Deus forneceu um caminho para viver em retidão; isto é, Deus fornece um caminho de santificação (cf. [Lv 20.8](#); [22.9](#)).

‘Adonai como um nome para Deus aparece cerca de 360 vezes no AT, embora não seja utilizado uniformemente. É encontrado pela primeira vez em [Gênesis 15.2](#) e [8](#), quando Abrão solicita informações mais definitivas sobre um filho e a Terra Prometida. Aparece apenas 14 vezes depois disso no Pentateuco. Aparece repetidamente nos Salmos (mais de 50 vezes), e alguns dos profetas o usam com frequência (Isaías, 47 vezes; Jeremias, 29 vezes; Ezequiel, mais de 150 vezes; e Amós, 27 vezes).

A palavra ‘*adan*, que significa “mestre, governante, proprietário, senhor”, é pensada como a raiz do substantivo ‘*adon*, que é frequentemente usado para homens. Por exemplo, em Gênesis e 1—2 Samuel, o termo é utilizado muitas vezes para homens que possuem escravos ou estão em posições de autoridade. ‘Adonai é corretamente descrito como o nome da comunicação pessoal entre o crente e Deus. Em tal comunicação, o adorador reconhecia a intensa majestade e grandeza de Deus e também o sentimento de pertencer a este Deus. ‘*Adonai*, vindo dos lábios humanos, expressava honra a Deus e humilde submissão da parte da pessoa que crê. ‘*Adonai*, portanto, é o nome que expressa fé, confiança, segurança, pronto atendimento e ação de graças ([Sl 16.2](#); [57.9–10](#)).

Combinações de Nomes do Antigo Testamento

No AT, os nomes de Deus aparecem em várias combinações. Por exemplo, *‘Elohim-Yahweh*, *‘Elohim-Yahweh-Adonai*, e *‘Elohim-Adonai* são muito comuns. Essas combinações eram um esforço para expressar a plenitude do ser e caráter de Deus como estes haviam sido revelados. Os nomes de Deus em combinação com “Israel” ocorrem também como, por exemplo, com Yahweh-Deus-Israel ([Jz 5.3](#); [Is 17.6](#)). Deus também é evocado em relação a Israel sem a menção de um de seus nomes — por exemplo, Qedosh Yisrael (“Santo de Israel”, [Is 43.14](#)) e ‘Abir Yisrael (“Poderoso de Israel”, [Gn 49.24](#); [Sl 132.2](#); [Is 49.26](#)). Por meio dessas frases, o relacionamento pactual entre Deus e seu povo foi expresso e o caráter imutável de Deus foi positivamente reconhecido.

Nomes Pessoais do Antigo Testamento

Os nomes pessoais de Deus são Pai, Filho e Espírito Santo e variações deles.

O termo ‘Abh (“pai”) aparece mais frequentemente em Gênesis do que em qualquer outro livro, e no Pentateuco mais do que em qualquer outra divisão do AT. Mas ali não é usado para Deus, mas sim de alguém que gerou filhos (isto é, o pai), o progenitor — chefe, comandante e governante do grupo familiar ou clã. É utilizado muitas vezes no sentido do responsável através de quem Deus falou, com quem Deus lidou, e através de quem ele deu uma rica herança aos filhos e descendentes dos patriarcas.

Nos livros poéticos, Deus é referido como Pai, mas não é diretamente nomeado como tal. É perguntado a Jó: “A chuva tem um pai?” ([Jó 38.28](#)). A referência é a Deus como o criador, a fonte e controlador da chuva. No [Salmo 68.5](#), Deus em seu santo Templo “cuida dos órfãos”; a frase paralela, “protege as viúvas”, indica o sentido. O [Salmo 89.26](#) diz que Davi clama a Deus: “Tu és o meu pai”, e os paralelos usam os termos “meu Deus” e “rocha que me salva”. A ideia aqui é de Deus como Criador e Salvador que ressuscitou, libertou e protegeu Davi. No [Salmo 103.13](#), “Pai” é usado analogamente, “Como um pai trata com bondade os seus filhos”.

Isaías usa o termo “Pai” em relação a Deus quatro vezes. Três vezes se refere Àquele que fez, salvou, formou, manteve e direcionou Israel ([Is 63.16](#); [64.8](#)). Isaías diz que o filho prometido deve ser nomeado Pai Eterno ([9.6](#)). Utilizado neste sentido, o termo estabelece a igualdade do Filho com o Pai em estatura, função, capacidade e

responsabilidade. Jeremias também se refere a Deus como Pai em [Jeremias 3.4,19](#), significando a origem, guardião e amigo de seu povo Israel. [Malaquias 1.6](#) e [2.10](#) falam de Deus como o pai que merece honra de seus filhos e como a origem e governante de todas as pessoas.

O termo “filho” é um dos termos mais usados no AT; geralmente ocorre no sentido de prole e descendente. Também aparece no sentido de seguidor ou sucessor. Há algumas referências indiretas à segunda pessoa da Trindade.

O messiânico [Salmo 2](#) tem tal referência: “Você é meu filho” (v. [7](#)). É afirmado no contexto do rei falando com alguém que governa e deve governar com e sob o soberano. A referência imediata pode ser ao rei teocrático; no entanto, a referência é revelada no NT como sendo a segunda pessoa da Trindade ([Atos 13.33](#)). Portanto, o termo “filho” é aplicado ao Messias prometido que é estabelecido como o governante soberano divino e juiz das nações. O Filho é percebido como sendo igual ao Pai em divindade e função. Nem todos os estudiosos bíblicos aceitam esta interpretação, mas o apoio é encontrado em tais passagens do NT como [Hebreus 1.8](#), que cita o [Salmo 45.6](#). Como afirmado acima, Isaías fala do filho a ser dado ([Is 9.6](#)), o Nascido da virgem ([7.14](#)), que é Emanuel, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.

O nome “Espírito Santo” ocorre apenas algumas vezes no AT. O Espírito é referido frequentemente por termos e frases como “o Espírito de Deus” ([Gn 1.2](#)), “o Espírito do Senhor Deus” ([Is 61.1](#)), “o Espírito do Senhor” ([Ez 37.1](#)), “o Espírito” ([Nm 11.17](#); [27.18](#)), “meu Espírito” ([Gn 6.3](#)) e “seu Espírito” ([Sl 51.11](#)). Embora o caráter do Espírito não seja desenvolvido tão claramente no AT quanto no NT, pode ser afirmado com segurança que o relacionamento postulado entre Deus e o Espírito é tal que não há dúvida de que o AT ensina a divindade do Espírito. O caráter e função do Espírito é referido especialmente em relação à obra da criação ([Gn 1.2](#); [Sl 33.6](#); etc) e a capacitação de servos para o serviço de Deus — por exemplo, habilidade artesanal ([Êx 35.31](#)), liderança ([Nm 11.17](#); [27.18](#)) e profecia ([1Sm 10.6](#); [2Sm 23.2](#); [2Cr 15.1](#); [Ez 11.5](#)).

Os Nomes de Deus no Novo Testamento

Nomes Adequados de Deus

Theos é o equivalente no NT dos nomes do AT ‘El e ‘Elohim; ‘Elyon aparece no NT como *Hupsistos*, o Altíssimo ([Mc 5.7](#); [Lc 1.32,76](#)). Pantokrator (‘El

Shaddai) aparece com Theos ([2Co 6.18](#); [Ap 16.7](#)). Este nome foi utilizado não apenas para expressar a transcendência, poder, soberania e domínio de Deus, mas também para expressar que Deus é alguém que tem um relacionamento próximo com seu povo. Este fato é comprovado pelo uso muito frequente de pronomes pessoais com *Theos*. O nome Theos aparece mais de 1.000 vezes no NT.

Kurios, “Senhor”, é usado para expressar os nomes do AT Yahweh e ‘Adonai na Septuaginta, e o NT o segue. *Kurios* significa “poder”, então o significado não é o mesmo de Yahweh; no entanto, o NT dá a *Kurios* todo o peso do significado que o AT deu a *Yahweh*, especialmente quando usado por Jesus Cristo (cf. [Atos 2.36](#); [Fp 2.9-11](#); etc)

Déspotas é utilizado cinco vezes para Deus ou Jesus no NT ([Lc 2.29](#); [Atos 4.24](#); [2Pe 2.11](#); [Judas 1.4](#); [Ap 6.10](#)). Expressa a ideia de autoridade. A ideia de brutalidade transmitida pelo conceito moderno de “déspota” está ausente do uso do NT, mesmo quando aplicado aos homens, onde seu pensamento central é a propriedade ([2Tm 2.21](#)).

Nomes Pessoais de Deus

Na fórmula batismal, que faz parte da Grande Comissão ([Mt 28.19-20](#)), os três nomes pessoais de Deus aparecem: Pai, Filho e Espírito Santo. Esses nomes carregam o significado do AT, mas uma vez que o relacionamento das três Pessoas é explicado, o significado dos nomes no NT é enriquecido.

“Jesus” é o nome pessoal do Filho, a segunda pessoa da Divindade trina. Significa “salvador” ([Mt 1.21](#)). A raiz deste nome “salvar” deu origem a nomes como Josué e Oseias. O significado básico da raiz no AT é “trazer para um lugar seguro e aberto”. Josué, ao levar Israel para Canaã, fez pessoalmente o que seu nome significava. A explicação no NT (“salvar do pecado”) não é contrária ao significado no AT. Ser salvo do pecado é ser restaurado à comunhão com Deus e entrar no paraíso do reino celestial.

Veja também Cristologia; Ser e Atributos de Deus; Espírito Santo; Vida e Ensinamentos de Jesus Cristo; Messias; Significado dos Nomes.

Nomes, Significado de

Nos tempos bíblicos, os nomes eram mais do que apenas rótulos. Eles eram frequentemente escolhidos para expressar algo significativo sobre uma pessoa, seu nascimento ou seu destino. Pelo

menos sete motivações podem ser identificadas na escolha de nomes:

1. Para registrar aspectos do nascimento:

- Os nomes muitas vezes refletiam as circunstâncias do nascimento de uma pessoa. Por exemplo, Moisés foi nomeado por sua mãe adotiva porque foi tirado da água, lembrando um verbo hebraico que significa "tirar" ([Êxodo 2.10](#)). Jacó recebeu seu nome devido às circunstâncias de seu nascimento ([Gênesis 25.26](#)), assim como Samuel, cujo nome significa "ouvido por Deus", enfatizando a resposta de Deus à oração em vez de apenas sua oferta ([1 Samuel 1.20](#)). Enquanto os nomes Jacó e Samuel surgem das condições de seu nascimento, eles também revelam a pessoa que a criança se tornará: Jacó, o oportunista astuto ([Gênesis 27.36](#)), Samuel, o homem de oração ([1 Samuel 7.5-9](#); [8.6,21](#); [12.19-23](#)).

1. Para expressar reações dos pais:

- Às vezes, os nomes expressavam os sentimentos ou esperanças dos pais. Isaque significa "riso" (compare [Gênesis 17.17](#); [18.12](#); [21.3-6](#)). Nabal, que significa "tolo", pode ter sido uma oração da mãe para evitar tal destino, embora ele tristemente tenha feito jus ao nome ([1 Samuel 25.25](#)). Abimeleque ([Juízes 8.31](#)), que significa "Meu pai é rei", pode sugerir as ambições secretas de Gideão de ser rei ([Juízes 8.22-23](#)).

1. Para garantir a solidariedade familiar:

- Os nomes podem ser escolhidos para fortalecer os laços familiares. Um exemplo é a proposta de nomear uma criança Zacarias em [Lucas 1.59](#).

1. Para revelar a natureza ou função:

- Os nomes podem descrever o papel ou o caráter de uma pessoa. Jesus é o melhor exemplo, nomeado por sua missão de salvar ([Mateus 1.21](#)). Isaías viu seu próprio nome, que significa "o Senhor salva", como central para sua mensagem profética ([Isaías 8.18](#)).

1. Para comunicar a mensagem de Deus:

- Os profetas frequentemente nomeavam seus filhos para transmitir mensagens divinas. Isaías nomeou seu primogênito Shear-Jasube ([Isaías 7.3](#)), que significa "um remanescente retornará". Isso reflete a infidelidade do povo ("apenas um remanescente retornará") e a fidelidade de Deus ("um remanescente de fato retornará"). Seu segundo filho foi chamado Maer-Salal-Hás-Baz ([Isaías 8.3](#)), significando "rapidez-presa-pressa-despojo" para refletir o futuro de Israel — derrota estava chegando em breve.

1. Para estabelecer afiliação religiosa:

- Muitos nomes na Bíblia incluem elementos como *-ias* ou *-ja* (relacionados a "o Senhor") ou *-el* (relacionados a "Deus") para declarar fé religiosa. Por exemplo, Adonias ([2 Samuel 3.4](#)) significa "o Senhor é Soberano", e Natanael ([João 1.47](#)) significa "Deus deu". Esses nomes eram populares em tempos de declínio religioso para reafirmar a fé dos pais.

1. Para afirmar autoridade sobre outro:

- No antigo Oriente Próximo, nomear algo ou alguém implicava poder sobre isso ([Gênesis 2.19-20](#)). Se uma pessoa não conhecia o nome de outra, não podia fazer mal ou bem a ela ([Êxodo 33.12.17](#)). No mundo antigo, um nome descrevia a pessoa ou seu trabalho de alguma forma. Quando a pessoa ou sua situação mudava, seu nome também mudava, como com Abrão (Abraão) e Jacó (Israel). Por exemplo, o Faraó renomeou José para Zafenate-Panea quando ele foi elevado em status ([Gênesis 41.45](#)). Quando Eliaquim foi feito rei de Judá, o Faraó mudou o nome do rei judeu para Jeoaquim ([2 Reis 23.34](#)). Hebreus cativos, como Daniel e seus amigos, tiveram seus nomes mudados para se alinhar com os deuses babilônicos, simbolizando controle ([Daniel 1.6-7](#)).

Novos nomes na Bíblia

A prática de dar novos nomes na Bíblia muitas vezes significava mudanças significativas na vida, caráter ou status de uma pessoa, como quando

Sarai se tornou Sara ([Gênesis 17.15](#)). Três motivações são possíveis:

1. Significando novos poderes:

- Um novo nome poderia significar a concessão de novos poderes ou uma nova identidade. Por exemplo, Abrão tornou-se Abraão ("pai de uma multidão de nações") quando foi prometido ser o ancestral de muitas nações ([Gênesis 17.5](#)).

1. Indicando novo caráter ou status com Deus:

- Um novo nome também poderia marcar uma transformação no caráter ou relacionamento com Deus. Jacó, conhecido por ser um trapaceiro, tornou-se Israel, significando seu novo papel como alguém que tem poder com Deus ([Gênesis 32.27](#); [Oséias 12.3-4](#)). Da mesma forma, Simão tornou-se Pedro ([João 1.42](#)).

1. Cimentando novas lealdades:

- No cativeiro, os nomes podiam ser alterados para impor novas lealdades. Daniel foi renomeado Beltessazar para alinhá-lo com as divindades babilônicas, refletindo uma tentativa de mudar sua afiliação religiosa ([Daniel 1.7](#)).

Veja também Deus, Nomes de.

Nora

Veja Vida Familiar e Relações.

Norte, Região do Norte

Ponto cardeal em uma bússola oposto ao sul, muitas vezes com a conotação de "escuro", possivelmente porque o lado norte está frequentemente na sombra. Na literatura bíblica, especialmente nos livros de Josué e Ezequiel, o termo "norte" é frequentemente usado para indicar direção, seja de limites tribais ou de um templo.

Um inimigo do norte é mencionado pelo menos 40 vezes nas profecias de Jeremias, Ezequiel, Daniel e Zacarias. Durante o tempo do exílio (Jeremias e Ezequiel), o termo se referia a invasores vindos do Oriente, que avançavam para o Ocidente ao norte do deserto sírio e depois desciam para o sul, a fim de invadir Judá pelo norte. Por isso, eram vistos como invasores vindos da "terra do norte"; essa expressão aparece pelo menos dez vezes nos livros de Jeremias e Zacarias.

Jerusalém é vulnerável apenas pelo norte. A topografia do país é tal que raramente na história algum invasor conquistou a Cidade Santa de qualquer direção, exceto pelo norte. A cidade era protegida por vales profundos em cada um dos outros três lados. Nos tempos bíblicos, apenas os egípcios e os filisteus ameaçaram Jerusalém pelo oeste; mesmo os filisteus, durante o tempo de Saul, foram bem-sucedidos apenas nas áreas ao norte de Jerusalém. Em Daniel, o "rei do norte" sem dúvida refere-se às forças sírias em combate mortal com o "rei do sul" (Egito).

Nova aliança

Uma expressão usada por Jesus para descrever o significado de sua morte ([Lc 22.20](#); cf. [Jr 31.31](#)).

Veja Aliança, A nova.

Nova criação, Nova criatura

A mensagem de redenção que se desenrola através do Antigo e Novo Testamentos. Cristo a cumprirá em sua segunda vinda.

A Bíblia diz que Deus é o Criador do céu e da terra. Ele controla tudo (veja [Gênesis 1](#); [Salmos 33.6-11](#); [104](#); [Mateus 6.25-32](#)). Os humanos são descritos como seres feitos à imagem de Deus ([Gênesis 1-2](#)). Entender Deus como Criador é fundamental para compreender a mensagem de salvação da Bíblia. O pecado humano é sério. É devido a pessoas que "adoravam e serviam a criatura em vez do Criador"

([Romanos 1.25](#)). Deus é nosso Redentor porque ele é nosso Criador. Ele salva suas criaturas rebeldes. Elas sofrem, com toda a criação, sob uma maldição de futilidade e decadência ([Gênesis 3.17-18](#); [Romanos 8.20-21](#)).

Nova criação no Antigo Testamento

O livro de Isaías, especialmente os capítulos [40-66](#), liga criação e salvação. Aqui, o profeta fala sobre a redenção final de Deus para Israel. Esta futura salvação frequentemente destaca Deus como o Criador do céu, da terra e de Israel (veja [Isaías 40.12-31](#); [44.24](#); [45.18](#); [48.13](#); [51.16](#); [64.8](#)).

Isaías fala de "novos céus e uma nova terra" ([Isaías 65.17](#); [66.22](#)). Esta ideia de uma nova criação mostra que a salvação que Deus promete é para todos, não apenas para Israel. A obra de recriação e restauração de Deus no final conecta-se à sua obra de criação no início ([Isaías 48.12](#)). O que Deus fará no final por todas as coisas é tão significativo quanto o que ele fez quando criou tudo do nada. Esta nova ordem de criação dará a felicidade eterna aos fiéis. Os escritores do Novo Testamento continuam a desenvolver esses temas.

Nova criação e Cristo

O Novo Testamento conecta fortemente criação e redenção. Vários escritores ligam a obra salvadora de Cristo ao seu papel na criação ([João 1.3](#); [Colossenses 1.15-18](#); [Hebreus 1.2-3](#); [Apocalipse 3.14](#)). Eles destacam essa ligação. Eles mencionam o que Cristo fez "quando chegou a plenitude do tempo" ([Gálatas 4.4](#); [Efésios 1.10](#)) e "nestes últimos dias" ([Hebreus 1.2](#)). Esta obra está ligada às suas ações no início. A obra de redenção de Cristo é vista como uma nova criação.

Este vínculo entre a nova criação e a obra de Cristo é claro. Paulo chama Cristo de "último Adão" e "segundo homem" ([1 Coríntios 15.45-47](#); compare versículo [22](#); [Romanos 5.14](#)). Esta descrição está intimamente relacionada ao título "Filho do Homem", que Jesus usou para si mesmo. Paulo usa o termo "último Adão" para destacar o contraste entre Adão e Cristo ([Romanos 1](#); [1 Coríntios 15](#)). Adão trouxe pecado e morte porque foi desobediente. Mas Cristo foi obediente e assim trouxe justiça. Isso leva à justificação e à vida.

Paulo explica todo o alcance deste contraste Adão-Cristo em [1 Coríntios 15.42-49](#). Ele compara o corpo fraco e mortal do crente com o glorioso e poderoso que receberá na ressurreição. Ele resume esse contraste dizendo que um corpo é "natural" e

o outro é "espiritual". Adão e Cristo representam esses dois tipos de corpos — o natural e o espiritual. Mas Paulo também apresenta Adão e Cristo como pessoas inteiras, representando outros e liderando duas ordens de vida diferentes. Adão, o primeiro homem, é o chefe do mundo natural. Agora está corrupto e mortal devido ao pecado ([Romanos 5.12-19](#)). Cristo, o segundo e último Adão, é o chefe representativo da ordem espiritual e celestial caracterizada por vida, poder e glória. A passagem contrasta duas ordens mundiais: a criação original e seu cumprimento em uma nova criação. Cada uma começou com um Adão.

Mais dois pontos são importantes para entender a mensagem da nova criação nos escritos de Paulo e no restante do Novo Testamento:

1. A ressurreição de Cristo forma a base da ressurreição do crente. Como o último Adão, ele se tornou um Espírito vivificante através de sua ressurreição ([1 Coríntios 15.45](#)). O foco está na unidade entre a ressurreição de Cristo e a dos crentes (compare com [1 Coríntios 15.12-20](#); [Colossenses 1.18](#)). De acordo com o Novo Testamento, a nova criação é uma realidade presente que começou com a ressurreição de Cristo.
2. O texto de [1 Coríntios 15.45](#) mostra a unidade do Cristo ressuscitado e do Espírito Santo em dar vida. Diz que o último Adão tornou-se um Espírito vivificante. O Espírito Santo é o poder por trás da nova criação (veja [Hebreus 6.5](#)). Onde quer que o Espírito atue como o dom do Cristo glorificado, a nova criação está presente.

A nova criação cumpre o que o Antigo Testamento prometeu e antecipou. Já começou através da obra de Cristo (o último Adão), especialmente por meio de sua morte e ressurreição. Será completada em seu retorno. Enquanto isso, vivemos em um tempo onde as duas criações coexistem — a nova começou, enquanto a antiga continua a desaparecer ([1 Coríntios 7.31](#)). O conceito de nova criação está ligado ao reino de Deus, um tema central nos ensinamentos de Jesus nos Evangelhos Sinópticos. O reino, ligado à obra de Jesus, é tanto presente ([Mateus 12.28](#); [13.11,16-17](#)) quanto

futuro ([Mateus 8.11](#); [25.34](#)). O judaísmo, Jesus e a igreja primitiva (veja [Mateus 12.32](#); [Efésios 1.21](#)) falavam de duas eras: esta era e a "era vindoura". Eles viam a "era vindoura" como a nova criação. O termo "nova criação" significa uma transformação completa. Sugere que a redenção significa renovar tudo ([Apocalipse 21.5](#)).

Nova criação e a Igreja

No Novo Testamento, os crentes se unem a Cristo e desfrutam de sua salvação. Como Cristo morreu e ressuscitou, unir-se a ele significa tornar-se parte de uma nova criação ([2 Coríntios 5.15](#)). Esta nova criação, vista no contexto da reconciliação, é tanto pessoal quanto cósmica ([2 Coríntios 5.17-19](#)).

Na única outra ocorrência no Novo Testamento da expressão "nova criação", que está em [Gálatas 6.15](#), o contexto é cósmico e pessoal. Os crentes unidos com Cristo em sua crucificação agora pertencem a uma nova criação. Aqui, distinções como circuncisão são irrelevantes. A nova criação é contra o mundo, e o crente foi crucificado com Cristo ([Gálatas 6.14](#); compare [Colossenses 2.20](#)). "Portanto, se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O velho passou. Eis que o novo chegou!" ([2 Coríntios 5.17](#)).

A ressurreição não é apenas uma esperança futura para os crentes, mas uma realidade presente; eles já foram ressuscitados com Cristo ([Efésios 2.5-6](#); compare [Colossenses 2.12-13](#); [3.1](#)). Os crentes são "criados em Cristo Jesus para fazer boas obras" ([Efésios 2.10](#)). A igreja é a nova realidade da aliança, o "novo homem", composto por judeus e gentios ([Efésios 2.15](#)). O Espírito Santo renova seus membros ([2 Coríntios 4.16](#)). Eles começam a refletir a imagem de Cristo ([2 Coríntios 3.18](#); [4.4-6](#); compare [Romanos 8.29](#); [Efésios 4.24](#); [Colossenses 3.10](#)). Este processo será concluído no retorno de Cristo ([1 Coríntios 15.49](#)). A imagem de Cristo se forma completamente nos crentes. A ética do Novo Testamento deriva desta nova criação. Os crentes são instados a viver de acordo com sua nova identidade em Cristo ([Romanos 12.2](#); [Colossenses 2.20](#)).

O futuro da Nova criação

Enquanto a nova criação é uma realidade presente, também é uma esperança futura. Os crentes vivem "por fé, não por vista" ([2 Coríntios 5.7](#)). Eles aguardam o retorno de Cristo e a profecia de Isaías de "um novo céu e uma nova terra, onde habita a justiça" ([2 Pedro 3.13](#); [Apocalipse 21.1-4](#)). Nesta nova criação, o pecado e seus efeitos não existirão mais.

Essa esperança levanta questões sobre a ligação entre a ordem final e a criação original. [2 Pedro 3.10-12](#) e [Apocalipse 21](#) e [22](#) descrevem destruição pelo fogo. Eles sugerem um fim completo, pois não há sol, lua ou noite (veja [Apocalipse 6.12-14](#)). Mas, alguns interpretam isso como figurativo. Corpos naturais e espirituais diferem antes e depois da ressurreição ([1 Coríntios 15.44](#)). Mas eles permanecem conectados. O corpo, agora decaído e fraco, é enterrado em desonra. Ele ressurgirá, incorruptível, glorioso e poderoso. O mesmo se aplica à criação. Toda a criação anseia e geme não pela destruição. É pela liberdade da decadência. Visa compartilhar da glória dos filhos de Deus, revelada na ressurreição ([Romanos 8.19-23](#)). A nova criação não é apenas um retorno ao passado. É uma renovação, o auge dos planos de Deus. Foi realizada através da redenção de Cristo, apesar do pecado humano e seus efeitos.

Veja Adão (Pessoa); Criação; Vida Eterna; Homem, Velho e Novo; Novo; Novos Céus e Nova Terra.

Nova Jerusalém

Veja Jerusalém, Nova.

Novilha

Vaca jovem. Veja Animais (Gado).

Novilha vermelha

Veja Animais (gado).

Novo

Algo que acabou de ser criado ou surgiu. O novo frequentemente substitui algo que já existia, transformando o velho em novo.

O fato de a segunda parte da Bíblia ser chamada de Novo Testamento destaca a importância da ideia de "novo" para a revelação bíblica. Muitas ideias teológicas importantes incluem o conceito de novo:

- nova criação ([2Co 5.17](#)),
- novo nascimento ([Jo 3.3](#)),
- novo homem ([Ef 2.15](#); [Cl 3.10](#)),
- novo mandamento ([Jo 13.34](#)),
- nova aliança ([Jr 31.31](#)),
- nova vida ([Rm 6.4](#)), e vários outros.

A expectativa do novo

A totalidade da expectativa do *novo* é melhor expressa em Jeremias, Ezequiel e nos Salmos. A referência no Saltério ao "novo cântico" a ser dado ao povo para cantar é uma metáfora central (por exemplo, [Sl 33.3](#); [40.3](#); [149.1](#); compare também [Is 42.10](#)). Jeremias fala do dia em que Deus fará uma nova aliança (acordo especial) com a casa de Israel ([Jr 31.31-34](#); cp. [Ez 34.25-31](#); [37.26-28](#)). Em contraste com a antiga, esta nova aliança será interna, escrita no coração. Ezequiel ([Ez 36.22-32](#)) também fala do dia em que Deus purificará seu povo e dará um coração de carne em lugar do coração de pedra.

Este ato da santidade de Deus introduzirá a era do Espírito. Ele trará uma nova existência, caracterizada por segurança e liberdade, onde as leis de Deus são seguidas. A característica suprema deste novo tempo é o novo espírito dentro das pessoas ([Ez 11.19](#)). Joel também fala daquele dia em que o Espírito de Deus será derramado sobre toda a carne ([Jl 2.28](#)). [Isaías 65.17](#) declara a promessa de "novos céus e uma nova terra". As palavras de Isaías frequentemente refletem circunstâncias e esperanças nacionais (por exemplo, após o exílio). No entanto, esta promessa adquiriu um novo significado além da esperança da nação de Israel.

A chegada do novo

A presença do reino no mundo através de Jesus anuncia que a nova era prometida irrompeu no tempo de maneiras poderosas. O ministério de Jesus é um cumprimento. O que os profetas prometeram começou a acontecer. João Batista havia preparado o caminho para aquele que daria o Espírito prometido. A doação deste Espírito é a doação de uma nova vida. Através da fé em Cristo, alguém nasce de novo ([Jo 3.3-7](#)). Mas Jesus teve que morrer para que essa nova vida fosse dada. O cálice de vinho que Jesus compartilhou com seus discípulos na Santa Ceia simbolizava o sangue da nova aliança ([Mc 14.24](#)).

A igreja primitiva destacou essa importância utilizando várias metáforas:

- Esta "novidade de vida" é demonstrada através do batismo ([Rm 6.4](#)).
- O cálice eucarístico é a nova aliança através do sangue ([1Co 11.25](#)).
- Um discurso prolongado sobre os antigos e novos pactos mostra que, pelo derramamento de seu sangue, Cristo se tornou mediador de um novo pacto ([Hb 9.15](#)).
- Pelo seu sangue, Jesus abriu um novo e vivo caminho para o Lugar Santo ([10.19-20](#)).
- Paulo reafirma a promessa de Ezequiel de um coração de carne ([2Co 3.3](#)). Ele então apresenta um relato do ministério da nova aliança em contraste com a antiga.
- A igreja representa a manifestação da nova era no contexto da antiga.
- Aquele que vem a Cristo pela fé é declarado uma nova pessoa, uma nova criação, para quem o velho já passou ([2Co 5.17](#); [Gl 6.15](#)).
- A hostilidade entre judeus e gentios desaparece na resultante "novo povo" ([Ef 2.15](#)).
- Todas as outras distinções sociais (como homem/mulher, escravo/livre) desaparecem na nova humanidade criada em Cristo Jesus ([Cl 3.10-11](#)).

A novidade de uma pessoa em Cristo é a base para a ética do Novo Testamento ([Ef 4.24](#); [Cl 3.12](#)). O novo mandamento ([Jo 13.34](#); [1Jo 2.8](#)) não é realmente novo ([1Jo 2.7](#)), mas agora tem uma nova possibilidade e um significado mais profundo pelo poder e exemplo de Jesus. Embora esta nova vida seja um presente de Deus, o *processo* de ser renovado continua. A transformação pela renovação da mente ([Rm 12.2](#)) realiza a vontade de Deus. Paulo declara que o eu interior está sendo renovado dia após dia ([2Co 4.16](#)).

A concretização do novo

Tão real quanto a nova vida do crente é, a Escritura mostra uma tensão entre a nova era que ainda não foi realizada. O tempo em que todas as coisas são feitas novas é uma promessa futura ([Ap 21.5](#)). Com o fim do antigo, há um novo céu e uma nova terra. A nova Jerusalém "que descia do céu" como a morada de Deus (versículo [2](#)). O povo de Deus recebe um novo nome ([3.12](#)) à medida que as coisas antigas desaparecem.

As pessoas que são os redimidos do Senhor recebem uma nova canção para cantar. A canção é sobre o Cordeiro que foi imolado desde o início da criação:

A primeira linha da canção é "O Cordeiro que foi morto é digno de receber poder, riqueza, sabedoria e força, honra, glória e louvor!" O refrão retorna, "Ao que está sentado no trono e ao Cordeiro pertencem o louvor, a honra, a glória e o poder para todo o sempre!" ([Ap 5.12-13](#)).

Veja também Mandamento, o Novo; Aliança, a Nova; Jerusalém, Nova; Homem, Velho e Novo; Nova Criação, Nova Criatura; Novos Céus e Nova Terra; Regeneração.

Novo homem, Nova pessoa

Expressão usada pelo apóstolo Paulo para se referir a Jesus Cristo e seu corpo, a igreja ([Ef 2.15](#)). *Veja* Homem, Velho e novo.

Novo mandamento

Expressão usada por Jesus ([Jo 13.34](#)) para designar seu ensinamento sobre o amor dos cristãos uns pelos outros. *Veja* Mandamento, O novo.

Novo Nascimento

Uma maneira de receber "vida espiritual" e se tornar parte do reino de Deus.

Jesus falou sobre o novo nascimento quando conversou com um homem chamado Nicodemos ([Jo 3.3-7](#)). Jesus disse que as pessoas devem "nascer de novo" para ver o reino de Deus. Este novo nascimento não vem de pais humanos, mas do Espírito de Deus.

O novo nascimento também é chamado de *regeneração* (uma palavra que significa ser feito novo). Isso ocorre quando Deus concede a alguém um novo coração e um novo espírito.

Veja Regeneração.

Novo nascimento

Veja Regeneração.

Novo Testamento

Veja Bíblia.

Novo Testamento, Cânon do

Veja Bíblia, Cânon da.

Novo Testamento, Cronologia do

Veja Linha temporal da Bíblia (Novo Testamento).

Novos céus e nova terra

O conceito de um universo novo ou renovado é encontrado pela primeira vez no livro de Isaías. Deus declara: "Pois eu estou criando um novo céu e uma nova terra; o passado será esquecido, e ninguém lembrará mais dele... Assim como o novo céu e a nova terra que eu vou criar durarão para sempre pelo meu poder, assim também durarão os nomes de vocês, e vocês sempre terão descendentes" ([Is 65.17](#); [66.22](#)).

Alguns estudiosos acreditam que, antes do tempo de Isaías, muitas culturas pensavam que o fim da história seria semelhante ao seu início. Isso resultaria em uma restauração universal. A Bíblia descreve uma renovação sobrenatural do mundo, que ocorre em um reino superior e distinto.

A crença de que Deus é o Criador dos céus e da terra é central para todos os ensinamentos bíblicos. "No começo, criaste a terra e, com as tuas próprias mãos, fizeste o céu" ([Sl 102.25](#)). Como Deus criou os céus e a terra, é apropriado que, uma vez que tenham cumprido seu propósito, Deus possa fazer com eles o que desejar. "A terra e o céu vão acabar, mas tu viverás para sempre. A terra e o céu se

gastarão como roupas. Tu os trocarás como se troca de roupa, e eles serão jogados fora” ([Sl 102.26](#)). A mesma metáfora é encontrada em [Isaías 51.6](#), onde a terra é descrita como se desgastando como uma roupa.

A Bíblia discute o fim da velha ordem. Ela menciona um tempo em que o céu e a terra desaparecerão ([Is 34.4](#); [Sl 51.6](#); [Mt 24.35](#); [Ap 21.1](#)). Várias frases expressam essa ideia:

1. “O mundo passa” ([1 João 2.17](#))
2. “A terra e o céu vão acabar... Eles ficarão velhos como roupa” ([Hb 1.11](#); cp. [Sl 102.26](#); [Is 51.6](#))
3. “Porém o Dia do Senhor chegará como um ladrão. Naquele dia os céus vão desaparecer com um barulho espantoso, e tudo o que há no Universo será queimado. A terra e tudo o que existe nela vão sumir” ([2Pe 3.10](#))
4. Essa destruição pelo fogo ocorrerá no momento do julgamento final. Será “Naquele dia os céus serão destruídos com fogo e tudo o que há no Universo ficará derretido” ([2Pe 3.12](#))

Este julgamento, que põe fim à velha ordem, prepara o caminho para novos céus e uma nova terra. Pedro continua, “Porém Deus prometeu, e nós estamos esperando um novo céu e uma nova terra, onde tudo será feito de acordo com a vontade dele” ([2Pe 3.13](#)). Será tão maravilhoso que ninguém sequer se lembrará do antigo ([Is 65.17](#)). Pedro, pregando no Pórtico de Salomão, diz que Jesus permanecerá no céu até que chegue o tempo de estabelecer tudo o que Deus falou por meio de seus santos profetas ([At 3.21](#)). A ordem criada aguarda ansiosamente essa recuperação ou renovação. Paulo escreve, “O Universo todo espera com muita impaciência o momento em que Deus vai revelar o que os seus filhos realmente são” ([Rm 8.19](#)) porque “um dia o próprio Universo ficará livre do poder destruidor quer o mantém escravo e tomará parte na gloriosa liberdade dos filhos de Deus” ([Rm 8.21](#)).

O céu renovado não é a presença de Deus. É o universo estrelado, o céu da existência humana. O livro de Apocalipse diz que a nova Jerusalém desce do céu para a terra ([Ap 21.2.10](#)). É o lar eterno de Deus e de seu povo. A nova terra será um lugar de perfeita justiça ([Is 51.6](#)), bondade divina ([Is 54.10](#)),

relacionamento eterno com Deus ([Is 66.22](#)), e total liberdade do pecado ([Rm 8.21](#)).

Veja também Escatologia; Céu; Reino de Deus, Reino dos céus; Novo; Nova Criação, Nova Criatura.

Noz

Veja Alimentos e preparação de alimentos; Plantas (Amêndoa; Pistache).

Num

Num foi o pai de Josué, que se tornou um dos líderes mais importantes do povo israelita. Num pertencia à tribo de Efraim, um dos doze grupos familiares de Israel. Seu pai era Elisama. Josué, filho de Num, liderou os israelitas na Terra Prometida após a morte de Moisés ([Êx 33.11](#); [Nm 11.28](#); [Dt 1.38](#); [Js 1.1](#); [Jz 2.8](#)).

Numênio

Filho de Antíoco, um diplomata judeu enviado inicialmente por Jônatas e, posteriormente, por Simão, o hasmoneu, a Roma e Esparta para fortalecer alianças. Numênio e Antípatro, filho de Jasão, foram calorosamente recebidos em Esparta e, segundo Josefo, uma aliança amigável com os judeus foi decretada (*Antiguidades* 13.169–170). O escritor de Macabeus afirmou: “O que eles disseram nós registramos em nossos decretos públicos, como segue: ‘Numênio, filho de Antíoco, e Antípatro, filho de Jasão, enviados dos judeus, vieram até nós para renovar sua amizade conosco. Foi do agrado do nosso povo receber esses homens com honra e colocar uma cópia de suas palavras nos arquivos públicos, para que o povo dos espartanos tenha um registro delas. E eles enviaram uma cópia disso a Simão, o sumo sacerdote’” ([1Mc 14.22–23](#)). Como Jônatas provavelmente morreu durante a missão, a correspondência de Esparta foi enviada a Simão, seu sucessor ([1Mc 14.20](#) e seguintes). Simão enviou Numênio a Roma em 141 a.C. com um presente especial, um escudo de ouro pesando cerca de 453 quilogramas em honra ao novo pacto. Quando Numênio retornou dois anos depois, trouxe consigo cópias das cartas de Lúcio para os estados vizinhos, nas quais o conselho romano declarava amizade pelos judeus e proibia as nações vizinhas de prejudicar o povo judeu: “Portanto,

decidimos escrever aos reis e países que não devem buscar seu mal ou fazer guerra contra eles e suas cidades e seu país, ou fazer aliança com aqueles que guerreiam contra eles” ([1Mc 15.19](#)). Além disso, os governantes das nações vizinhas foram solicitados a entregar quaisquer traidores que tivessem deixado Judá para buscar asilo em outro país. Os traidores deveriam ser punidos de acordo com as leis judaicas. Segundo Josefo, Numênio fez outra viagem a Roma para fortalecer os laços diplomáticos durante o sacerdócio de Hircano II.

Números e Numerologia

Números individuais têm um sentido simbólico, assim como literal, na Bíblia. Em Daniel, e em menor grau em Apocalipse, há um sistema desenvolvido de numerologia onde sistemas inter-relacionados de números são usados em um padrão definido.

Tradicionalmente, os cristãos conservadores desconfiam da numerologia devido ao seu uso imprudente por grupos de cristãos que veem simbolismo teológico em cada número no AT, mesmo nos mais factuais. Essa visão foi herdada de grupos judaicos místicos pré-cristãos e, posteriormente, levada a extremos pelos cabalistas.

Resumo:

- Expressão de números
- Maneiras de escrever números
- Problemas de números grandes
- Contando por gerações
- Uso aproximado de números
- Uso simbólico dos números
- Estatísticas exatas
- Numerologia

Expressão de números

O hebraico, e de fato qualquer outra língua semítica, possui um sistema de numeração simples, mas adequado. O número 1 (um) é um adjetivo. Depois disso, os numerais são substantivos, em formas masculinas e femininas paralelas, embora o masculino seja usado com o substantivo feminino e vice-versa. Números ordinais (primeiro, segundo, terceiro, etc.) existem ao lado dos números

cardinais (um, dois, três), mas como na maioria das línguas, o segundo conjunto pode ser usado em vez do primeiro (“dia dois” em vez de “segundo dia”). De dez a dezenove, há uma forma composta construída como por exemplo no inglês “thirteen” (“três-dez”), mas “vinte” é literalmente “dezenas” (o plural de “dez”). Trinta, quarenta e assim por diante são literalmente “três”, “quatro” (o plural das palavras “três” e “quatro”, respectivamente) e assim por diante, até cem, que é uma nova palavra. Existem também palavras separadas para “mil” e para “dez mil”, como em grego, chinês e muitas outras línguas. Números maiores devem ser expressos por múltiplos destes (“dez mil vezes dez mil” e “milhares de milhares”), sugerindo que grandes números, raramente necessários para pequenas populações e pequenos reinos, eram expressos aproximadamente. O hebraico possui não apenas uma forma singular e plural, mas também uma forma dual para expressar dois de qualquer coisa (duzentos, dois mil). Frações (metade, um terço, um décimo, etc.) podiam ser expressas, e multiplicação, divisão, adição e subtração eram usadas. De fato, instâncias de todas as quatro operações podem ser encontradas na Bíblia. O sistema matemático hebraico era basicamente parte do sistema matemático maior da Ásia Ocidental, do qual sabemos muito da Mesopotâmia e do Egito. Esses países, no entanto, usavam um sistema matemático mais desenvolvido do que Israel.

Maneiras de escrever números

Na Bíblia, os números são sempre escritos por extenso, como na famosa Pedra Moabita e na Inscrição de Siloé. Mas todas as nações do mundo antigo também podiam expressar números usando figuras ou cifras de vários tipos (como nossos 1, 2, 3...). Devido a esse perigo de erro, em tempos posteriores, os números eram normalmente escritos por extenso, em palavras, onde a confusão, embora ainda possível, não era tão provável. Uma maneira adicional de escrever números, conhecida tanto pelos hebreus quanto pelos gregos, era o uso de letras consecutivas do alfabeto em vez de numerais consecutivos (como se usássemos A para 1, B para 2, etc.). Este sistema, amplamente utilizado na época do NT, é o sistema usual no hebraico moderno e tem a vantagem de que combinações numéricas podem ser pronunciadas inserindo vogais arbitrárias, criando assim palavras artificiais. Por exemplo, se o número da besta ([Ap 13.18](#)), 666, for expresso em letras alfabéticas, pode-se soletrar as consoantes de

“Nero César”, embora outros nomes sejam possíveis, especialmente se a leitura variante 616 for usada.

Problemas de números grandes

Mesmo considerando todas essas possibilidades, ainda existem certos problemas relacionados a grandes números, particularmente no AT. O mais óbvio é o dos dez patriarcas longevos, cujas idades são registradas em [Gênesis 5](#). Diferentes números (com variações de séculos inteiros) são registrados para suas idades no texto hebraico, no texto samaritano e na tradução grega mais antiga (conhecida como Septuaginta), mas todos os números são muito grandes. Alguns interpretam esses números literalmente e apontam que há uma redução constante das idades alcançadas por esses patriarcas até os mais modestos 120 anos atribuídos ao homem no tempo de Noé ([Gn 6.3](#)) e os 70 anos aceitos posteriormente como o tempo de vida humano ([Sl 90.10](#)). Isso corresponderia à deterioração espiritual progressiva da humanidade após a queda, do estado perfeito de Adão à condição atual. Qualquer que seja a explicação dos números, não há dúvida de que essa é a intenção teológica da Bíblia.

O grande número de israelitas que deixaram o Egito também é problemático. Se realmente houvesse 600.000 homens de guerra ([Nm 1.46](#)), isso corresponderia a uma nação inteira de cerca de 2 milhões ou mais. Possivelmente, a palavra traduzida como “mil” significa “unidades de clã”; seria claramente um corpo total muito menor, seja qual for seu tamanho exato. Claro, Deus poderia ter mantido qualquer número de pessoas no deserto. As evidências da arqueologia quanto à população de Canaã, tanto antes quanto depois do ataque israelita, parecem apoiar um número menor. O mesmo princípio pode explicar os grandes números dados para os homens de guerra das várias tribos israelitas e os enormes totais para a força militar de Israel e Judá dados em tempos posteriores nos livros históricos do AT.

Para o leitor comum da Bíblia, talvez um dos maiores problemas sejam os diferentes números registrados em Crônicas e Reis, quando os mesmos incidentes estão sendo descritos. Erros de manuscrito, ou confusão de números escritos por sinais ou letras únicas do alfabeto, podem explicar inúmeras inconsistências individuais, mas não diferenças generalizadas, particularmente porque os números em Crônicas são consistentemente muito maiores. Esses números redondos muito

grandes podem ter significado simbólico e podem não ter a intenção de serem tomados em seu sentido literal. De fato, como os judeus tinham diante deles o livro de Reis e o livro de Crônicas ao mesmo tempo, dificilmente poderiam ter tomado ambos os conjuntos de números literalmente.

Contando por gerações

Um dos problemas do AT é a datação dos eventos. Mesmo com um sistema numérico exato, não há um ponto fixo absoluto a partir do qual se possa calcular. Judeus e cristãos posteriores contaram a partir da data presumida da Criação. Somente após o tempo de Davi e Salomão são usadas tanto referências internas entre as datas comparativas dos reis de Judá e Israel quanto referências externas a monarcas fora de Israel. Essa abertura explica o vago período de “quarenta anos” usado com frequência no AT (por exemplo, o livro de Juízes) para qualquer período longo, mas indeterminado, quase certamente correspondendo a uma geração (hebraico, *dor*). Contar por gerações é específico em alguns lugares na Bíblia e pode ser implícito em outros. Por exemplo, os descendentes de Abraão devem retornar a Canaã “na quarta geração” ([Gn 15.16](#)), e a genealogia de Cristo é cuidadosamente construída em um padrão de três grupos de quatorze gerações ([Mt 1.17](#)), em vez de em períodos de anos. Onde quer que as pessoas usem e recitem genealogias, essa contagem por gerações é natural. Mas os descendentes de Abraão teriam retornado a Canaã aproximadamente quatro séculos depois ([Gl 3.17](#)), e, portanto, a palavra “geração” às vezes representa 100 anos. A palavra hebraica para “geração” pode significar 120 anos ([Gn 6.3](#)). Geralmente, os antigos hebreus usavam frases vagas como “naqueles dias” ou “depois daqueles dias” ou “estão chegando os dias”, que expressavam passado, presente e futuro sem qualquer menção específica de número. Em outras palavras, os escritores da Bíblia estavam mais preocupados com teologia do que com matemática.

Uso aproximado de números

No AT, os 40 anos de Israel no deserto são um bom exemplo do uso aproximado de números ([Nm 14.33](#)). No NT, Jesus esteve no deserto 40 dias durante a tentação ([Mt 4.2](#)) e houve 40 dias entre sua ressurreição e ascensão ([At 1.3](#)). Moisés tinha 40 anos quando foi chamado ([At 7.23](#)), aparentemente viveu 40 anos em Midiã ([Êx 7.7](#)), e passou 40 anos liderando Israel para fora do Egito e através do deserto ([Dt 34.7](#)), pois é dito que ele tinha 120 anos ao morrer. No entanto, duas

gerações de 40 anos é o máximo normal para um homem saudável ([Sl 90.10](#)), e mesmo isso é frequentemente reduzido para 70 anos pelos rigores da vida. Setenta também é usado às vezes nesse sentido aproximado.

Uso simbólico dos números

Na Escritura, sete simboliza completude ou perfeição. No sétimo dia, Deus descansou de seus trabalhos e a criação está concluída ([Gn 2.2](#)). Faraó em seu sonho viu sete vacas saindo do Nilo ([41.2](#)). As sagradas tranças nazireias de Sansão foram trançadas em sete mechas ([Jz 16.13](#)). Sete demônios saíram de Maria Madalena, significando a totalidade de sua possessão anterior por Satanás ([Lc 8.2](#)); “sete outros demônios” entrarão na vida purificada, mas vazia, de uma pessoa ([Mt 12.45](#)). No entanto, no lado positivo, havia os sete espíritos de Deus ([Ap 3.1](#)). No sétimo ano, o escravo hebreu deveria ser libertado ([Êx 21.2](#)), tendo completado seu tempo de cativo e serviço. A cada sete anos havia um ano sabático ([Lv 25.4](#)). Sete vezes sete reitera o sentido de completude. No Ano do Jubileu (na conclusão de 7×7 anos = o 50º ano), toda a terra é libertada e retorna aos proprietários originais ([Lv 25.10](#)). Pentecostes, a Festa das Semanas, é sete vezes sete dias após a Páscoa. “Setenta”, que é literalmente “setes” em hebraico, reforça o conceito de perfeição. Há 70 anciãos ([Êx 24.1](#)) em Israel. Israel foi exilado para Babilônia por 70 anos ([Jr 25.12](#)) para completar seu castigo. “Setenta vezes sete” ([Mt 18.22](#)) reitera isso ainda mais. O Senhor não estava dando a Pedro um número matemático de vezes que ele deveria perdoar outra pessoa, mas estava insistindo em um perdão ilimitado para o pecado de um irmão.

“Três” pode muito bem compartilhar esse significado de conclusão ou perfeição, embora não tão fortemente ([2Rs 13.18](#)). Muitas coisas acontecem “no terceiro dia” ([Os 6.2](#)). Jonas passou três dias no estômago do peixe ([Mt 12.40](#)), e o Senhor ressuscitou no terceiro dia ([1Co 15.4](#)). Davi foi oferecido uma escolha de punições divinas — três anos, três meses, três dias ([2Sm 24.13](#)). Para o cristão, “três” assume um significado muito mais profundo como o número de Pessoas da Trindade. As três Pessoas são claramente expressas, por exemplo, na Grande Comissão ([Mt 28.19](#)) e na bênção paulina ([2Co 13.13](#)). Muitos ecos dessa expressão tríplice estão no NT, e muitas antecipações dela no AT, dos quais o “Santo” repetido três vezes em [Isaías 6.3](#) é o mais famoso.

Alguns estudiosos veem quatro como outro símbolo de completude (quatro ventos do céu, [Dt 7.2](#); quatro cavaleiros, [Ap 6.1-7](#); quatro seres viventes ao redor do trono de Deus, [Ap 4.6](#)). Cinco é certamente usado em um sentido indefinido como um número pequeno ([Is 19.18](#); [30.17](#)). Nem oito nem nove parecem ter qualquer significado especial, embora, como outros números, possam ser usados em um sentido factual para descrever qualquer das atividades de Deus (nove pragas no Egito, [Êx 7-10](#)). “Dez” tem significado por causa dos Dez Mandamentos ([Êx 20.1-17](#)), mas não tem qualquer simbolismo especial anteriormente na Bíblia. Se algo, “dez” é usado em outros lugares de forma vaga. Labão muda o salário de Jacó dez vezes ([Gn 31.7](#)); Daniel e seus amigos são dez vezes melhores que todos os outros estudantes ([Dt 1.20](#)); dez vezes, os colonos judeus serão avisados de ataques inimigos iminentes ([Ne 4.12](#)).

Onze parece não ter nenhum significado bíblico especial, mas 12 certamente tem. A prova mais clara disso é a existência das 12 tribos em Israel. Em [Apocalipse 7.4-8](#), onde é matematicamente importante que o número de tribos seja limitado a 12, a tribo de Dã é completamente omitida — provavelmente por conta do pecado de idolatria de Dã ([Jz 18.14-20](#)). Os descendentes de Ismael também foram divididos em 12 clãs ([Gn 17.20](#)), de modo que o número 12 aparentemente era significativo fora de Israel também. No NT, Cristo escolheu 12 apóstolos ([Mt 10.1-4](#)). A ligação com o número de tribos é feita de forma específica quando Cristo diz aos apóstolos que eles se sentarão em 12 tronos, julgando as 12 tribos ([Mt 19.28](#)). No entanto, é interessante que, após a eleição e nomeação de Matias ([At 1.26](#)), a igreja cristã aparentemente não fez esforços subsequentes para manter o número de apóstolos. Como “sete vezes sete”, “doze vezes doze” aumenta a força do número. Quando isso é ainda multiplicado por mil, a figura se torna os 144.000 redimidos ([Ap 7.4](#)), que foram selados “de todas as tribos de Israel”.

Estatísticas exatas

Ao contrário do uso metafórico dos números para denotar completude, imensidão e semelhantes, os números em hebraico eram frequentemente usados para fornecer contagens ou medidas exatas. Tal uso é conhecido por nós apenas a partir de tábuas de argila e óstracos (pedaços quebrados de cacos de cerâmica gravados em tinta, usados como cadernos rústicos). No entanto, determinar

exatamente qual era o texto em sua forma mais antiga e o que esse texto significa é difícil.

Um exemplo é o número dos filhos de Jeconias entre os habitantes de Bete-Semes. Eles foram abatidos pelo Senhor por não se alegrarem com os outros quando a arca de Deus retornou a Israel do país dos filisteus ([1Sm 6.19](#)). O texto grego (LXX) diz "setenta"; os manuscritos hebraicos posteriores acrescentam "cinquenta mil". Mas, como Bete-Semes em si era apenas uma pequena cidade fronteiriça, e os "filhos de Jeconias" eram presumivelmente apenas um clã entre vários, o número menor é obviamente o original, e a grande adição se deve a alguma confusão posterior de manuscritos.

Uma boa regra ao tentar decidir se um número é estatístico ou impressionista é determinar se é um número pequeno ou um número incomum para o qual não há uma explicação teológica óbvia. Quando os homens de Ai mataram cerca de 36 israelitas no primeiro ataque à cidade ([Js 7.5](#)), a pequenez do número é evidência de que este é um detalhe factual vividamente lembrado. Da mesma forma, no caso do número dos 318 homens de Abraão ([Gn 14.14](#)) ou da pesca de 153 peixes após a ressurreição ([Jo 21.11](#)), os números, embora grandes, não são números redondos, mas combinações incomuns, e são obviamente destinados a um sentido literal ou estatístico. Detalhes irrelevantes como este têm o hábito de permanecer na memória e são a melhor garantia da confiabilidade da narrativa.

Numerologia

A numerologia pode ser considerada uma aplicação ampliada do significado metafórico dos números (7, 40, etc.) já discutido. Na Bíblia, essa sistematização dos números sempre acompanha um forte senso da soberania de Deus, seu controle sobre a história humana e a crença em seu propósito contínuo e sua conclusão triunfante.

Talvez o primeiro exemplo claro de numerologia na Bíblia seja [1 Reis 6.1](#), onde Salomão começou a construir o templo 480 anos após o Êxodo, um período de 5 vezes 10 vezes 12, ou 4 vezes 120, a vida útil ideal do homem nos primeiros dias ([Gn 6.3](#)). O texto de [1 Crônicas 6.3-8](#) dá 12 gerações de homens (presumivelmente 40 anos cada) para cobrir o mesmo período, então "doze gerações" é provavelmente a base real para o cálculo, em vez de qualquer contagem exata ano a ano. Uma contagem teria sido impossível nos dias dos juízes e improvável antes da monarquia. Davi foi o

primeiro a estabelecer um escriba ou registrador oficial para manter anais diários em Israel ([2Sm 8.16-17](#)), como era comum nos grandes reinos desde tempos muito anteriores. Esses anais israelitas são mencionados mais tarde como fontes dos livros dos reis ([2Rs 14.18](#)). O número 480 é provavelmente uma aproximação grosseira em vez de exata e denota o fim de uma das épocas de Deus.

Quando Jeremias profetiza um exílio de 70 anos para Judá ([Jr 25.11](#); [29.10](#)), não é apenas uma previsão histórica que foi literalmente cumprida, mas também um símbolo de completude; o castigo de Judá está completo (cf. [Is 40.2](#)). Isaías ([Is 23.15](#)) havia feito uma profecia semelhante de um castigo de 70 anos para Tiro, e Ezequiel ([Ez 29.11-13](#)) profetizou um "exílio" de 40 anos para o Egito. Quando esses 70 anos são considerados como anos sabáticos, onde a terra deve permanecer sem cultivo para compensar os 7 vezes 70 anos de pecado anteriores, então a verdadeira numerologia começa ([2Cr 36.21](#)). Aqui a numerologia é usada apenas como uma explicação do passado e do presente, mas também pode ser usada para explicar o futuro, especialmente no livro de Daniel.

Daniel ([Dn 9.2](#)) refere-se aos 70 anos literais do exílio, conforme predito por Jeremias. Em [Daniel 9.24](#), isso foi estendido para 70 semanas de anos (490 anos) aplicados ao futuro distante. [Daniel 9.25](#) vê 69 dessas semanas (483 anos) como decorrendo antes da aparição do Messias. Presumivelmente, a última semana das 70 é, portanto, considerada como o tempo de sua atividade. No entanto, por mais que isso possa ser interpretado em termos de datas reais, deve ser harmonizado com [9.26](#), onde o Messias é "cortado" após 62 semanas de anos (434 anos). A dificuldade está em estabelecer o ponto de partida para este longo período. Este é um exemplo de uma numerologia elaborada, abrangendo séculos de história, tudo baseado, em última análise, nos 70 anos de Jeremias. De acordo com princípios bíblicos, isso pode ter tanto um cumprimento "imediato" no retorno do exílio quanto um cumprimento "profético" no futuro distante em conexão com a vinda de Cristo.

O outro grande exemplo de numerologia estendida em Daniel está relacionado com o "tempo, tempos e metade de um tempo" ([7.25](#)). Isso deve representar três tempos e meio, ou seja, metade de sete tempos. Assim, refere-se ou a três anos e meio (metade de uma "semana" de anos) ou três e meia "semanas" de anos (cf. "sete tempos" em [4.16](#), onde "sete anos" é claramente mencionado). Qualquer

que seja seu cumprimento profético final em Cristo, o cumprimento “inicial” ou “parcial” é o período de aproximadamente três anos e meio de amarga perseguição ao povo de Deus por Antíoco Epifânio (167–164 a.C.). Esta figura de três anos e meio reaparece em [Apocalipse 11.2](#) (“quarenta e dois meses”) e [12.14](#) (“um tempo, e tempos, e metade de um tempo”), para descrever o período de perseguição de Roma à igreja cristã. A figura possivelmente se tornou um símbolo de qualquer perseguição amarga, mas limitada. As “duas mil e trezentas tardes e manhãs” de [Daniel 8.14](#) podem significar 1.150 dias, que é aproximadamente o mesmo período de tempo.

Os três anos e meio de [Daniel 7.25](#) reaparecem em [Apocalipse 11](#) na forma de “quarenta e dois meses”, o tempo em que os pagãos pisotearão Jerusalém ([Ap 11.2](#)). Os 1.290 dias de [Daniel 12.11](#) reaparecem aqui (na forma ligeiramente diferente de 1.260 dias) como o tempo em que as duas testemunhas de Deus profetizarão ([Ap 11.3](#)). Os 42 meses reaparecem em [Apocalipse 13.5](#) como o período em que a besta será permitida blasfemar. Enquanto os “mil anos” de [20.6](#) não são derivados de Daniel, o uso metafórico de “mil” é familiar ao AT. O paralelo direto mais próximo está em [Deuteronômio 7.9](#), onde a aliança de Deus será mantida com “mil gerações” por vir.

Números, Livro de

Quarto livro da Bíblia em português. Seu título é a tradução em português do título da Vulgata Latina, *Numeri*. O livro recebe esse nome porque várias listas de diferentes tipos são registradas nele, especificamente, as duas contagens do exército nos capítulos [1](#) e [26](#), os arranjos do acampamento tribal e da marcha no capítulo [2](#), e os censos levíticos nos capítulos [3](#) e [4](#).

Resumo

- Autor(a)
- Contexto
- Propósito
- Conteúdo
- Educação Teológica

Autor

A questão da autoria de Números faz parte da questão maior da autoria do Pentateuco. Até o

surgimento das teorias documentárias crítico-superiores do século XIX, a autoria mosaica do Pentateuco era quase universalmente aceita tanto por judeus quanto por cristãos. Esta tradição consagrada pelo tempo é apoiada pelo próprio Pentateuco (e.g., [Êx 17.14](#); [24.4](#); [34.27](#); [Nm 33.2](#); [Dt 31.9,24](#)), pelo restante do AT (por exemplo, [Js 23.6](#); [Jz 3.4](#); [Ml 4.4](#)), bem como pelo ensino de Jesus (e.g., [Jo 5.46–47](#)), e pelo restante do NT (e.g., [At 28.23](#); [Rm 10.19](#); [1Cor 9.9](#)). Embora discrepâncias no Pentateuco fossem amplamente e abertamente reconhecidas, ainda assim Moisés, o legislador do século XV a.C., era afirmado como o autor principal do Pentateuco.

Contexto

Península do Sinai

O contexto histórico de Números começa principalmente na região geográfica da Península do Sinai, no meio do segundo milênio a.C.

A Península do Sinai tem a forma de um triângulo invertido com a base no norte. Mede aproximadamente 386 quilômetros de comprimento de norte a sul e 281 quilômetros de largura na base norte, com uma área de cerca de 56.980 quilômetros quadrados. É limitada ao norte pelo Mar Mediterrâneo e pela fronteira sul de Canaã, a oeste pelos Lagos Amargos e pelo Golfo de Suez, e a leste pelo Arábá e pelo Golfo de Aqaba. Começando no norte, na costa mediterrânea, e movendo-se para o sul por cerca de 24 quilômetros, o solo é arenoso. Ao sul desta planície costeira, há um planalto elevado (Et-Tih) de cascalho e calcário (cerca de 762 metros acima do nível do mar), estendendo-se para o sul na península por aproximadamente 241 quilômetros. Elevando-se acima do planalto neste ponto, há uma formação montanhosa de granito com picos de até 2.438 metros acima do nível do mar. Nesta região montanhosa, no ápice do triângulo peninsular, Jebel Musa (2.244 metros de altura), o local tradicional onde Israel acampou antes do Monte Sinai e Moisés recebeu a lei, ergue-se acima da planície.

A península é composta por cinco desertos. Ao norte e imediatamente a leste da terra de Gósen está o deserto de Sur, com aproximadamente 64 quilômetros de largura, que se estende além do Rio do Egito (Wadi el-Arish) até a região de Cades-Barneia e ao nordeste até Berseba. A leste desta região está o deserto de Zin, que se estende a leste do deserto de Sur até a ponta sul do Mar Morto.

Cades-Barneia está localizada na sua fronteira sul ([Nm 20.1](#); [33.36](#)). Ao sul do deserto de Sur está o deserto de Etã, e a leste desta região selvagem, na região centro-leste do Sinai, está o grande deserto de Parã ([Dt 1.19](#)). Cades-Barneia está na fronteira norte deste território ([Nm 13.26](#)). Nesta área, os israelitas passaram 38 dos seus 40 anos de peregrinação. A sudoeste do deserto de Parã, nas encostas ocidentais da península, não muito longe das montanhas de granito situadas no ápice sul do triângulo, está o deserto de Sin.

Embora a região seja geralmente desolada e árida, não é intransitável nem incapaz de sustentar viajantes. Poços e nascentes pontilham tanto as fronteiras ocidentais quanto orientais a distâncias razoáveis umas das outras. O lençol freático está relativamente próximo ao nível do solo, tornando possível a escavação de poços ([Nm 20.17](#); [21.16-18](#)). As rochas calcárias também são capazes de reter grandes quantidades de água ([20.11](#)). A vegetação é escassa, exceto ao redor dos riachos mais permanentes, onde a vegetação e as tamareiras prosperam. A estação chuvosa no inverno dura aproximadamente 20 dias. Codornizes ([11.31-32](#)) são conhecidas por migrar através da península para a Europa na primavera.

Os povos que Israel confrontou

Amalequitas e Cananeus ([14.25,43-45](#); [24.20](#))

Os amalequitas eram descendentes de Amaleque, filho de Elifaz e neto de Esaú ([Gn 36.12,16](#)). Eles eram geralmente um povo nômade. Na Península do Sinai, foram os primeiros a guerrear contra Israel em Refidim (cf. [Nm 24.20](#)), possivelmente o Wadi Refayid no sudoeste do Sinai ([Êx 17.8-16](#)), antes de Israel chegar a Horebe. Um ano depois, os amalequitas se estabeleceram nas colinas e vales ao norte de Cades-Barneia. Em aliança com os cananeus, os habitantes da Palestina, eles bloquearam o esforço de Israel para invadir a terra prometida pelo sul ([Nm 14.45](#)). A disposição de Israel para travar guerra parece ter sido completamente quebrada por anos a fio.

Edomitas ([20.14-21](#); [21.4,10-11](#))

Edom, ou Seir ([24.18](#)), é o território ao sul do Mar Morto ocupado pelos descendentes de Esaú. Estendendo-se desde sua fronteira norte no Wadi Zered ([21.12](#)), que desaguava no Mar Morto em sua ponta sul, 161 quilômetros ao sul até o Golfo de Ácaba, ocupava ambos os lados da Arabá, com Cades-Barneia novamente situada na borda de sua fronteira oeste ([20.16](#)), dando-lhe uma área

terrestre de aproximadamente 10.300 quilômetros quadrados. É uma região montanhosa acidentada com picos que chegam a 1.066 metros. A “Estrada Real”, uma antiga rota comercial de Damasco através do Transjordão até o Golfo de Ácaba, passava por seu território e principais cidades, Bosra e Leman. Embora Edom não fosse fértil, tinha áreas cultiváveis ([20.17-19](#)).

Durante a marcha de Israel para a região de Transjordânia, Edom recusou-se a permitir que Israel viajasse diretamente para o leste de Cades através de seu território, forçando Israel a mover-se para sudeste e subir pela Arabá ([21.4,11](#)). Apesar dessa hostilidade ao povo de Deus, Israel foi proibido de atacar ([Dt 2.2-8](#)) ou odiar os edomitas ([23.7](#)), e assim Edom foi poupado da destruição durante a conquista da terra. A área foi posteriormente conquistada por Davi ([2Sm 8.13-14](#)) de acordo com a profecia de Balaão ([Nm 24.18](#)).

Arade ([21.1-3](#))

Arade era um assentamento cananeu no sul do Neguebe. Seu rei, após lutar contra Israel e capturar alguns prisioneiros, foi posteriormente derrotado em Horma.

Moabitas ([21.11-15](#); [22.1-24.25](#))

Moabe, ocupado pelos descendentes de Ló ([Gn 19.37](#)), é o território a leste do Mar Morto, situado principalmente entre o Wadi Arnom ([Nm 21.13](#)) e o Wadi Zered, com uma área de aproximadamente 3.626 quilômetros quadrados.

No final da Idade do Bronze Médio, os moabitas haviam ultrapassado seu planalto principal e se estendido bem ao norte do Arnom até o extremo norte do Mar Morto ([21.20](#)). Na época dos eventos registrados em Números, no entanto, os amoritas ocupavam a área desde Arnom até o norte do Wadi Jaboque (vv [13](#), [21-24](#)), tendo anteriormente tomado essa terra de Moabe (vv [26-30](#)). O reino moabita era altamente organizado, com agricultura e pecuária, edifícios esplêndidos, cerâmica distintiva e fortes fortificações ao redor de suas fronteiras. Seu deus era Quemós (v [29](#)).

Balaque, rei de Moabe durante o período da conquista, em aliança com Midiã, contratou Balaão para amaldiçoar Israel (caps [22-24](#)). Quando isso falhou, os dois poderes pagãos tentaram neutralizar Israel atraindo o povo de Deus para a adoração de Quemós e para a idolatria ([25.1-2](#)). Na guerra que se seguiu, Israel derrotou Midiã ([31.1-18](#)), mas por ordem expressa de Deus ([Dt 2.9-13](#)) poupou Moabe. No entanto, como Balaão havia

profetizado anteriormente ([Nm 24.17](#)), Davi no século 11 guerreou contra Moabe e os derrotou ([2Sm 8.2.13-14](#)).

Amorreus ([21.21-35](#))

Os amorreus, o povo que havia ocupado o território ao norte dos moabitas ([Nm 21.25-30](#)), eram descendentes de Canaã ([Gn 10.16](#)) que se espalharam por toda a região montanhosa em ambos os lados do rio Jordão. Hesbom era a capital deles. Tanto Seom de Hesbom quanto Ogue de Basã eram reis amorreus ([Dt 3.8](#)).

Quanto a Basã ([Nm 21.33-35](#); cf. [Dt 1.4](#); [3.1-12](#)), é a região fértil de pastagem ([Nm 32.1-5](#)) a leste do Mar de Quinerete (Galileia), cuja fronteira norte se estendia até o Monte Hermon e cuja fronteira sul, embora normalmente fosse o rio Yarmuk, na era mosaica era o Wadi Jaboque ([Js 12.4-5](#)). Sua área territorial cobria aproximadamente 12.950 quilômetros quadrados. Suas principais cidades eram Astarote, Edrei e Golã. Após a conquista da terra, este território foi para a meia-tribo de Manassés, com Gade ocupando o sul de Gileade, e Rúben a região ao sul até o Wadi Arnom.

Midianitas ([25.16-18](#); [31.1-54](#))

Os midianitas, descendentes de Abraão através da concubina Quetura ([Gn 25.2](#)), eram habitantes do deserto em Transjordânia, de Moabe até a região ao sul de Edom. Os anciãos de Moabe e Midiã cooperaram na contratação de Balaão para amaldiçoar Israel ([Nm 22.4-7](#)). Mais tarde, quando esse esforço se mostrou infrutífero, os midianitas, novamente com Moabe, levaram Israel à idolatria e imoralidade ([25.1-6.14-15](#)). Cosbi, a mulher midianita que foi executada por sua maldade ([25.8](#)), era filha de Zur, um dos cinco reis midianitas confederados com o rei amorita Seom ([Js 13.21](#)) que foram posteriormente mortos na guerra santa de Israel contra Midiã ([Nm 31.8](#)). Esta guerra com Midiã aparentemente quebrou a resistência amorita remanescente, pois [Josué 13.15-23](#) claramente sugere que, como resultado, a tribo de Rúben ocupou este território.

Propósito

Números serve a um propósito duplo. Primeiro, como um livro histórico, contém o relato das experiências de Israel desde o Monte Sinai até as Campinas de Moabe, na véspera da conquista de Canaã — aquele período de quase 40 anos passado no deserto do Sinai e em Transjordânia (1447–1407 a.C.). Enquanto narra as muitas falhas de Israel e os muitos atos fiéis de Deus, retrata Moisés,

o líder de Israel, em toda a sua grandeza e fraqueza. As duas listas do exército (caps. [2](#) e [26](#)) introduzem os “atos” do principal drama de sua história: o primeiro em preparação para entrar na terra, que falhou devido à incredulidade de Israel; o segundo, após a morte de toda a geração que saiu do Egito, em preparação para a invasão bem-sucedida de Canaã sob a liderança de Josué.

Em segundo lugar, em linha com a crença geral de Paulo de que “tudo o que está nas Escrituras foi escrito para nos ensinar, a fim de que tenhamos esperança por meio da paciência e da coragem que as Escrituras nos dão” ([Rm 15.4](#)), e de acordo com seu ensinamento específico de que “tudo isso aconteceu com os nossos antepassados a fim de servir de exemplo para os outros, e aquelas coisas foram escritas a fim de servirem de aviso para nós. Pois estamos vivendo no fim dos tempos” ([1Co 10.11](#)), Números serve a um propósito doutrinário, típico e exortativo (cf. v [12](#)). Eventos históricos são divinamente investidos com verdades espirituais, tornando-se assim lições objetivas para o cristão.

Conteúdo

Capítulo 1

O Senhor ordenou a Moisés que registrasse ([Nm 1.18](#)) os homens aptos para ir à guerra (vv [2-3](#)). O número total de soldados em Israel era de 603.550 (v [46](#)). Os levitas não foram contados neste registro (vv [47-54](#)), pois deveriam ser separados para um serviço especial relacionado ao tabernáculo.

Capítulo 2

O Senhor instruiu Moisés sobre o arranjo das tribos enquanto acampavam e durante a marcha. Com o tabernáculo no centro do acampamento, Judá, Issacar e Zebulom, totalizando 186.400 (v [9](#)), deveriam acampar no leste; Rúben, Simeão e Gade, totalizando 151.450 (v [16](#)), deveriam acampar no sul; Efraim, Manassés e Benjamim, totalizando 108.100 (v [24](#)), deveriam acampar no oeste; e Dã, Aser e Naftali, totalizando 157.600 (v [31](#)), deveriam acampar no norte.

Na marcha, o grupo Leste de Judá (v [9](#)) deveria partir primeiro, seguido pelo grupo sul de Rúben (v [16](#)). Os levitas com o tabernáculo deveriam seguir (v [17](#)). Então, o grupo oeste de Efraim (v [24](#)) deveria seguir os levitas, com o grupo norte de Dã (v [31](#)) fechando a retaguarda. Isso significa que os levitas estavam flanqueados por dois grupos, à frente e atrás.

Capítulo 3

Arão, bisneto de Levi através de Coate ([Êx 6.16-20](#)), e seus descendentes foram designados para servir como sacerdotes no tabernáculo ([Nm 3.2-3](#)). Os demais descendentes de Levi, das famílias de Gérson, Coate e Merari, deveriam servir à linhagem de Arão no tabernáculo (vv [5-10](#)). Os gersonitas eram responsáveis pelas coberturas, cortinas e telas do tabernáculo (vv [25-26](#)); os coatitas eram responsáveis pelo “mobiliário” no tabernáculo (v [31](#)); e os meraritas eram responsáveis pelas armações, barras e fundações do tabernáculo (vv [36-37](#)).

Deus instruiu Moisés a numerar as três famílias levíticas. Os descendentes de Gérson, totalizando 7.500 (v [22](#)), deviam acampar no oeste, entre o grupo ocidental de tribos e o tabernáculo. Os descendentes de Coate, totalizando 8.600 (v [28](#)), deviam acampar no sul, entre o grupo meridional de tribos e o tabernáculo. Os descendentes de Merari, totalizando 6.200 (v [34](#)), deviam acampar no norte, entre o grupo setentrional de tribos e o tabernáculo. Moisés e a família de Arão deviam acampar no leste, entre o grupo oriental de tribos e o tabernáculo (v [38](#)). Tanto no acampamento quanto na marcha, o tabernáculo estava no meio de Israel.

O censo dos primogênitos de Israel revelou 273 bebês do sexo masculino a mais do que os levitas (vv [40-46](#)), e como os levitas eram um resgate para os homens israelitas em uma base de um para um, as 273 crianças do sexo masculino adicionais tiveram que ser resgatadas por dinheiro de expiação (vv [46-51](#)).

Capítulo 4

Deus instruiu Moisés que apenas os levitas entre as idades de 30 e 50 anos deveriam servir no tabernáculo. Um censo revelou que havia 2.750 coatitas (v [36](#)), 2.630 gersonitas (v [40](#)) e 3.200 meraritas (v [44](#)), totalizando 8.580 (v [48](#)) que eram elegíveis para servir aos sacerdotes arônicos.

Deus ordenou ainda aos sacerdotes aarônicos, quando o tabernáculo estava sendo desmontado para a marcha, que cobrissem todos os “móveis” do tabernáculo antes que os coatitas sequer olhassem para eles (v [20](#)), para que os coatitas, ao olhar ou tocar neles (v [15](#)), não morressem (vv [15,20](#)).

Capítulo 5

Para fins cerimoniais, Deus exigia que os leprosos, aqueles com uma descarga corporal e aqueles que

havam tocado os mortos, fossem colocados fora do acampamento até serem purificados (vv [1-4](#)). Além disso, Deus instruiu que aqueles que faziam restituição por um erro, se a pessoa prejudicada não estivesse mais viva, deveriam dar o valor da restituição a um sacerdote (vv [5-10](#)).

Finalmente, se uma mulher fosse suspeita pelo marido de infidelidade, mas não houvesse evidências disso, a mulher deveria passar por uma prova de água para aliviar as suspeitas do homem. O sacerdote deveria dar-lhe água sagrada com poeira do chão do tabernáculo para beber. Se ela fosse culpada, a água, por direção divina, causaria dor, faria seu abdômen inchar e sua coxa definharia (vv [11-31](#)).

Capítulo 6

As leis referentes ao nazireu foram dadas em seguida. Um nazireu era uma pessoa que decidia fazer um voto para se separar totalmente para o Senhor. Para simbolizar essa separação, o nazireu não deveria beber nenhuma bebida intoxicante, deveria deixar o cabelo crescer e não tocar em nenhum corpo morto (vv [3-6](#)). Caso se contaminasse, deveria seguir regras prescritas para a purificação cerimonial (vv [9-12](#)). Quando seu voto chegasse ao fim, deveria seguir regras prescritas para encerrar seu voto (vv [13-21](#)). Finalmente, Deus instruiu o sacerdócio aarônico sobre a bênção que deveriam pronunciar sobre o adorador israelita (vv [22-27](#)).

Capítulo 7

Os líderes em Israel trouxeram seis carroças e doze bois para uso na transferência do tabernáculo ([7.3](#)). Moisés deu duas carroças e quatro bois aos gersonitas (v [7](#)), e quatro carroças e oito bois aos meraritas (v [8](#)). (Os coatitas deveriam carregar o “mobiliário” do tabernáculo sobre os ombros, v [9](#).) Por doze dias consecutivos, para consagrar o altar após ele ter sido ungido (vv [10,88](#)), os líderes tribais, na ordem de marcha (cf. cap. [2](#)), trouxeram ofertas semelhantes. Deus demonstrou seu agrado com este gesto ao falar com Moisés do propiciatório (v [89](#)).

Capítulo 8

Deus concedeu aos sacerdotes aarônicos a prerrogativa de acender o candelabro de sete braços (vv [1-4](#)). Seguindo instruções divinas, Moisés e Arão consagraram os levitas ao serviço do tabernáculo por meio de uma cerimônia de purificação (vv [5-22](#)).

Capítulos [9.1-10.10](#)

Para o benefício do adorador que estava cerimonialmente impuro ou em viagem na época da Páscoa, Deus concedeu permissão para observar a Páscoa um mês depois (vv [6-12](#); veja também cap. [27](#)).

Deus deu instruções finais ao povo antes de sua partida do Sinai. Eles deveriam se preparar para marchar quando vissem a nuvem subindo do tabernáculo, e deveriam parar no lugar onde a nuvem se estabelecesse ([9.15-23](#)). O povo deveria se reunir no tabernáculo se duas trombetas de prata fossem tocadas; apenas os líderes deveriam vir se uma fosse tocada; e ao som de um alarme militar, os vários grupos de tribos deveriam se preparar para uma marcha imediata ([10.1-10](#)).

Capítulos [10.11-14.45](#)

A próxima seção relata a marcha do Sinai a Cades-Barneia, um período de aproximadamente um mês e meio a dois meses (cf. [10.11](#); [13.20](#)). Quase imediatamente, o povo começou a reclamar ao passar pelo terrível deserto de Parã ([Dt 1.19](#)), irritando o Senhor em Taberá ([Nm 11.1-3](#)) e em Quibrote-Hataavá ([Nm 11.4-35](#); [Sl 78.26-31](#); [106.13-15](#)). Miriã e Arão desafiaram o direito exclusivo de Moisés de falar por Deus ao povo, o que resultou em lepra temporária como punição para Miriã (sem dúvida a líder na provocação). Através da intercessão de Moisés, os dois foram perdoados ([Nm 12](#)). Deste evento, no entanto, surgiu a notável descrição da relação de Moisés com Deus como um meio único de revelação (vv [6-8](#)).

De Parã (Cades-Barneia), Moisés enviou os espiões para explorar a terra (cap. [13](#)). [Deuteronômio 1.22](#) sugere que o plano de espionar a terra originou-se com o povo, com Moisés (a pedido de Deus) consentindo. Ao final de 40 dias, eles retornaram. Apenas Calebe e Josué incentivaram o povo a avançar para a conquista; os outros 10 espiões falaram de inimigos muito formidáveis para eles derrotarem. O povo, muito desencorajado, tentou apedrejar Calebe e Josué ([Nm 14.10](#)), e foram impedidos de fazê-lo apenas pela aparição repentina da nuvem de glória no tabernáculo. Deus jurou em sua ira ([Nm 14.21](#); cf. [Hb 3.7-4.10](#)) que, com exceção de Calebe e Josué, nenhum daquela geração entraria na terra prometida ([Nm 14.21-35](#)). Ele então abateu os 10 espiões incrédulos (v [37](#)). Presunçosamente, e apesar do comando expresso de Deus em contrário ([Dt 1.42](#)), Israel tentou avançar sobre a terra, deixando Moisés e a

Arca da Aliança no acampamento. Eles foram desafiados pelos amalequitas e cananeus.

Israel permaneceu nesta área geral com famílias tribais se espalhando pelo deserto e se estabelecendo ao redor de nascentes e oásis ([Dt 1.46](#)). [Números 15.1-21.20](#) relata a história dos 38 anos de peregrinação no deserto. Muito desse tempo foi provavelmente passado ao redor de Cades-Barneia ([Dt 1.46](#)).

Capítulo [15](#)

Legislação sacerdotal adicional foi dada ([Nm 15.1-21](#)). Além disso, o procedimento a ser seguido quando um israelita cometia um pecado deliberado e desafiador foi detalhado em termos de excomunhão: não havia expiação para tal atitude (vv [22-31](#)). Um violador do sábado foi executado (vv [32-36](#)), talvez como uma ilustração da legislação anterior. Finalmente, para ajudá-los a obedecer às leis de Deus, os israelitas foram instruídos a amarrar borlas azuis em suas vestes externas como lembretes (vv [37-41](#)).

Capítulo [16](#)

Corá desafiou o sumo sacerdócio de Arão, e Datã, Abirão e On desafiaram a liderança de Moisés (vv [1-14](#)). Deus, por meio da palavra de Moisés, abriu a terra e engoliu os ofensores ([Nm 16.32](#); cf. [Dt 9.6](#); [Sl 106.16-18](#)). Corá é considerado no NT ([Id 1.11](#)) como um exemplo clássico de descontentamento rebelde.

[Números 26.11](#) afirma que os filhos pequenos de Corá não pereceram com ele. Talvez eles tenham se tornado os ancestrais dos “filhos de Corá”, os músicos sagrados do templo que compuseram 12 salmos coraítas ([Sl 42-49](#), [84-85](#), [87-88](#)).

Capítulo [17](#)

Deus então instruiu os líderes de cada tribo a trazerem varas, 12 ao todo, para escreverem os nomes das tribos sobre elas (com o nome de Arão na vara de Levi) e depositá-las no tabernáculo. No dia seguinte, a vara de Arão havia brotado com flores e amêndoas maduras, assim confirmando o status especial de sumo sacerdote de Arão.

Capítulos [18-19](#)

Mais legislação sacerdotal foi dada. Em [18.1-7](#), a responsabilidade total pelo serviço sacerdotal foi atribuída aos sacerdotes aarônicos — uma consequência muito natural do capítulo anterior. Os levitas deveriam auxiliar a ordem aarônica (v [6](#)).

Como a tribo de Levi não recebeu herança de terras, eles deveriam ser sustentados pelas ofertas do povo (vv [8-20](#)).

Em [19.1-22](#), foram dadas instruções sobre impureza cerimonial. Quando um israelita se tornava cerimonialmente impuro por contato com a morte (vv [11-16](#)), Deus exigia que ele fosse purificado de seu pecado (vv [9,17](#)) pela aspersão de água especialmente preparada sobre ele.

Capítulo 20

Com Israel mais uma vez em Cades, na fronteira sul do deserto de Zin, no primeiro mês do 40º ano de peregrinação, Miriã morreu e foi sepultada (v [1](#)). De acordo com a lista de acampamentos no capítulo [33](#), 18 acampamentos podem ter ocorrido para Israel desde que a nação esteve neste local pela última vez (cf. [33.18-36](#)).

Nesta ocasião, a nação reclamou mais uma vez porque havia pouca água ([20.2](#)). Moisés, sob a instrução de Deus, fez jorrar água de uma rocha (vv [8-11](#)), mas devido a uma grave infração de Moisés e Arão nesta ocasião, Deus anunciou que eles não teriam permissão para liderar Israel na conquista da terra (vv [12.23-24](#)).

O capítulo termina com Edom recusando a passagem de Israel através de seu território (vv [14-21](#)) e Arão morrendo no Monte Hor, na fronteira de Edom (vv [22-29](#)), no quinto mês do 40º ano ([33.38](#)). Eleazar, filho de Arão, assumiu o cargo de sumo sacerdote.

Capítulo 21

Após uma rápida vitória sobre Arade (vv [1-3](#)), Israel começou a ir para o sul para contornar Edom. Tornando-se impacientes com Deus e com Moisés, o povo expressou seu descontentamento com a provisão de maná de Deus. O Senhor enviou cobras venenosas para o acampamento, causando a morte de muitos. Mas, por ordem de Deus, Moisés fez uma cobra de bronze e a colocou no topo de um poste. Todos que olhavam para a cobra de bronze sobreviviam (vv [4-10](#)). A cobra de bronze foi preservada e mais tarde foi destruída por Ezequias, pois o símbolo havia se tornado um ídolo em sua época ([2Rs 18.4](#)). Mais tarde ainda, Jesus fez uma analogia entre esses pecadores perversos olhando para a cobra de bronze e sendo libertos e os homens olhando para ele com fé e sendo salvos ([Jo 3.14-15](#)).

Saindo daquele lugar fatídico, Israel viajou para dentro e subiu o Arabá, cruzou o Wadi Zered em um

desvio a leste ao redor de Moabe, finalmente cruzando o Arnom para o território amorita. Viajando para o norte, acamparam em Pisga ([Nm 21.10-20](#)).

Neste ponto, começa a conquista de Transjordânia. Em rápida sucessão, Israel derrotou Seom de Hesbom (vv [21-31](#)) e Ogue de Basã (vv [33-35](#)) e se estabeleceu nas campinas de Moabe ([22.1](#)). Este acampamento foi o cenário para o restante das atividades de Números, Deuteronômio e [Josué 1-3](#). Em um sentido real, pode-se dizer que as andanças pelo deserto agora estavam terminadas.

Aqui está o momento, então, para resumir a condição espiritual de Israel na véspera da conquista de Canaã. Números torna bastante evidente que toda a geração que saiu do Egito, com exceção de Josué e Calebe, morreria no deserto por causa de sua apostasia (cf. [Am 5.25](#)), incredulidade e falha geral em manter a aliança com Deus. Nenhuma das crianças do sexo masculino nascidas no deserto havia sido circuncidada ([Js 5.2-9](#)). [Salmo 90](#) destaca Israel como o destinatário da ira de Deus no deserto. É nesta condição espiritual lamentável que Israel chegou às campinas de Moabe.

Capítulos 22-24

Balaque, rei de Moabe, assustado pela presença de Israel, aliou-se a Midiã para contratar Balaão, o falso profeta, para amaldiçoar Israel. Por ganância, Balaão concordou ([2Pe 2.15](#); [Judas 1.11](#)), mas Deus o impediu, fazendo com que ele abençoasse Israel em suas quatro declarações oraculares ([Nm 23.7-10,18-24](#); [24.3-9,15-19](#)) e previsse a destruição de Moabe, Edom, Amaleque ([24.20](#)), os Queneus ([24.21](#)) e Assur ([24.24](#)). Com isso, Balaque e Balaão se separaram. Balaão, em conluio com Midiã, concordou em aconselhar Israel a cometer idolatria e imoralidade ([31.16](#)). Assim, onde Balaque falhou em virar o Senhor contra Israel, Balaão teve sucesso (cap [25](#)).

Capítulo 25

Israel pecou contra Deus por atos idólatras e imorais com o povo de Moabe (vv [1-3](#)). Ao cumprir o mandamento de Deus para destruir os israelitas reprovados, Fineias matou Zinri e Cosbi, sendo esta última filha de um dos cinco reis de Midiã (vv [4-14](#)). Este evento proporcionou a ocasião para Deus declarar uma guerra santa contra Midiã (vv [16-18](#); cf. cap. [31](#)).

Capítulo 26

O Senhor ordenou a Moisés que fizesse um censo dos homens da segunda geração que eram capazes de guerrear contra os inimigos de Israel. O número total chegou a 601.730 (v [51](#)), uma redução de 1.820 homens em relação à primeira contagem. Com uma força menor do que a da primeira geração, Israel conquistou Canaã, indicando claramente que Israel poderia ter poupado a si mesmo os anos de peregrinação se apenas a nação tivesse obedecido a Deus 38 anos antes em Cades. Os levitas totalizaram 23.000 homens de um mês de idade para cima (vv [57-62](#)).

Capítulo 27

A pedido das filhas de Zelofeade (cf. [26.33](#)) para que lhes fosse concedido o direito de herdar os bens de seu pai, já que ele não tinha filhos, o Senhor concordou que elas poderiam herdar, aproveitando a ocasião para estabelecer mais leis de herança (vv [1-11](#)).

Lembrando que em breve morreria em Abarim, Moisés pediu que Deus nomeasse seu sucessor. Deus escolheu Josué, e Moisés o comissionou (vv [12-23](#)).

Capítulos 28-30

Foi dada mais legislação sacerdotal sobre ofertas para várias ocasiões. Deus também instruiu Moisés a informar o povo sobre votos. Quando um homem fazia um voto, ele era inviolável ([30.2](#)), mas se uma mulher fazia um voto, o homem (pai, marido) responsável por ela poderia anulá-lo se achasse que era precipitado (vv [1-16](#)).

Capítulo 31

O relato da guerra santa declarada contra Midiã em [25.16-18](#) é apresentado. Com Fineias acompanhando 12.000 guerreiros, Israel derrotou Midiã, matando Balaão junto com os cinco reis e muitos homens adultos de Midiã ([31.1-8](#)). As mulheres e crianças midianitas foram capturadas, mas Moisés ordenou que todos os meninos e as mulheres não virgens fossem mortos (vv [9-18](#)). Não se deve concluir que esta guerra significou o fim de Midiã como tal, pois Midiã mais tarde se mostrou um inimigo importante de Israel na época dos juízes ([Jz 6](#)).

Após a batalha, os guerreiros foram instruídos a se purificar, assim como suas roupas e o espólio da guerra, antes de entrar no acampamento ([Nm 31.19-24](#)). Além disso, foram orientados a dividir o

espólio pela metade e a contribuir com um quinto de um por cento de sua metade para o sumo sacerdote (“o tributo do Senhor”). A outra metade foi dividida entre as pessoas que haviam permanecido no acampamento, após os levitas receberem uma contribuição de dois por cento (vv [25-31](#)).

Os versículos [32-47](#) fornecem o total do saque após sua divisão em duas partes e a quantidade que foi dada de cada parte a Eleazar e aos levitas. Alguns dizem que o total é alto demais para ser autêntico, mas não há evidências que contestem os números registrados.

Em ação de graças a Deus, porque nenhum israelita havia sido morto na guerra (v [49](#)), e para fazer expiação por si mesmos (v [50](#)), os oficiais do exército trouxeram uma oferta especial de enfeites de ouro para Moisés e Eleazar, que foi colocada no tabernáculo como um memorial (vv [48-54](#)).

Capítulo 32

A pedido deles e com a condição de que ajudassem as outras tribos na conquista de Canaã, Rúben, Gade e a meia-tribo de Manassés receberam a região de Transjordânia. Moisés suplicou fervorosamente ao Senhor para mudar de ideia sobre não permitir que ele entrasse na terra prometida ([Dt 3.23-27](#)). Mas Deus não permitiu.

Capítulos 33-34

Por ordem de Deus, Moisés manteve um registro escrito do itinerário de Israel, desde o Egito até as campinas de Moabe. Aqui está a evidência bíblica da autoria mosaica de Números.

As fronteiras da Terra Prometida foram agora definidas. A fronteira sul iria do extremo sul do Mar Morto, ao sul de Cades-Barneia até o Rio do Egito (Wadi el-Arish), e seguiria até o Mar Mediterrâneo ([34.3-5](#)). A fronteira oeste seria a linha costeira do próprio Mar Mediterrâneo (v [6](#)). A fronteira norte, não expandida até os tempos de Davi e Salomão ([2Sm 8.3-12](#); [1Rs 8.65](#)), deveria se estender do Mar Mediterrâneo leste até Hamate, na cabeceira do Rio Orontes ([Nm 34.7-9](#)). A fronteira leste deveria ser praticamente uma linha vertical, com o Vale do Jordão correndo ao norte até a fronteira norte (vv [10-12](#)). As nove tribos e meia deveriam dividir esta área entre si (vv [13-15](#)).

O Senhor então escolheu os homens que seriam responsáveis por dividir a terra de Canaã entre as tribos ocidentais após a conquista (vv [16-29](#)).

Capítulo 35

Deus instruiu Israel a dar 48 cidades em toda a terra, em ambos os lados do Jordão, aos levitas como posse permanente (vv [1-8](#)), já que essa tribo não foi incluída nas distribuições de terra para as outras tribos. O número de cidades que cada tribo deveria dar seria determinado pelo seu tamanho (v [8](#)). Seis das cidades levíticas, três de cada lado do Jordão, deveriam ser designadas como "cidades de refúgio" para o homicida (v [6](#); cf. [Js 20](#)).

Segue-se então a legislação referente ao homicida (vv [9-34](#)). Se o homicida cometeu assassinato, o vingador de sangue tinha o direito de cumprir seu papel como executor (vv [16-21](#)). Se, no entanto, a morte foi não intencional, o homicida devia fugir para a cidade de refúgio mais próxima para um julgamento. Se fosse considerado inocente de assassinato, ele deveria permanecer na cidade de refúgio até a morte do sumo sacerdote. Se ele deixasse a cidade antes disso, o vingador de sangue estava autorizado a executá-lo (vv [22-34](#)).

Capítulo 36

Baseando sua pergunta na lei anterior estabelecida no capítulo [27](#), os líderes de Manassés perguntaram se uma herdeira deveria ter permissão para se casar fora de sua tribo, considerando a consequente transferência de propriedade de uma tribo para outra que ocorreria. Deus ordenou que uma herdeira deveria se casar dentro de sua tribo (vv [1-12](#)).

O último versículo do livro refere-se a todas as leis dadas nas campinas de Moabe ([26.1-36.12](#); cf. [Lv 27.34](#)).

Educação teológica

No livro de Números, Deus é revelado como o Deus imutavelmente fiel à aliança ([Nm 23.19](#)). Essa fidelidade à sua aliança exigia que Ele tanto guiasse e cuidasse de seu povo quanto punisse seus pecados contra Ele. Mas nenhum impedimento foi tão grande que pudesse frustrar o desígnio de Deus de levar seu povo à terra da promessa ([11.23](#)).

Tanto por sua reação irada ao pecado de Israel quanto pelas numerosas leis sacerdotais, Deus destaca sua impressionante santidade. A legislação ensina claramente que a pessoa que se aproxima de Deus deve estar limpa. Mesmo olhar com olhos impuros para a santidade de Deus significava morte ([4.20](#)).

Sua soberania sobre toda a vida é evidente pela atenção que Ele demonstra até mesmo aos aspectos mais minuciosos da vida. A frase "E o Senhor disse a Moisés" ocorre mais de 50 vezes, e as palavras que seguem em cada caso tratam de todos os tipos de assuntos.

Como o Deus da aliança, o caráter "cristológico" de Deus também é evidente. A bênção e a fidelidade de Deus refletem o motivo cristológico. Finalmente, a liderança profética de Moisés ([At 7.37-38](#)) e o ministério intercessório (e.g., [Nm 11.2](#); [12.13](#); [14.19](#)), no sacerdócio aarônico (por exemplo, cap. [16](#)), nos sacrifícios de animais (cf. [19.9](#); [Hb 9.13](#)), e nos símbolos (o maná, a água, a serpente de bronze) prefiguram o futuro Cristo.

Nas respostas de Israel a Deus, o povo retrata toda a pecaminosidade e infidelidade humana. As andanças de Israel ilustram os resultados da incredulidade. As punições de Israel provam o ditado de [Números 32.23](#): "Porém, se vocês não cumprirem o que estão prometendo, estarão pecando contra o SENHOR. E fiquem sabendo que vocês serão castigados por causa dos seus próprios pecados" (NTLH). Números ensina de forma contundente que segurança e bênção só podem ser encontradas na confiança no Senhor. Somente ele é capaz de levar homens e mulheres ao lugar de descanso ([Hb 4.9](#)).

Veja também Deuteronomio, Livro de; Êxodo, Livro de; Gênesis, Livro de; Levítico, Livro de; Moisés; Peregrinações no Deserto.

Núpcias

As núpcias formam o local onde ocorriam as celebrações de casamento. Há também a "câmara nupcial" que é o local onde os noivos consumavam o casamento.

Veja Casamento, Costumes de casamento.

Nuvem, Pilar de

Fenômeno sobrenatural da presença de Deus que guiou os israelitas pelo deserto.

Veja Pilar de fogo e nuvem; Shekinah; Peregrinações no deserto.

Nuzi, Tábulas de Nuzi

Uma cidade no nordeste da Mesopotâmia, cerca de 14 quilômetros a sudoeste da atual Kirkuk. Originalmente chamada de Gasur, agora é conhecida como Yorgan Tepe. Escavações arqueológicas ocorreram de 1925 a 1931 e revelaram muitas descobertas interessantes. Yorgan Tepe é famosa por suas tábuas de argila, que tratam principalmente de transações comerciais.

No terceiro milênio a.C., Gasur era habitada principalmente por povos semitas. No meio do segundo milênio, os residentes eram hurritas, e o nome da cidade mudou para Nuzi. Os hurritas são identificados como os horeus na Bíblia (cp. [Gn 14.6](#); [36.20-21](#); [Dt 2.12,22](#)).

Muitas tábuas de argila do terceiro milênio a.C. foram encontradas, incluindo o mapa mais antigo conhecido. Os registros indicam que a compra de itens através do pagamento em prestações já era praticada.

Nos séculos XV a XIV a.C., escribas hurritas escreveram milhares de tábuas de argila, principalmente em babilônico. Esses registros fornecem muitas informações sobre os costumes e práticas legais do Oriente Próximo, esclarecendo o período patriarcal da Bíblia.

Aqui estão alguns exemplos de possíveis conexões entre Nuzi e a Bíblia:

- Em Nuzi, uma esposa sem filhos podia dar sua serva ao marido para gerar filhos em seu nome. Essa prática foi seguida por Sarai, Raquel e Lia ([Gn 16.1-4](#); [30.1-8](#); [30.9-13](#)). O pai tinha que criar o filho como descendente de sua esposa legal, e a esposa não podia expulsar a criança. Assim, Sarai não tinha o direito de expulsar o filho de Agar, Ismael ([Gn 16.4-6](#)).
- Em Nuzi, vender propriedade fora da família era proibido. Para contornar isso, as pessoas usavam adoção ou troca de propriedades. Para cuidados ao longo da vida e custos de sepultamento, um proprietário de terras rico poderia ser "adotado" por camponeses e receber suas propriedades. O mesmo homem poderia ser adotado por 300 ou 400 camponeses. Um casal sem filhos poderia adotar alguém para cuidar deles e herdar sua propriedade, semelhante à relação entre Abrão e seu servo Eliezer ([Gn 15.2](#)). Propriedades de pouco valor poderiam ser trocadas por propriedades valiosas, às vezes com dinheiro para cobrir a diferença. Em Nuzi, um homem chamado Tehip-tilla vendeu seus direitos de herança para seu irmão Kurpazah por três ovelhas, semelhante a Esaú vendendo seu direito de primogenitura para Jacó por um ensopado ([Gn 25.27-34](#)).
- Em Nuzi, um testamento oral ou bênção dada no leito de morte era legalmente vinculativo. Um homem chamado Huya, em seu leito de morte, deu ao seu filho Tarmiya uma esposa, Sululi-Ishtar. Os dois irmãos de Tarmiya contestaram isso no tribunal, mas o tribunal manteve a reivindicação de Tarmiya. Da mesma forma, Isaque teve que honrar a bênção que deu a Jacó, mesmo que tenha sido obtida por engano ([Gn 27.33](#)).

- Em Nuzi, a pessoa que possuía os deuses domésticos (*terafins*) herdava a propriedade do dono. É por isso que Raquel levou os *terafins* de seu pai Labão ([Gn 31.19](#)). Labão ficou muito chateado com o desaparecimento deles ([Gn 31.30-35](#)).
- Outro exemplo de adoção é semelhante a um caso na Bíblia. Nashwi adotou Wullu e deu sua filha Nuhuya a ele em casamento. Se Wullu se casasse com outra esposa, ele perderia a propriedade de Nashwi. Da mesma forma, Labão fez Jacó prometer não tomar outra esposa além de Lia e Raquel ([Gn 31.50](#)).

Veja também Inscrições.